

Parte II

Mitos e outras narrativas Kamayura

Pedro Agostinho

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

AGOSTINHO, P. Mitos e outras narrativas Kamayura. In: *Mitos e outras narrativas Kamayura* [online]. 2nd ed. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 31-127. ISBN 978-85-232-1203-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Parte II

MITOS E OUTRAS
NARRATIVAS KAMAYURA



1- ORIGEM DE KWAT E YAÏ

*Mavutsini(n)*¹ pegou flecha, para a gente, para os Kuikúro, para os Kalapálo arco de pindaíba, para os Waurá pegou rede, ele entregou rede para os Waurá. Para a gente entregou flecha, *Íwìrapìtang*. Para os Kuikúro arco de pindaíba, para os Kalapálo também².

De manhã *Mavutsini(n)* levantou-se e disse: “Minha filha, vou apanhar corda de arco”. “Tenha cuidado, senão seu sobrinho [filho da irmã] vai matar você.” Aí ele disse: “Não, não pode matar.” Aí ele foi, foi apanhar corda de arco, foi lá perto da casa de *Yawat* [onça], apanhar embira de tucum e disse: “Quem está tirando corda de arco? Não, não pode. Vamos cercar *Mavutsini(n)*, vamos matar”. E as onças saíram de casa. *Yawat* era sobrinho de *Mavutsini(n)*³.

¹ Galvão (1950:355) grafa *Mavutxinín*; Oberg (1953:30), *Mavutsiné*; Junqueira (1966:1), *Mavutsini(n)*; Laraia (1967:-17-19) dá *Moâcini(n)*. Este último caso tem interesse, pois *mua(n)ng* significa feitiço ou remédio, e parece ser também o nome de determinada madeira usada em práticas mágicas. Por outro lado, a *mavu* (outra madeira) aludem os cantos do *Kwarìp* como uma das que se valeu *Mavutsini(n)* para fazer os *Kwarìp*, isto é, as efígies que se transformaram em mulheres; mas outros informes dizem que se fala dela nos cantos apenas porque a seiva de *mavu* serviu para pintar os troncos. Além desta aproximação, nada nos é possível agora acrescentar, que possa esclarecer possível relação.

² Esquemáticamente, trata-se aqui da especialização manufatureira intertribal e da origem dos grupos xinguanos. V. os mitos 2 e 36, e também Junqueira 1966:1, Oberg 1953:30. *Íwìrapapìta (n)ng*, « arco preto».

³ Filho da irmã (não se esclarece se biológica ou classificatória), de *Mavutsini(n)* (que aliás em mito algum aparece realmente tendo uma irmã, antes, pelo contrário, surge como o ser primordial), *Yawat* situa-se em relação a ele de forma ideal e coerente com o desenrolar do mito. Ao oferecer-lhe suas filhas em casamento, *Mavutsini(n)* segue as regras de casamento preferencial entre primos cruzados. Repare-se também que se trata de um caso de poliginia sororal, como é frequente entre os xinguanos.

Quando o *Yawat*, esticou o arco, *Mavutsini(n)* falou: “Não faça isso com seu tio não, eu tenho moças para você casar.” Aí o outro companheiro da onça perguntou: “Quero ver onde foi, quero matar bem no pé do ouvido dele.” “Não, não pode” [disseram-lhe]. Um dizia que estava querendo matar, mas o outro dizia não estava querendo matar.

Aí *Mavutsini(n)* voltou para a casa dele, levando *Yawat* com ele, o que tinha avisado que o outro queria matar *Mavutsini(n)*. Chegaram em casa, ele mostrou o rapaz e disse que vinha para casar.

Aí as moças disseram que não queriam casar, porque a mãe dele, *Yawat*, as ia comer. *Mavutsini(n)* foi perguntando e nenhuma das moças quis.

Chegou, aí começou a fazer gente, aí começou gente mesmo, começou *Caraíba*, começou *Kalapálo*. Ele cortou *Kwarip*, primeiro [de] *Kamiiuwa*, depois de outro pau que se chama *Kwarip* mesmo, dois *Kwarip* e um *Kamiiuwa*. Começou a trabalhar de manhã, fez barbante, fez cabelo, braço, o pé não porque não tinha jeito mesmo. Fez olhos com umas baguinhas vermelhas (que têm um pontinho preto). Então quis fazer dentes, com concha de raspar mandioca, *ita(n)*, quebrada. Mas, quando experimentou risada, não foi boa, era preta. Aí chamou *Kakatsi*, que ajudou; chegou na casa dele, pediu para vir ver e ajudar, porque não tinha dado conta de acabar tudo. “O que é que não está certo?” “É o dente”. Chegaram lá, pegaram caroço de mangaba e colocaram no *Kwarip*⁴; estavam fazendo gente. Aí *Kakatsi* disse: “Agora está pronto.”

[*Mavutsini(n)* mandou as mulheres feitas assim, para casarem com a onça; mas uma delas atrasou-se].

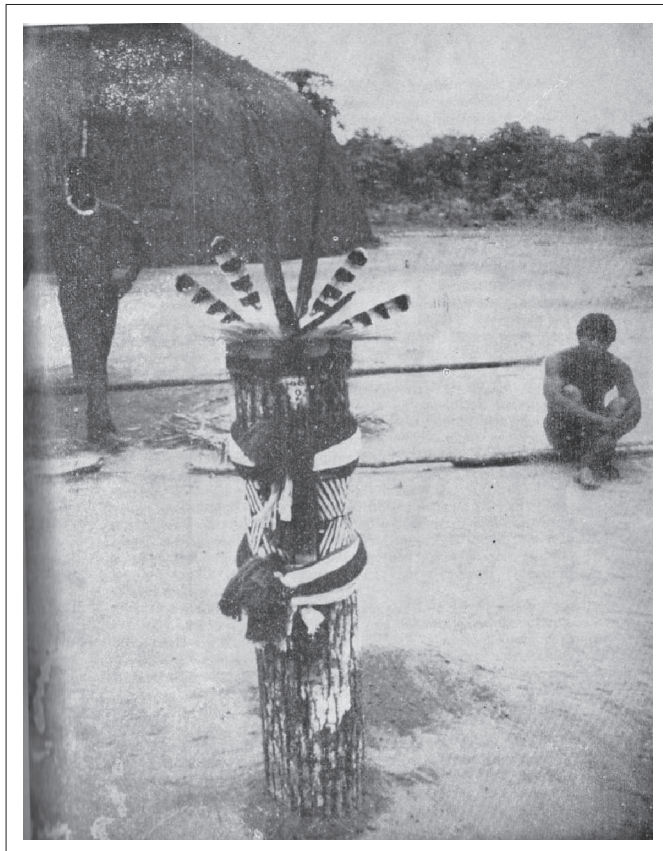
A mulher que ficou [perdida] virou bicho, com cabelo grande igual ao de mulher. Tem quem já viu, grita igual mulher, ainda hoje tem gente que vê.

As outras mulheres foram adiante, chegaram na aldeia da onça eram quase três horas [da tarde – o inf. Aponta a altura do sol], chegaram no porto da onça: “Vamos trepar no pau, vamos ficar esperando gente.” Aí ficaram esperando, e apareceu *Nyau(n)nyakunya(n)*, anu preto, era mulher. Veio, tomou banho e disse: “Não sou preta assim não, sou branca.” Aí olhou para cima e viu as mulheres: “Que é que vocês estão fazendo aí?” “Estamos esperando o pessoal.”

⁴ *Kwarip* significa duas coisas: os paus de que foram feitas as mulheres, e os que, semelhantes a esses, se erguem na festa dedicada aos mortos; e a própria festa, realizada periodicamente pelos fins da estação, o nome *Kwarip* parece ter-se alargado, de designativo apenas dos paus, para designativo da festa, por interferência do elemento civilizado na área. Obtivemos o informe taxativo de que o nome antigo da festa era *Torip*. Mas hoje *Kwarip* é termo corrente na área e fora dela, usado inclusive pelos índios de outras tribos, nas quais a festa tem denominação específica. Por isso usaremos *Kwarip* e não *Torip* neste trabalho.

Aí a turma de *Yawat* estava jogando bola⁵, e a anu foi lá e avisou que as mulheres estavam lá. Aí ele foi [*Yawat*], jogou flecha de assobio, depois outra, perto do porto, que caiu perto das mulheres, mas nenhuma quis pegar a flecha. Então o que tinha jogado achou que elas não eram parentes dele. Apanhou a flecha e foi embora. “Devem ir para casa de outro, porque não apanharam minha flecha. Se tivessem apanhado, então era comigo.” E foi embora. Voltou lá para diante.

Aí *Awaratsi(n)ng*, irmão da onça, jogou flecha, e elas apanharam, as três mulheres. Aí *Awaratsi(n)ng* levou-as para a casa dele; estava cheia de *minata*, que servia para mingau, cheio de caroços, e as mulheres não beberam, por isso. Quem tinha feito era a mulher de *Awaratsi(n)ng*. Passaram dois dias, aí a mãe de *Yawat* estava socando mandioca, e a mãe de *Awaratsi(n)ng* mandou as moças pedirem massa para comer.



Estampa 1 – Kwarip

⁵ Sobre o jogo de bola, v. o mito 39.

A Mãe da Onça perguntou para elas que é que estavam querendo, e disse que ia dar. E disse que *Awaratsi(n)ng* só comia *minata*, mandioca não. Aí convidaram as mulheres a trabalhar, a fazer beiju para a mãe de *Yawat*. As onças comiam só caça, resolveram e caçar veado para comer. E pediram às mulheres para fazer mingau, beiju: “Vocês querem ajudar hoje, porque eles vão caçar e têm de levar beiju para comer?”

Aí chegaram da caça, *Awaratsi(n)ng* também tinha ido com *Yawat*. Trouxeram muito veado e assaram muito para comer, e trouxeram pedaços para as mulheres. Aí essas moças estavam trabalhando para a onça, na casa dele. Então a mãe de *Awaratsi(n)ng* chamou-as para comer, e elas disseram que iam acabar de fazer o que estavam fazendo, depois voltavam. Deram pedaços de beiju para *Awaratsi(n)ng* comer carne assada. Depois, *Awaratsi(n)ng* convidou-as para voltar a sua casa; mas elas não quiseram, lá só havia *minata*. Aí fizeram mingau de caroço de piqui e deram para a mãe de *Awaratsi(n)ng*, e o espinho [do piqui] espinhou a garganta dela, toda, não podia mais falar: “Agora, você vai lá para a estrada e você tira.” Ela foi, roncando. “Você pode ir assim toda a vida. Pode ir mais longe.” Assim a mãe de *Awaratsi(n)ng* ficou como é hoje. Aí *Awaratsi(n)ng* veio, voltou a convidar para comer. Elas deram beiju para ele. Disseram que iam daí a pouco. Fizeram mais mingau de piqui e *Awaratsi(n)ng* ficou igual à mãe; foi para a estrada, foi longe fazendo força, mas não conseguiu tirar o espinho de piqui, foi embora e ficou assim roncando, até hoje, lá no mato.

Aí essas mulheres ficaram morando na casa de *Yawat*, porque o *Awaratsi(n)ng* já tinha ido embora. Aí convidaram para ir para a roça. Chegaram no meio da estrada e *Yawat* falou: “Se minha mãe convidar vocês para catar piolho quando eu não estou, não vão não que ela come vocês. Ela vai dizer assim: “Estou cheia de piolho; não vou fazer nada, pode vir catar...” Aí as mulheres ficaram sabendo: “Mas não catem não, senão ela come vocês.”⁶

Então a mãe da onça coçou a cabeça, pedindo para catar piolho. Uma moça foi, começou a catar e a comer o piolho. Mas o cabelo enrolou no piolho e no dente da moça; ela cuspiu e a mãe da onça disse: “Você está com nojo de mim”, e pulou nela, sangrou ela no pescoço. A moça estava meio prenhe e morreu, morta pela mãe da Onça.

⁶ A proibição de *Yawat* conforma-se à norma de relações de evitação entre sobra e nora. Vê-se como aquela é potencialmente perigosa a esta; o que também explica a recusa inicial das filhas de *Mavutsí(n)* quanto ao casamento com *Yawat*.

Quando chegaram da roça, viram que a mais nova estava morta. A mais velha disse que devia ser a mãe da Onça que tinha matado. Disse isso para *Yawat*, que era marido dela, e disse: “Agora você vai convidar meu avô, *Tanaba(n)* [formiga], para tirar a criança da barriga dela.” *Tanaba(n)* veio, chegou lá perto da mulher que estava morta, examinou. E disse: “É homem, não é mulher não [que ela tinha no ventre].” E tirou o menino; depois voltou a dizer a mesma coisa e tirou outro. Guardaram-nos num quartinho⁷ e de manhã os meninos já estavam mexendo. O pai botou na porta deles a rodilha de transportar cargas à cabeça, mas eles não aceitaram, rodilha é só de mulher. Aí fez dois arcos com três flechas cada um, e eles pegaram e saíram fora. Gostaram só das coisas de homem, de mulher não⁸.

Aí foram matando passarinho, calango, por aí. Saíram, e ficaram embaixo da porta⁹, deram volta na casa e encontraram a mãe de criação, que falou que não brigassem com ninguém.

Mataram um calango. O menino disse ao pai que matara o calango, que era avô deles; *Yawat* disse que não podiam, porque era seu avô. Contaram os cinco dedos do avô e é verdade que ele tem cinco, como a gente. [O intérprete acrescenta: “Eu também contei, no outro dia, e é igual à mão da gente.”]. Depois enterraram o calango, porque era avô deles; por isso até hoje não se come calango, porque é nosso avô¹⁰. Até caraíba não come. Aí não jogaram fora o calango¹¹.

Então encontraram o calango azul, ele falou: “Que estão fazendo aqui, meus netos?” “Caçando.” “Vou contar história para vocês: lá no meio do abacaxi do mato, está a avó de vocês, que matou sua [vossa] mãe. Então

⁷ O “quartinho”, *mĩritsi*, é um pequeno recinto construído no interior das casas e no qual ficam confinados os indivíduos de ambos os sexos submetidos a reclusão ritual.

⁸ A definição de entidades através de atributos de ordem material (rodilha x arco = mulher x homem) ocorre outras vezes na mitologia xinguana, principalmente no mito de origem das tribos (mito 2), em que os itens de especialização manufatureira são os atributos em questão (p. ex. arco x rifle = Kamayurá x Caraíba).

⁹ Isto é, na soleira. Nesta situação aparecem diversas vezes *Kwat* e *Yai*.

¹⁰ São mal conhecidos os motivos das restrições incidentes sobre a morte e consumo da maioria dos animais de caça entre os Kamayurá (agricultores e pescadores). Este é um exemplo. Oberg (1953:19) informa que matam mas não comem o veado, por vingança da destruição feita por ele na roça de mandioca plantada por *Paku(n)* (v. tb. mito 24). Sobre restrições deste tipo entre os Suiá, v. mito 30; aliás, ignoramos se se trata, nesse caso, de um comportamento efetivo ou apenas de uma atitude depreciativa dos Kamayurá.

¹¹ O “parente” é enterrado, ao contrário do comum dos animais mortos e não comidos, que são deixados para o Urubu (v. mitos 18,19,20,21). Temos informes de que correriam a mesma sorte os corpos dos feiticeiros (*mua(n)ngyat*) mortos em represália de suas atividades.

vou levar vocês lá.” Aí eles diminuíram, ficaram pequenos assim, desse tamanho [indica com a mão uns 40cm], e foram lá ver a avó deles. E o calango foi embora. A avó viu-os e começou a brincar com eles; debaixo do pé dos meninos, tinha pedra para matar a avó. Ela brincou com um no colo, e depois de brincar, botou no chão e pegou o outro. Quando o outro, ele meteu o pé com força para pular, em cima do coração da velha; ela morreu. Nesse tempo, ainda não tinham nome, os meninos. Quando voltaram para casa, falaram com o pai, *Yawat* achou bom, porque ela tinha matado a mãe deles.

Kuyatiti [perdiz] era também avó deles. A mãe de criação falou para não mexerem no amendoim dessa avó. E eles disseram que não sabiam que estava na roça da velha. Escondidos, foram roubar amendoim, a perdiz veio e viu, achou que eram dois meninos que não tinham mãe. Disse: “Vocês chamam para ela [a mãe de criação] mãe, mas ela não é mãe mesmo. Mãe mesmo de vocês está enterrada no meio da aldeia.” Eles responderam: “Vovó, conta a história para a gente agora.” Ela contou que a mãe estava enterrada bem no meio da aldeia, que a avó deles tinha matado. Os meninos foram para casa, e ficaram chorando embaixo da porta. A mãe viu e soube logo porque estavam chorando, e quem é que tinha contado. Aí saiu e perguntou para eles que é que tinham. Eles disseram que sabiam, ela disse que era certo e que ela era irmã da mãe deles. Então perguntaram onde estava enterrada, a mãe e ela disse.

Foram lá, perto do buraco, choraram primeiro em choro de Kamayurá, depois de Kalapálo, Kuikúro, Mehinaku, Yawalapití, Awetì, Waurá, Trumaí, o resto do Matipú, Kayabí, Yurúna, Txukahamã, depois Suiá, depois Txikão, depois acabou¹².

“Vamos agora experimentar tirar a mãe do buraco, para ver se está boa.” Chamaram, ela respondeu um pouco, eles tentaram, ela respondeu, muito fraco. Eles experimentaram, chamando “mamãe, mamãe, mamãe”, ela respondeu sempre, fraco. Cavaram e tiraram a mãe do buraco, puseram fora e chamaram. Ela respondeu, fraco, e eles viram que não dava de falar mais, os bichos da terra tinham comido a garganta dela. “Se você tivesse chamado antes, tínhamos tirado você de lá, antes.”

Aí convidaram *Tumutumuri* para enterrar a mãe deles. É um marimbondo, amarelo, com cabeça vermelha, que faz buracos no chão. Aí chamaram, convidaram para enterrar a mãe deles. Quando acabou de

¹² O inf. enumera tribos xinguanas e marginais (Simões 1963) e refere-se às suas particulares formas de choro ritualizado.

enterrar, fizeram banho nele primeiro. Depois urucu na cabeça dele, *aka(n)wa(n)ng*, por isso a cabeça dele é vermelha¹³.

No outro dia, o pai dos meninos, *Yawat*, queria que eles andassem como onça, e tentou fazer pernas e braços, tudo igual onça. Mas quando ele puxou a cara deles para ficar igual onça, eles não agüentaram, começaram gritando, “Me salva, me salva!” – chamando *Kawabib*¹⁴. Aí os *Kawabib* vieram e *Yawat* ficou com medo. Então os meninos atiraram o pai e a mãe de criação lá para o céu, e o nome deles agora é *Ìwakakape ayruipi* (“os que estão na Via Láctea”)¹⁵. O resto do pessoal da onça foi mandado para o mato, são as onças todas de agora. Estão por aí¹⁶.

Passou um pouco, *Mavutsini(n)* chegou [do] *Murena*¹⁷, lá na aldeia do *Yawat*, e achou só os netos. Perguntou onde estava o pai, eles disseram que estava no *Ìwakakape*. Então chamou-os para morarem no *Murena*, lá iam fazer muita coisa.

Eles aceitaram ir para lá. Chegaram na aldeia de *Mavutsini(n)* e o pessoal perguntou o nome deles. Ai disseram: “*Tsaukuma*”. Ai disseram-lhes: “Não, esse não pode ser seu nome, de vocês dois. Vocês querem levar meu nome? Meu nome é bom.” Aí *Kwarayumia*, bicho parecido com cigarra, pretinho, grilo, falou isso: “Meu nome é *Kwat* (sol) *Yaì* (lua), *Kwat* o mais velho, e *Yaì* o mais novo.” O mais novo chamou-se Lua, o mais velho, Sol. Aí os meninos quiseram. Quando mudaram de nome, moravam lá no *Murena*¹⁸.

Do *Murena*, *Savuru* trouxe muito colar, para fazer visita lá no *Kawira(n)ng*¹⁹, na boca do [rio] Tuaturi, e lá encontrou ariranha pescando com rede. Ela desceu, veio perguntar o que estavam fazendo. “Nós estamos

¹³ *Aka(n)wa(n)ng* é o nome genérico da pintura de cabeça, e o *Tumutumuri* passa por rituais de supultamento idênticos aos de hoje.

¹⁴ No mito sobre o javari, que recolhe, Galvão cita os *Kawabib*. Segundo esses autor, é o termo geral usado pelos *Kamayurá* para designar as tribos hostis que faziam incursões na área (Galvão 1950: 355). Vimo-los usar a expressão como equivalente de “índio bravo”, “inimigo”.

¹⁵ As Guias do Cruzeiro do Sul (*alfa* e *beta* do Centauro) são chamadas *Yawat ìwakakape*, a Via Láctea, literalmente “caminho do céu”.

¹⁶ A luta de *Kwat* e *Yaì* com a tribo de seu pai, recorre em diversas variantes, de forma mais elaborada. V. Laraia 1967:17-19. Para outras tribos xinguanas, v. Carvalho 1951:16-25 (Kalapálo); Steinen 1940:477-490 (Bakairí); de Kalukuma(n), velho Aweti, recolhemos uma, já com indícios de aculturação (*Mavutsini(n)*)= Jesus Cristo; os caraíbas, criados a partir de barro – negro e branco...).

¹⁷ *Murena*, na confluência dos formadores do Xingu, é o principal palco da ação mítica, e considerado pelos *Kamayurá* como centro do mundo. No local, já uma cachoeira que desempenha importante papel em diversos relatos.

¹⁸ Variantes deste trecho: v. mito 10.

¹⁹ É o local onde até há pouco morou *Maluaré*, índio Karajá residente no Xingu, no lugar de um antigo posto do S.P.I.

querendo pescar.” Aí ela emprestou a rede, mas ele achou que era muito perigosa, que podia cair nela quando tomasse banho.

Aí saíram de casa, levantaram cedo, depois do galo cantar [sic]. Tomando banho, indo mais no fundo, o rapaz caiu na rede e morreu. A mulher dele achou que estava demorando, foi ver, as duas mulheres dele foram ver, estava morto na rede que ariranha emprestou. *Savuru* morreu, quando estava obedecendo ao conselho de ariranha, de ir olhar a rede quando o galo cantar. Foi aí que ele morreu; *Savuru* era gente. Veio do *Murena*, com duas mulheres. E as duas mulheres acharam-no morto: “Porque é que vocês fazem coisas dessas para os homens?” E choraram. Aí a mulher mandou a ariranha avisar *Kwat* e *Yai* que *Savuru* estava morto.

Então chegaram *Kwat* e *Yai* lá no *Kawira(n)ng*, e choraram muito. Aí levaram as mulheres, voltaram para *Murena*, [mas antes] demoraram muito tempo lá [no *Kawira(n)ng*], e depois ficaram com muita fome: “Lugar ruim esse onde não se come nada.” Então disseram-lhes: “Sei de um lugar aqui onde há muito peixe, aqui. É o lugar de *Ayanari*” (também é gente). Aí saíram, chegaram lá, foram bem recebidos. *Ayanari* pediu para não falarem bobagem, senão podia acontecer alguma coisa. *Kwat* era perigoso. *Ayanari* perguntou o que queriam, disseram que queriam água, que foram atrás de água. Ele disse que tinha, mas era suja. Mostrou e eles foram tomar banho com *Ayanari*, que tinha água guardada numa casa que se chama *Tapwi (n)* que é o nome da casa de *Yakui*. Aí *Ayanari* foi matar peixe para *Kwat*, lá na casinha. Matou só peixe elétrico, *Wirake*, peixe ruim, e cozinhou. Só peixe com muita espinha, para que os dois *Kwat* morressem. Peixe bom mandava soltar. Aí cozinhou e deu a panela cheia para eles comerem.

Kwat pensou: “Isto aqui tem muito espinho, vamos pedir a *Bo(n)ko(n)bo(n)* [socó] a colher dele.” Ele emprestou. Aí comeram bem, não aconteceu nada. Acabaram de comer, tudo.

Passaram três dias na aldeia de *Aynari*, e voltando a *Murena*, fizeram muitas coisas, máscaras *yakuikatu*, de *kaba(n)bã(n)*, [outras coisas de que o informante não quer dizer o nome] e *iwat*; *warayumia* [trocano] também. Tudo isso, para roubar a água de *Aynari*.

Chegaram lá ao meio-dia, quebraram o tanque de água com as bornunas, havia bichos lá dentro. Os bichos mataram todo o pessoal de *Aynari*. Ele reclamou, que ia ficar sem água, sem aldeia. A ariranha estava, também, no meio dos bichos que brigaram com *Ayanari*. Hopap [acabou]²⁰.

²⁰ Este tema é retomado, adiante, noutros textos: v. mitos 13,14. Sobre a associação de máscaras, flautas e casa de *yakui* com a água e peixes, v. também mitos 5 e 29, e índice: *Yakui*, *Tapwi(n)*.

2- ORIGEM DAS TRIBOS

Mavutsini(n) foi que começou a fazer nós, vocês, todos. *Mavutsini(n)* fez o primeiro arco [preto]. Depois fez o arco branco. Depois ele fez borduna. Depois ele fez as armas de vocês, rifle (.44; .22), chumbeira²¹.

Mavutsini(n) foi tirar madeira; tirou quatro madeiras. Depois ficou fazendo, pintando os paus; ficou todo pintado. Depois ele foi para casa dele. Essas madeiras viraram gente, ele depois foi lá olhar, tudo saiu como gente. Depois pegou arco, borduna, flecha, rifle.

Ele falou para o Kamayurá: “Você vai pegar o rifle. E vai pegar o arco branco o Kuikúro; quem vai pegar borduna é o Txukahamã; quem vai pegar panela é o Waurá.”

Kamayurá foi, ia pegar rifle, aí correu foi pegar só arco. *Mavutsini(n)* mandou o branco pegar o rifle. Kamayurá pegou arco preto, *iwirapapita(n)ng*, achou bom. *Mavutsini(n)* com raiva mandou o branco embora, para longe: “Você não pode ficar aqui. Se pegasse arco bom, podia ficar por aí; mas pegou rifle, vai embora.”

Aí nasceu muita gente. Mandou que os Kuikúro, Waurá, Kamayurá, ficassem. Txukahamã tiveram de ir embora, são índios bravos.

Por isso nós usamos arco; vocês usam revólver e rifle. Waurá usa panela.

3- ORIGEM DE KWAT E YAÏ E DO KWARÏP

Tinha árvore preta, então *Mavutsini(n)* estava querendo corda de arco; então foi procurar, disse: “Vou tirar corda de arco, quem tem é a Onça.” A filha dele não queria que ele fosse, tinha medo de que a Onça o matasse.

Mavutsini(n) tinha cinco filhas; então ele foi tirar corda de arco, foi tirar corda da Onça [*Yawat*]. Ela tem a corda plantada, ele vem roubar, escondido. *Mavutsini(n)* tirou corda que era assim como corda de tucum. *Yawat* estava em casa; ele viu tirar corda, chamou seu pessoal para olhar *Mavutsini(n)*: “Alguém está roubando nossa corda; vamos esperar. Quero dar-lhe uma flechada.”

²¹ Demonstramos (1996) que este mito corresponde a uma classificação das tribos do Xingu, e é esta uma das variantes mais simples, referindo o Caraíba, três grupos xinguanos e um marginal. Na variante Awetü colhida de Kalukuma(n) aparecem dez tribos xinguanas (atuais e extintas), cinco marginais, e uma exterior à área (Mundurukú), e duas espécies de Caraíba (branco e negro). É de notar que todas as variantes Kamayurá que conhecemos se caracterizam por sua simplicidade.

Mavutsini(n) [ouvindo], falou: “Você não pode me flechar; eu tenho filha para você casar com ela.” A onça pediu desculpa, dizendo que quem estava falando era um Amigo seu. Mas *Mavutsini(n)* disse que não que tinha ouvido. E prometeu: “Tenho filha para você casar.” “Então não flecho mais você.” E prometendo a filha, *Mavutsini(n)* foi embora.

Depois *Mavutsini(n)* chamou a Onça, *Tiwa*. Ela não deixou o Amigo, onça também, matar *Mavutsini(n)*. *Mavutsini(n)* foi levou a corda de arco e chegou ao meio-dia. “Você já chegou, pai?” “Prometi vocês para casarem com a Onça.” “Não quero, senão a Mãe da Onça vai me comer.” Repetiu a pergunta a todas as filhas e todas recusaram.

No dia seguinte *Mavutsini(n)* foi cortar paus para *Kwarip*. Cortou dois, mais dois, seis *Kwarip* (2 de *kamiuwa*, 2 de *kwarip*, 2 de *mayaka ip*). *Mavutsini(n)* ficou pintando os paus, fazendo *Kwarip*, gente. Quando acabou, ficou rezando. À *Kwarip* virou, ficou igual a gente.

Aí *Mavutsini(n)* foi procurar cabelo. *Tsitsika* é um passarinho que tem cabelo, então *Mavutsini(n)* trouxe o cabelo para o *Kwarip*, ficou igual cabelo de mulher. Faltava dente, ele fez dente de concha grande [aquática], *ita(n)*, que é o raspador de mandioca. Mas os dentes quebrava e ele fez dentes de sementes de mangaba; ele mandou rir, ela riu e ele achou bom, os dentes eram branquinhos.

Aí ele falou para o pau: “Prometi minhas filhas para a Onça, elas não quiseram; agora vocês podem casar com a Onça. Agora as seis vão casar com a Onça. Prometi para ele.”

Então mandou quatro delas para a Onça, então ficou com uma. Entregou [às quatro que partiam] urucum para pintar e pente: mas uma delas esqueceu-os e voltou para buscar, pedindo que esperassem. Mas as outras não esperaram, e a outra não as achou, veio gritando, não as encontrou: entrou no mato e ficou morando. As restantes continuaram e quiseram fazer corda de buriti para a cintura²². Uma subiu [a palmeira], duas ficaram embaixo: uma das de baixo tirou unha, fez mutuca, que foi para cima fazer a outra cair. A de cima derrubou o palmito de buriti, que ficou embaixo com a ponta para a cima. Aí quando quis descer, a mutuca fez que caísse; o palmito entrou no *ta(n)ma* [órgãos sexuais] dela e matou-a. Ela ficou lá, sem enterrar.

²² Trata-se do *uluri* (tamehawp, *kunya(n) kuabap*), minúscula cobertura pubiana e respectivo cinto, que serviu a Galvão para caracterizar (1960) a área cultural do Alto Xingu ou «área do *uluri*». A variante Kalapálo publicada por Carvalho revela que a função dessa peça de vestuário é impedir as relações sexuais indiscriminadas (1951:16-25); o homem que a tocar será atingido de panema, isto é, má sorte em suas atividades, de caça e pesca principalmente.

Voltaram a andar, às 3 horas chegaram no porto das onças. E disse uma [das moças]: “Vamos esperar aqui. A onça vai fazer uma flecha de assobio²³.” Subiram numa árvore e esperaram.

Outra mulher, *Nyiau(n)nakunya(n)* [anu preto] foi ao mesmo porto, banhar-se. E ela disse para o anu, seu companheiro: “Dizem que somos pretos, mas nós somos brancos.” (Eram pretos mais viam-se brancos). Aí a mulher de *Mavutsini(n)* [isto é, feita por *Mavutsini(n)*] riu e a anu achou ruim. Depois os anus correram.

As mulheres de *Mavutsini(n)* ficaram esperando. Anu foi contar à Onça, que disse que tinha de ir buscar [as moças]. Saiu jogando flechas de assobiar, até chegar nas mulheres. Mas elas não quiseram pegar as flechas: discutiam se eram da Onça ou daquele Amigo dela. Não pegaram. A Onça perguntou [a si própria] porque não as pegavam, [pois] *Mavutsini(n)* tinha prometido. Aí voltou. O Amigo jogou flecha e as moças pegaram, pensando que era da Onça.

Aí o Amigo pegou [as moças] e levou-as. As duas fizeram vento e abriram a roupa do Amigo e viram que tinha a bunda cheia de feridas. Aí viram que não era a Onça, mas seu Amigo. E foram para a casa dele. Mas a Onça ficou brava por causa disso.

O Amigo tinha Mãe; mas não tinha roça nem comia beiju: só fruta. A mulher do Amigo fez mingau de fruta, mas as mulheres não quiseram. De tarde, a Mãe da Onça estava usando polvilho. A mãe [do amigo] disse-lhes que não tinha beiju, só a onça tinha, e que fossem pedir massa de mandioca.

Foram e pronto: quando voltaram, disseram à mãe do Amigo que eram muito pobres e que não tinham beiju. Deram-lhe, e ela foi trabalhar, perguntando: “Por que vocês não pegaram a flecha da Onça?”

No dia seguinte foram pedir mais beiju. De tarde, a Onça disse para a gente dela: “Vamos caçar amanhã, todo mundo.” A mãe da Onça disse às duas mulheres: “Venham ajudar amanhã, a fazer beiju para o pessoal que vai caçar.” O pessoal saiu, mas a Onça ficou. Mentiu para os outros, disse que estava com os olhos doendo. Os outros disseram-lhe para voltar. Ela voltou; mentira dela. Quando voltou encontrou as moças lá e disse: “Agora vocês têm de ficar comigo, mesmo que seu marido volte.”

²³ Esta flecha é de cana de ubá, e tem na ponta um coquinho com duas fendas perpendiculares a seu eixo, que provocam o silvo característico. Difere do comum das flechas xinguanas em não ter vareta (foreshaft), e na emplumação. Em vez da « emplumação costurada », característica do Xingu, a sua é do tipo « Brasil Oriental » duas penas atadas pelos extremos à haste e com uma torção aproximada de 90% em relação ao eixo desta.

O pessoal da Onça voltou de tarde e ela levou-lhe comida, lá fora. O marido delas veio buscar [as moças]. A mãe do Amigo disse: “Olhem, seu marido está aí, podem ir comer a carne que ele assou.”

Elas tiraram beiju para levar, mas a Mãe da Onça, não as deixou ir. A Mãe do Amigo voltou de novo para buscá-la, mas elas não foram.

Elas fizeram *kawi(n)*²⁴ para a Mãe do Amigo beber, misturando com espinhos de piqui; os espinhos ficaram todos na goela; e mandaram-na embora, para o mato. Aí o Amigo veio, para buscá-las: fizeram a mesma coisa e mandaram-no embora, pelo mesmo caminho para o mato.

Depois, uma das moças já tinha filho na barriga, feito pela Onça. Estava prenhe.

A Mãe da Onça tinha muito piolho, pediu que catassem; a Onça avisou que não catassem, senão sua Mãe as comeria.

A Onça foi com uma das moças à roça; a Mãe da Onça pediu, e a que ficou foi-lhe catar piolho e comeu um com cabelo, que se enganchou na boca. Ela quis cuspir o cabelo e a Mãe da Onça achou ruim: “Você não está gostando de mim.” E aí matou-a, e fugiu para o mato.

Quando a Onça voltou, a outra moça viu a outra moça morta: “Sua Mãe comeu minha irmã!” A Mãe da Onça foi morar escondida no meio do abacaxi do mato.

O avô da Onça chamava-se *Tumutumuri* [marimbondo riscado], e [a Onça] foi procurar que ele fizesse o enterro. Outro avô da Onça era *Tanaba(n)* [formiga], que entrou dentro da barriga da mulher morta (pelo *ta(n)ma*) e tirou dois meninos. *Tanaba(n)* olhou e disse à Onça que eram dois homens.

“Como vou criar?” – disse a Onça. [*Tanaba(n)*]: “Você pode fazer casinha lá dentro da casa, e guardar os meninos lá:” Aí a Onça “rezou”²⁵, muito. Os meninos depois andaram. A irmã da moça que morreu fez *uluri* e pôs na porta dos meninos, pensando que eram mulheres. Depois o pai fez arco pequeno, e os meninos pegaram²⁶. Eles andaram dentro da casinha, depois caçaram passarinhos fora de casa e calangos.

A Onça depois foi na roça, ma [na verdade] escondeu-se debaixo das folhas com a mulher, perto de casa.

²⁴ *kawi(n)*, bebida feita de beijos desmanchados em água fria. Não é a bebida fermentada – coisa desconhecida no Xingu – que, com denominação semelhante, tem larga difusão.

²⁵ Isto é, cantou fórmulas mágicas, acompanhando-se com um maracá.

²⁶ Os atributos mudam, o efeito mantém-se: *uluri* x arco = rodilha x marco.

Aí [um dos meninos] disse ao outro: “Você pode flechar passarinho.” Depois o menino foi roubar amendoim de uma mulher. Depois, a mulher falou para eles: “Ah, vocês estão comendo meu amendoim. Vocês não têm mãe; essa que pensam, é tia; quem matou sua mãe foi sua avó.” Aí quiseram saber da avó. E disseram à mulher qual o seu nome [isto é, como se chamavam eles próprios]: “*Kwat* e *Yai*,” e este era o mais novo. Aí ela contou quem lhes tinha matado a mãe e onde estava. Ela mostrou e os meninos acharam a avó. Então eles mataram-na.

O menino veio chorando, pela porta – “Mãe, mãe, mãe...” Então o menino falou para a mulher do pai dele: “Você não é minha mãe. Você não é mãe nossa. A mãe já morreu, você pode contar onde enterrou mamãe.” Aí mostrou, aí os dois meninos foram cavar. Cavaram até achar. A mãe deles estava morta há muito tempo, tiraram do buraco. Aí o menino foi agarrá-la para levantar. Depois o outro foi agarrar ela, depois levantou a mulher, mas ela estava morta. Aí enterraram de novo.

Depois os meninos saíram de lá e foram embora, lá para *Murena: Mavutsini(n)*²⁷.

Aí os meninos falaram: “Será que esse *Kwarip* vai virar?” “Não, não vai virar mais, é só para lembrar sua mãe”, disse *Mavutsini(n)*. E ensinou a fazer *Kwarip*. Depois convidaram outra tribo, todas as tribos vieram lá, para a festa.

Mavutsini(n) falou: “Bom, vamos fazer *Kwarip*, toda ano assim. Só para lembrar. Não é para virar não.” Aí *Mavutsini(n)* falou: “Quando acabar de fazer *Kwarip* tem de lavar lá dentro d’água. Não pode ficar aqui fora.”

Aí, *Mavutsini(n)* mandou *pareat* para chamar outra tribo. Aí esses dois meninos estão tomando conta do *Kwarip*. A tribo convidada não quis vir. Aí ele mandou convidou outra tribo, aí ela veio e fizeram festa.

Quando acabou a festa, os meninos levaram o *Kwarip* [para] dentro d’água, no lago pequeno que havia perto, para as outras tribos não verem o *Kwarip*. Depois fizeram mato para fechar o lago, para não se ver. Aí esconderam *Kwarip*. Até hoje, ninguém viu, Kamayurá, o *Kwarip* dos meninos. Só Trumaí viu.²⁸

²⁷ Acompanhada de perto variante anterior (mito 1) até aqui, passa esta a tratar agora do primeiro *Kwarip* comemorado em honra de um morto, e não mais com intuítos criadores (ou transformadores): «Só para lembrar. Não é para virar não». E assim continuam a ser hoje feitos os *Kwarip*.

²⁸ O *Kwarip* é a mais importante festa intertribal, e os troncos são efetivamente lançados à água, com o fim do cerimonial. V. mitos 4 e 5.

4- COMO MAVUTSINI(N) COMEÇOU KWARÏP

Mavutsini(n) tirou madeira, para fazer *Kwarïp*. *Mavutsini(n)* tirou madeira, quatro madeiras. Depois *Mavutsini(n)* estava pintando esse madeira, para fazer *Kwarïp*. Bom. *Mavutsini(n)* tirou jenipapo, para pintar esse madeira.

Depois *Mavutsini(n)* foi pescar, pescar muito mesmo, muito peixe.

Então *Mavutsini(n)* chegou lá... (*Mavutsini(n)* estava sozinho). Bom, então ele fez outro madeira, para fazer gente. Tirou jenipapo, estava pintando, depois *Mavutsini(n)* botaram [botou a] madeira lá dentro da casa²⁹. Depois *Mavutsini(n)* saiu de lá, fechou a porta, depois, amanhã, de manhã cedinho, já está começando a virar, assim, gente. Aí ele [as madeiras] virou gente.

Aí *Mavutsini(n)* fez *urua* (*urua* para vocês se chama flauta), depois *Mavutsini(n)* deu *urua* para esse que [ele] fez, esse [de] madeira. *Mavutsini(n)* deu *urua* para o gente, dançar. Aí *Mavutsini(n)* acha boa essa dança, *urua*³⁰.

Depois, *Mavutsini(n)* mandou avisar a outra tribo para ele fazer festa³¹. Três outra tribo vem, fazer festa.

Aí *Mavutsini(n)* estava pintando *Kwarïp*. Estava assim, *Mavutsini(n)* estava fazendo bem enfeitado, esse madeira, igual gente. Depois essa outra tribo estava dançando, dançando muito mesmo. Acabar[am] de dançar, depois *Mavutsini(n)* pegaram o peixe, para a outra tribo. Muito peixe, muito beiju, muito *kawi(n)*³². Depois, acabar de comer, depois dança. Muita dança mesmo. Bom.

²⁹ É muito resumida essa variante. Na realização atual da festa, os *Kwarïp* são preparados à entrada da aldeia. Entre os Kalapálo, observamos, em 1966, fazerem isto no interior da casa das flautas; e informaram na ocasião que os Kuikúro e Nahukwá-Matipú procedem do mesmo modo. Estas, são as três tribos Karib da área. Repara-se, no entanto, que aqui *Mavutsini(n)* está criando gente, para participar da festa; só na segunda parte do mito ele entra na sua preparação propriamente dita.

³⁰ Longas flautas feitas de seções de bambu e tocadas aos pares. Compõem-se cada uma de 2 tubos, com bocal, e válvulas de abertura quadrangular. Um par que medimos tinha de comprimento máximo, respectivamente, 233cm para a flauta maior e 215cm para a menor.

³¹ O convite é feito por meio de enviados, *pareat*, em número de três, o principal dos quais é escolhido dentre os sepultadores do morto a quem se dedica o *Kwarïp*. Para cada tribo convidada, vai um grupo de três *pareat*.

³² Fator de prestígio para o hospedeiro, a abundância de comida é medida de sua amabilidade para com os visitantes. O mito 27 ilustra um conflito surgido, em parte, por causa da falta de comida, e, portanto, de atenção dos promotores de uma festa de jacuí, em relação a seus convidados. As prestações e contraprestações em serviços (participação no cerimonial) e comida são importante fator integrativo no decorrer do *Kwarïp*.

Bom. Depois *Mavutsini(n)* tirou esse madeira, *Mavutsini(n)* levou esse madeira lá dentro d'água. Assim que ele começou festa, *Mavutsini(n)*. Quem que começou festa foi *Mavutsini(n)*. Esse chama *Kwarip*³³.

Ele começou tudo qualquer coisa, esse *Mavutsini(n)*.

5- PEIXES E ONÇAS NO KWARIP

Katsini(n) foi pescar, foi subir em cima de pau, esperando peixe, de manhã. Então o peixe de rabo vermelho e rosto branco, que agente chama *ararapira* [peira arara], quando viu *Katsini(n)*, disse-lhe que não flechasse, que eles também eram gente. O peixe então convidou a ir com eles, peixes, a ir ao *Kwarip* da mãe de *Kwat* e *Yaì*. Aí *Katsini(n)* teve medo, mas os peixes chamaram-no e atiraram-lhe água e foram embora mesmo. *Ararapira* disse que a água era o mesmo que o seco³⁴. Então disse a *Katsini(n)*: “Seus filhos foram também, na frente” e eram dois, filhos da arraia e de *Katsini(n)* [ele os gerara enfiando os dedos no ânus da arraia, ao pescar].

Aí *Katsini(n)* foi. *Kwat* ia fazer *Kwarip* da mãe dele. Aí foram. *Katsini(n)* disse: “Vamos embora. Você precisa ver meu filho”.

Aí não deixaram ele dormir perto dos peixes que foram à festa [o inf. indica que ficou a mais ou menos 500ml], porque as piranhas estavam com raiva dele, queriam comê-lo porque ele matava peixe.

No outro dia saíram e foram dormir longe daquele lugar onde tinham dormido. Aí dançaram, ainda no mato, *bo'at*³⁵. E o filho de *Katsini(n)* disse: “Por que você não fez uma para nós?” Ele respondeu: “Aí na frente eu corto taquara para fazer flauta.” Aí todos dançaram, mas *Katsini(n)* e *Ararapira* ficaram de longe, só olhando. Foram lá e *Katsini(n)* entregou *urua* para o filho dele. “É, a gente precisa *urua* mesmo, porque sem *urua* o *Kwarip* não fica bonito mesmo.” Aí *Katsini(n)* não ficou alegre, porque o filho não ficou para trás como tinha pensado. Aí voltaram a fazer a dança de *bo'at*, de noite. Faziam uma dança em cada pouso que faziam no caminho.

³³ Esquemáticamente, dão-se as etapas da festa: corte dos paus; pesca; envio dos *pareat*: chegada e dança dos visitantes, e dos hospedeiros, separadamente; (luta); (distribuição de piqui por uma moça reclusa); dança (dos homens visitantes com as mulheres dos hospedeiros), antecedidas por distribuição de comida; arranque dos *kuari*, jogados depois na lagoa próxima. Entre parênteses, ficaram as fase omitidas pelo presente texto.

³⁴ A respeito de como é concebida a água, v. mito 22,24 e 29.

³⁵ *Bo'at*, dança do ciclo do *Kwarip*, em que os homens participam armados das coisas mais disparatadas (galhos, paus, vassouras, asas de pássaros) e à noite de tochas acesas, fazendo grande alarido.

Aí *Ararapira* disse para *Katsini(n)*: “Você está vendo aquele canto de sapo? Ele é igual a você, aquele sapo bem grande que a gente chama *Maritawata*; tem pé, tem perna. É isso que o sapo está cantando.”

Aí foram viajar, chegaram, viajaram e no meio da viagem, *Kwat* e *Yai* tinham feito cachoeira para o peixe não passar, e para todo o peixe que ia para a festa, ficar lá preso³⁶. Aí um *Kara* que era grande campeão e se chamava *Karatuaruwiyap* [“cará grande”], recebeu ordem de seu chefe para abrir a barragem para eles. Aí ele bateu o pé³⁷, correu, bateu e abriu a cachoeira um pouco; aí outro irmão dele foi atrás, bateu também, aí abriu um pouco e saíram. Primeiro saiu o *Muruta* [bagre]. Esse começou a pular e não conseguiu passar no buraco que tinham feito, ficou embaixo da pedra: “Por isso você agora vai ter de morar aí, embaixo daquela pedra”, disseram-lhe. Por isso *Karikari*, *Muruta* moram embaixo da pedra, ainda hoje.

Aí *Ararapira* disse: “Vamos dormir mais um dia. Amanhã vamos chegar lá. Aí o *Wirake* [poraquê] disse: “Eu vou lutar com a onça vermelha. “Vou arrancar todos os *araviri* dele e jogar fora.” A bicuda disse: “Eu vou lutar com o veado.” Aí aquele peixe parecido com cobra, que mora no fundo d’água, *Moikapit*, disse: “Vou lutar com *Kwat*” – mas não podia porque ele (*Kwat*) era *yayat*³⁸. “Mas vou lutar mesmo bem com força, acho que ele vai querer.”

Aí chegaram lá, chamaram o *pareat* para trazer fogo. Foram, e o *pareat* não entendeu e todos ficaram com raiva³⁹.

Aí levantaram de manhã, pintaram-se, e o resto de urucu que ficou nas mãos passaram nos paus, e no lugar onde passaram, os paus ficaram

³⁶ Uma cachoeira destinada a prender o peixe, aparece nos mitos 13 e 14, e nestes dois trata-se da cachoeira de *Murena*, feita com ninho de cupim. Steinen (1942:334-337) recolhe caso semelhante entre os Bakaíri, sendo que se trata da cachoeira ou Salto do Paranatinga. Esse ocupa, na mitologia Bakaíri, o lugar de *Murena* nos restantes mitos xinguanos conhecidos, e cf. Steinen (1940:483-485) foi também feito de ninho de cupim.

³⁷ Bater com o pé no chão é, da parte dos participantes da luta corpo a corpo (*yoetikawa*) e antes dela se iniciar, uma atitude desafiadora.

³⁸ *Yayat* são os «donos da festa», seus promotores, parentes do morto e responsáveis pelos encargos econômicos mais pesados que acarreta. O principal dentre eles preside o cerimonial (ou delega o posto a alguém mais entendido), e fica impedido de tomar parte na luta. Adiante vê-se que *Kwat* não obedeceu à norma.

³⁹ Durante a festa, os visitantes acampam fora da aldeia, e são servidos pelos *pareat*, que lhes levam comida, bebida e fogo. Qualquer descuido provoca exageradas manifestações de desagrado, e reações de ordem emocional, que podem tornar-se bastante graves num momento em que a autoconsciência tribal constantemente estimulada e os ânimos bastante excitados geram um clima de tensão crescente. Este só se aplaca após o desafio de *yoetikawa*.

vermelhos. Primeiro, a turma da aldeia fez aquela dança chamada *bo'at*, saíram da casa anta, veado (etc.). Aí foram todos, os peixes, dançando *bo'at*, passaram atrás dos *morerekwat* dos peixes, e antes por trás dos *kwarip*⁴⁰. Aí *yayat* chamou. Escolheu os lutadores – anta, onça vermelha (tinha de todas as cores), veados⁴¹. Aí lutaram. *Karatuaruwiyap* ganhou; depois lutou outro, outro e foi indo assim. Aí a onça vermelha lutou com *Wirake* e arrancou-lhe todo o *araviri*⁴², ficou só um. E enquanto não arrancasse o *Wirake* dava choques, matava. Foi bom por isso que a onça arrancasse os *araviri* do poraquê; só ficou um. Aí *Kwat* pôs o vento⁴³ e ele levou todo o *araviri* do *Wirake*.

(Sempre os nossos avós contavam essa história: isso não começou não foi ontem, não).

Aí *Kwat* chamou *Moikapit* para lutar: “Vamos agora lutar nós dois.” Lutou com ele e *Kwat* ficou morto pouquinho, dois minutos, morrendo. Aí *Moikapit* foi correndo e enterrou-se atrás do *apikawayat*⁴⁴ dos peixes e sumiu muito. Aí *Kwat* quando ficou bom, levantou-se e foi procurar *Moikapit* para lutar mais ainda. Aí os peixes que estavam ali perto disseram que *Moikapit* já tinha ido embora. Mas *Kwat* foi lá e viu o carvão que *Moikapit* passava no corpo⁴⁵, tinha ficado um pouquinho no buraco em que se enterrara. Aí pegou a redinha de matar peixe, procurou perto d'água e apanhou *Moikapit* pequeno. “Quem quer ser campeão tem de estudar para ser campeão”, disse *Kwat* com o *Moikapit* enrolado no braço. “Quem

⁴⁰ O lugar definitivo dos *kwarip* é no centro do terreiro, virados para o nascente. Primeiro entram os *morerekwat* (capitães), acompanhados das mulheres, e sentam-se em banquinhos, com elas no chão, à sua retaguarda. Depois vem o resto dos homens de cada tribo, à vez e em grupo, dançando ho'at.

⁴¹ O *yayat* escolhe os melhores lutadores de sua tribo e desafia, uma por uma, as visitantes. Repare-se que a luta opõe dois grupos distintos: peixes e animais terrestres.

⁴² *Araviri*, braçadeiras de duas «feiras de flores de plumas» paralelas (nomencl. cf. Ribeiro 1957 :38-42), atadas à altura dos bíceps.

⁴³ Sobre o vento (mágico?), v. Índice.

⁴⁴ *Apikawayat* (dono do banco) designa os indivíduos que durante os cerimoniais se sentam em banquinhos na aldeia visitada. São geralmente *morerekwat*, e representam as diversas casas da aldeia convidada, podendo ser substituídos por um de seus filhos. No caso de um camará ser chefe de casa e, portanto, de família extensa, pode ter também as prerrogativas de *apikawayat*; e o mesmo se aplica a um filho que o substitua. Temos, no entanto, indícios de que antigamente *apikawayat* era sinônimo de *morerekwat*. «Ficar morto pouquinho» pode-se equiparar a «perder os sentidos»; mas o conceito de «morte» parece bastante amplo: há morte real, morte simbólica e ritual da iniciação xamânica, e morte «temporária» da perda dos sentidos, pelo menos. Tal extensão do termo, aliás, parece provir de má utilização da língua portuguesa.

⁴⁵ Para lutar, os homens passam fuligem em todo o corpo, e sobre ela fazem as pinturas corporais propriamente ditas. Por cima, untam-se de óleo de piqui, para ficarem escorregadios: mas quando são especialmente hábeis, os «campeões» (*makariat*) desdenham untar-se.

não quiser ser campeão não passa remédio, quem quiser ser passa e fica campeão mesmo. Passa sempre”⁴⁶.

Aí rodos os peixes dançaram *urua*, como dançamos agora. *Karikari* começou a tocar e a dançar também. Aí todo o mundo disse: “Não se pode dançar com *Karikari* porque ele não é bom não.” Porque ele abria os braços e apertava e levava a mulher para o rio e as mulheres ficavam presas lá⁴⁷.

Demoraram um pouco e a *Ariranba* chegou lá onde estava a festa, porque por aqui não tinha peixe, estavam todos lá. Aí todos os peixes sumiram, esconderam-se na casa de *yakui*; *Katsini(n)* pegou um assador de beiju bem grande e prendeu o peixe todo lá. Aí ficou só *Katsini(n)* no meio do terreiro. Aí a aririnha perguntou pelo peixe. E ele respondeu: “Não sei onde está o peixe, o peixe não está aqui não.”

Aí *Katsini(n)* soltou um peido. As ariranhas ficaram assim, porque naquele tempo não tinham bunda para cagar. “Rapaz, daonde você peidou?” Aririnha toda ficou doida: “Daonde você deitou esse cheiro bom? Que nós nunca sentimos?” (As ariranhas só vomitavam, não cagavam). Aí *Katsini(n)* deu vontade de cagar e pediu licença às ariranhas. Elas pediram para ir junto, olhar. Aí perguntaram: “Como você faz cu?” *Katsini(n)* falou: “A gente faz ponta de pau, bem ponta, aí a gente faz cu.” Aí *Katsini(n)* cagou e as ariranhas ficaram doidas, dizendo: “Já vem, já vem!” Aí saiu o cocô dele, vai saindo, vai saindo, todo o mundo ficou olhando.

Aí voltaram, as ariranhas, disseram: “*Katsini(n)*., como vocês fazem cu?” [*Katsini(n)*]: “Vocês agüentam fazer? Tem de ficar tudo de quatro pés. Aí agente começa lá da ponta e vai até acabar. Assim a gente faz cu.” Aí pegou o arco, fez ponta bem feita e mandou ficar de quatro pés, de olho fechado. Aí ficaram todas de quatro pés. Ele fez ponta bem feita. Aí correu de lá, furando, vai furando. Quando ficou uma só, todos os peixes disseram: “*Katsini(n)*, mata todas essas ariranhas” – porque tinham medo delas. Aí a aririnha levantou, olhou assim e viu todas as outras mortas, com a bunda furada. Quando ela viu, correu e caiu no rio, e *Katsini(n)* foi atrás, caindo também. Só a conseguiu ferir um pouco, e fez assim cu. Por isso a aririnha ainda vomita em vez de cagar. O cu dela é como o buraco desta conta de colar.

⁴⁶ Os homens escarificam-se e passam sobre os arranhões água com diversas folhas e raízes maceradas. Com um objeto semilunar feito de unha de tatu gigante, sobre o qual foi vertido óleo de piqui antes de aquecer o instrumento, esfregam-se as articulações para as «esquentar». Gordura de cauda de sucuri também é usada no corpo. Tudo para «ficar duro», forte.

⁴⁷ Sobre o comportamento do *Karikari*, v. mito 37. A respeito desta fase da festa, v. nota 33.

6 - MAVUTSINI(N) TENTA RESSUSCITAR FILHOS SEUS

Mavutsini(n) quis refazer um filho morto, com um pau que pintou e enfeitou. A transformação começou por cima. Como um outro filho olhou, só metade virou gente, e o resto continuou de madeira.

Um filho de *Mavutsini(n)* morreu; dois dias depois foi desenterrado, e *Mavutsini(n)* quis ressuscitá-lo. Como um outro filho viu quando metade daquele já saía do buraco, ficou assim mesmo [sem se transformar].

Das duas vezes *Mavutsini(n)* ficou bravo. Disse ao filho [que olhou] que fazia assim para que ele também ressuscitasse depois de morto. Como ele tinha olhado, agora não podia mais [ressuscitar gente por esse processo]⁴⁸.

7 - COMO MAVUTSINI(N) FEZ PÁSSAROS E OUTROS BICHOS

Mavutsini(n) fez muitas ceras [figuras de cera], igual passarinho, abelha. Fez qualquer bicho. *Mavutsini(n)* fez casa e guardou os bichos de cera. De manhã já estavam falando, ele abriu a porta e mandou sair. Aí ele deu os nomes dos bichos, de todos os bichos. Disse-lhes como tinham de fazer [como se comportariam]. E mandou os bichos para o mato: “Agora podem comer fruta... [etc.]” Passarinho come gafanhoto; anta come qualquer fruta do mato. Anta come fruta de buriti.

Mavutsini(n) deu arco às pessoas, para flechar peixe, para comer e assar. Branco caça com espingarda, qualquer bicho ele come. Primeiro fez gente. Depois os bichos. *Mavutsini(n)* morava em *Murena*. Ele queria fazer os brancos e *Kamayurá* morarem juntos, mas o branco pegou rifle, [por isso] foi embora)⁴⁹.

8 - COMO MAVUTSINI(N) COMEÇOU PAJÉ

Primeiro *Mavutsini(n)* fez boneca, para nós chama *taa(n)ngap*, esse nome, boneca, chama *taa(n)ngap*. Então *Mavutsini(n)* fez esse *taa(n)ngap* [de] madeira, madeira de *taa(n)ngap*, boneca.

Então *Mavutsini(n)* faz rede, para ele [a boneca] deitar, para [eles] curar.

⁴⁸ Recorde-se a tentativa falhada de *Kwat* e *Yai* ao desenterrar a mãe e tentar trazê-la de volta à vida; e o caráter comemorativo que passou então a ter o *Kwarip*.

⁴⁹ Feitos de substâncias diferentes, cera e paus respectivamente, os bichos distinguem-se entre si pelo comportamento e alimento, enquanto os homens o fazem por atributos culturais.

Bom. *Mavutsini(n)* fez cigarro, depois *Mavutsini(n)* vai curar ele. Então *Mavutsini(n)* juntou muito pajé, juntaram[-se] muito pajé, para curar esse doente. Então pajé juntou [perto de] esse doente, fez fumaça nele muito. Depois esse boneco fica bom⁵⁰.

Mas *Mavutsini(n)* foi chamar, para nós chama *Pita(n)wa(n) Paye*. (Para vocês chama Bem-te-vi). Então *Mavutsini(n)* chamou *Pita(n)wa(n)*, esse pajé grande, então *Pita(n)wa(n)* chegou lá para curar esse boneca que esse *Mavutsini(n)* fez; o *Pita(n)wa(n)* curou ele muito, deu muito fumaça nele, assim, depois fez esse boneco ficar bom.

Mas então *Mavutsini(n)* chamou o *Inyakwaem* (para vocês chama “bicuda”). Esse nome do pajé, Bicuda. Então esse Bicuda chegou lá, curou esse doente, não ficou bom⁵¹.

Torna a chamar outro pajé, pajé grande, chama *Ka'a paye*. (Para vocês, eu não sei o nome desse)⁵². Nome de pajé, chama *Ka'a paye*. Nome dele mesmo *Ka'a paye*, pajé grande. Então *Ka'a paye* chegou lá, *Mavutsini(n)* deu cigarro para *Ka'a paye*, então esse *Ka'a paye* levantou, cura ele, aí então esse doente, fica assim, começar ficar bom. Esse *Ka'a paye*, mais grande pajé. Mas *Ka'a paye* sabe tudo curar. Depois esse boneco fica bom. Assim é que ele começou pajé⁵³.

9 - OBTENÇÃO DO FOGO

Assim começou fogo. Antigo não tinha fogo, antigamente assava o peixe no sol, assava o peixe no sol até secar, mas o peixe não está assado bem não, fica assim meio cru mesmo, crua; assim mesmo os *Kamayurá* comemos, antigamente.

Depois o *Mavutsini(n)* apareceu lá, perguntava: “Como é que, vocês comem peixe, como é que vocês assa peixe?” Aí então outra tribo, essa

⁵⁰ As sessões de cura xamânica contam, no Xingu, com a participação de diversos pajés, além do que propriamente faz a cura. Temos indícios de haver curas coletivas, mas nunca pudemos observar nenhuma. Quanto ao mito, apresenta pontos de contato com os informes a respeito do treinamento do pajé-aprendiz, após sua doença iniciática. Neste, um pajé iniciado faz-se de doente, para experimentar as habilidades curativas do candidato.

⁵¹ «Curar», aqui, tem o valor de «tratar».

⁵² Literalmente seria «pajé folha», «pajé do mato». Fumar sobre o doente e soprar a fumaça sobre ele, além de o friccionar com as mãos, é o método usual de tratamento.

⁵³ Depois, o inf. esclarece: «*Mavutsini(n)* era pajé, mas *Mavutsini(n)* não sabe curar bem. Então esse *Mavutsini(n)* chama esse *Ka'a paye*, que ele cura bem esse doente».

outra tribo dos *Kamayurá* dizendo para ele: “Nós pesca por aí, nós assa peixe com sol. Fica secando. Mas o peixe leva muito tempo para secar, não assa bem não. Então peixe, nós come peixe, assim mesmo nós comemos peixe crua. Mas esse sol não está assando bem esse peixe.” Então *Mavutsini(n)* explicou para eles: “Vocês não sabem fazer fogo, com flecha, pedaço de pau?” Aí outro falou para ele: “Não, nós não sabe.” “Então eu vou ensinar para vocês como é que faz fogo”. Então *Mavutsini(n)* pegou flecha, uma flecha. *Mavutsini(n)* pegou flecha, rachava, então *Mavutsini(n)* pegou cortada assim, pedacinhos. Assim, cinco pedaços, mais dez. Então *Mavutsini(n)* ajuntou assim [em] cima dos outros. Então *Mavutsini(n)* amarrou na ponta, depois ele amarrou de novo, então ele quebrava o pedaço de pau, ele racha, e coloca de pé, assim. [O gesto exemplifica]. Então ele está botando flecha assim, aqui dentro, aqui ele amarra, aqui ele amarra. Então ele pega pedaço de flecha, assim ele faz buraquinho no meio, pega carvão, vai riscando assim, então *Mavutsini(n)* faz assim, o fogo. Então ele bota aqui dentro algodão, pedaço de barbante. Assim juntando. Pertinho. Vai fazendo, vai fazendo, daqui a pouco fumaça começando a sair, fumaça saindo, começando, começando, até pegar fogo⁵⁴. Aí *Mavutsini(n)* explicou para ele: “Eu faz fogo assim; quando eu não tem fogo, eu pego a flecha, e faz assim” Aí *Mavutsini(n)* explicou para eles. Bom. Outro dia, ele foi embora, na aldeia dele. Aí esse *Kamayurá* fez fogo, mas ele não sabe, não sabe fazer.

Então outra vez *Mavutsini(n)* chegou lá, aí tem muito peixe lá, esse *Kamayurá* pescava muito tempo, tem muito peixe mesmo. Então esse *Kamayurá* pegava esse peixe, está assando, leva no sol, aí *Mavutsini(n)* ficava olhando. Aí *Mavutsini(n)* disse para ele: “Ah, é assim que você assa peixe?” “É, é assim que nós assa peixe.” “Assim não assa direito não. Assim

⁵⁴ O aparelho de fazer fogo (tata) é de cana de ubá. Cortam-se diversos segmentos de uns 15 a 20cm, depois lascados em fatias longitudinais. Aproveitam-se destas as que têm a polpa aparente nas faces mais largas, que se sobrepõem paralelamente até ter uma pilha de 5 a 8cm, mais ou menos, de altura. A seguir arranjam-se dois pedaços de galho, de uns 15cm, que são rachados de forma a resultar uma espécie de pinça, onde se entala o amarrado das fatias de ubá. As pontas soltas das «pinças» são então atadas, completando o aparelho. Este depois é colocado no chão; as faces mais largas das fatias paralelas ao solo, a parte dos galhos na junção dos dedos das pinças enterrada naquele. Depois cava-se um buraquinho a meio da face aparente superior de uma das fatias de ubá, «lubrifica-se» com um pouco de carvão, e mete-se entre o aparelho e a terra a isca de algodão. Fazendo girar entre as palmas estendidas das mãos uma haste de uns 60cm de cana de ubá, cujo extremo inferior verruma dentro do citado buraquinho, produz-se serragem incandescente, que, caindo sobre a isca, a incendeia. Sopra-se para obter chama, e a fogueira é depois construída à volta desse núcleo. Ou transporta-se a isca acesa, para acender fogo noutra ponto. O tempo gasto em verrumar e obter chama é de aproximadamente quinze minutos, às vezes menos.

não assa direito. Você, você assa assim sem fogo? Não assa não. . .” – dizendo para ele. “Assim (como) você assa peixe, custa a esperar assar, para você comer. Você faz fogo, aí você assa direito”. Então *Mavutsini(n)* pegou flecha de novo, faz fogo lá para eles, pronto, fogo saiu. Aí fogo apareceu. Aí arranjaram muito pedaço de pau lá, para não apagar, aí, eles assaram o peixe lá, *Mavutsini(n)* comeram lá junto dele, pronto. Depois *Mavutsini(n)* foi embora na aldeia dele: “Pode fazer fogo como eu ensinei.” “Sim.” Aí foi embora.

Aí o fogo apagou. Não tem mais. Aí esse Kamayurá pegava flecha, racha, cortando em pedacinho. Aí ele faz fogo, aí ele faz, já sabe como é fogo. Assim que saiu fogo⁵⁵.

10 - ORIGEM DO NOME DO SOL E DA LUA

Primeiro nome, esse Sol, chama *Tire'ĩ(n)m*, porque o mãe desse Sol, morreu [há] muito tempo. Bem. Então o outro chama para ele *Tire'ĩ(n)m* [sem mãe]. Então esse que chama *Awara* [raposa], foi lá. onde está ele. (O Sol tem casa, pequeno). Então *Awara* foi lá, procurava nome. Aí ele procurava lá: “Vocês tem mãe?” “Nós não tem mãe não. Nossa mãe morreu muito tempo.” Bom. Aí procurava: “Como é seu nome agora?” “Nós chama agora *Tire'ĩ(n)m*.” “Ah, não está bom para você. Eu tenho meu nome, é bom para você.” Aí ele procurava: “Como é que é?” “Meu nome agora [para você], *Tape iyaok'*” “Sim. Está bom”⁵⁶.

Então esse Sol foi embora, caçar, então ele encontrou *Kwarayumia*, aí ele encontrou ele. Aí ele viu. Aí ele viu. Aí esse *Kwarayumia* falou para ele: “Que é que você está fazendo por aí?” “Não... Nós estava caçando por aí alguma coisa, para nós.” Aí ele procurava: “Seu nome, como chama?” “Nós chama *Tape akana(n)* esse *Tape iyaok'*.” “Não, não está bom. Seu nome muito feio.” Aí ele disse para ele: “Eu tenho meu nome, é bom para você. Quer ver?” Aí ele procurava: “Como chama agora?” “Seu nome agora, *Kwat*. Seu irmão chama *Yai*.” Aí ele achou bom. Aí eles chamou *Kwat e Yai*.

⁵⁵ A variante publicada por Oberg (1953:28) refere que o fogo foi primeiro roubado do Awara. Como era difícil transportá-lo, Yai ensinou o processo de fazê-lo.

⁵⁶ Segundo outra versão (mito1), primeiramente os Gêmeos chamavam-se Tsaukuma. Tapeakana(n), «zigzague do caminho»; Tapeyaok, «encruzilhada do caminho», «à esquerda do caminho».

11 - COMEÇO DA ESCARIFICAÇÃO

O Sol (*Kwat*) é que começou a riscar. Irmão do Sol é Lua. Sol é mais velho que Lua. Sol fez *yayap* [escarificador]. Foi pescar, tirou dente de traíra pequena. Chamou uma irmã moça. Aí riscou o corpo dela, saiu muito sangue, que não parou.

Aí Lua (*Yaì*) disse: isso não é bom para riscar. Bom é dente de “cachorra”. Sol disse a Lua como é que ele, mais novo, sabia disso, mais que o Sol. Aí foram pescar. Dormiram lá. Trouxeram muito peixe.

O Sol foi também quem fez *jiqui*. De tarde foram.

De manhã cedo fez *yayap*, de tarde chamou Lua. Aí chamaram a moça para experimentar: arranharam ela toda. Não doeu, só fez cócegas que mataram a moça.

“E agora?” Lua foi buscar pimenta, para passar no *yayap*. (Era água com pimenta e o *yayap* estava dentro.) Aí o Sol arranhou Lua, doendo muito. Quando acabou, Lua morreu.

Aí o Sol lavou o *yayap*, e riscou outra moça. Doía menos: “Está bom, agora não dói muito. Quem tem coragem risca com isso, quem não tem, não.”

Aí Lua levantou-se, e disse que já não doía, lavando-se: “Está bom, agora não dói muito. Quem tem coragem risca com isso, quem não tem, não.”

Todos dois fizeram muitos *yayap*. Aí deram um para Waurá um para Kuikúro, um para Kalapálo, um para Yawalapiti⁵⁷.

12 - KWAT COMEÇA AS RELAÇÕES SEXUAIS

Antes, *Kwat* “trabalhava *kumyã*” com o dedo, porque seus órgãos sexuais não endureciam: sua mulher achou que isso não era bom e mandou-o à casa de um indivíduo que tinha o pênis sempre em ereção. Ele foi, e *Yaì* com ele. A meio do caminho já ambos estavam em ereção, e *Yaì* quis voltar; mas *Kwat* teimou em chegar até à casa desse homem⁵⁸.

Chegados lá, ficaram em ereção permanente, sem conseguirem interrompê-la. Então, *Kwat* pediu ao dono do lugar que lhes fizesse baixar o pênis. Ele o fez, e dessa altura para cá, só quando se vão ter relações ele se excita.

⁵⁷ O escarificador, *yayap*, é feito de um pedaço triangular de casca de cabaça. Na base do triângulo, fica incrustada uma fileira de dentes de peixe-cachorra, muito aguçados, fixos com cera.

⁵⁸ As condições em que foi registado o mito impediram anotar o nome do indivíduo, que é conhecido.

Depois, deram o ciúme para o Caraíba: só o Caraíba tem ciúme e mata a mulher, e briga com os outros. O índio [se é enganado] pode bater na mulher, achar ruim e fazer discurso, mas não pode brigar [com o rival]⁵⁹.

13 - COMEÇO DOS RIOS

Por aqui não havia rios para a gente andar, então *Kwat* resolveu fazer uma lagoa grande como o mar, lá em *Murena*. Então o dono da água, *Kanutsipem* foi para lá (isso é história velha). Aí *Kwat* fez máscaras: *bíwat*, *yakuikatu*, *yakui*, *tawarit anyá(n)ngu*, para aprender a quebrar a água. E foi à aldeia de *Kanutsipem* para ver como se podia quebrar aquela água. Aí *Kwat* fez todos os rios, puxou o *Paranatsi(n)ng* (Batovi), *Ikatu* (Ronuro), *Paranatsi(n)ng* (Ferro), *Mebinaku paranatsi(n)ng* (Kulisehu), *Paraná(n)* (Kuluene) e o rio dos Suiá, *Paranayap* (Suiá-Missu), e para cima do rio dos Mehináku puxou outro rio. Então começaram a bater pau primeiro, dançando primeiro, batendo parecendo tambor, que *Kwat* fez (agora não tem mais). Foram, foram, passaram e passaram no *Murena*, onde fizeram os *mama'e(n)* e o tambor, que também é de *mama'e(n) warayumiá*, que é pau⁶⁰. Tinham três dias viajando para chegarem a *Kanutsipem*, para puxar o rio. Aí de manhã eles saíram, chegaram na aldeia de *Kanutsipem*. Aí foram dançar, rodando, assim. Foram também *Mavutsini(n)*, *Yai*, *Kwat*; *Kwat* estava procurando *Yai* que tinha sido engulido por um peixe grande. Aí chegou, gritou, procurando o irmão dele. Aí foi [procurar] *Mavutsini(n)*, encontrou-o e perguntou pelo irmão, mas não o viu. Aí ele pegou [ninho de] cupim, quebrou, e virou o cupim em pedra e fez cachoeira. E ficou lá esperando⁶¹.

Aí foi pescando, *Kwat* matando peixe, aí apareceu o *Kara* na cachoeira. Era o *Kara aruwiyp*, *mama'e(n)*. Aí *Kwat* quis flechar o *Kara*, mas o

⁵⁹ Os padrões culturais em vigor impedem um desforço pessoal entre rivais em caso de adultério.

⁶⁰ *Mama'e(n)* e tambor, isto é, as máscaras e o grande trocano que antigamente era tocado diante da casa das flautas (Steinen 1940:123). Max Schmidt (1942:66) descreve-o assim, no interior do «rancho festivo»: «No meio havia no chão um tronco de árvore oco de quase seis metros de comprimento, no qual costumam bater com um grosso bastão como si fosse uma trombeta (sic!), o que, em ocasiões importantes, serve para convocar a população masculina.» (O grifo e o parêntese são nossos. Lima (1950:7) encontrou o trocano na aldeia Waurá, dentro da casa. Nas dos Kalapálo, Kamayurá e Yawalapití, em 1965. 1966 e 1969, não vimos nenhum. A respeito disto, v. Krause 1960:115. *Mama'e(n)*. seres tutelares e sobrenaturais. O mito 1 informa que a água era guardada na casa das flautas.

⁶¹ Isto, e o que se segue, é retomado no mito seguinte(14), «História da cachoeira de Murena». Também o Salto do Paranatinga foi feito, seg. a tradição Bakairí, com ninho de cupim (Steinen 1940:483-5; 1942:334-7.

peixe disse que tinha vindo avisar, que sabia onde estava o irmão dele. Aí chegou, *Kwat* procurou [perguntou]: “Conta a história para mim.” “Eu sei onde está seu irmão, sei o peixe que comeu seu irmão, *Yakwau(n)n* (peixe grande, como canoa, é de *mama'e(n)*, que está com seu irmão dentro da barriga. Agora você procura anzol e vai pedir anzol para *Tapera* (que é passarinho preto), para pegar o *Yakwau(n)n*. O *Tapera* guardava o anzol no nariz e *Kwat* enfiou mosquito no nariz dele, e quando espirrou caiu o anzol e ele apanhou-o. *Mavutsini(n)* estava com *Kwat*. Ele apanhou o anzol e levou-o lá. Então o *Kara* que estava com eles pegou um cigarro, que *Kwat* fez. E na ponta do cigarro botou o anzol e o *Kara* foi lá, fumando, e *Yakwau(n)n* pediu o cigarro para fumar, porque estava com a barriga muito cheia e queria senti-la vazia. Aí chegou lá na porta, e o *Yakwau(n)n*, tendo pedido o cigarro, recebeu-o do *Kara*. Aí o *Kara* disse: “Enfia mais para dentro, que é bom para fumar.” E o *Yakwau(n)n* enfiou o anzol lá dentro. Fumou, enfiou lá para dentro. Aí o *Kara* saiu correndo da casa e fez sinal para *Kwat*, puxando a linha. Aí *Kwat* puxou a linha e pegou. Aí já está pegando, aí já pegou mesmo, e o *Yakwau(n)n* correu para lá e para cá, e *Kwat* estava pegando na linha. E disse: “Não, não vou matar você, estou só procurando meu irmão.” Aí *Kwat* puxou o *Yakwau(n)n* fora d’água. Tirou os ossos de *Yai* da barriga dele e pôs no seco e cobriu com folhas cheirosas que tem no mato. Aí pediu para *Atsi(n)nau(n)n* (é um pássaro que faz: “Txikão”) para fazer pajé [pajelança]⁶². Depois para *Pita(n)wa(n)paye* [“bentevi Page”], depois para *Yakwem* [jacobim]. Aí pediu ao cupim e ele chegou e cobriu tudo: os braços, a cabeça, olhos, pés. quando ficou pronto, falou para *Kwat*: “Está pronto, teu irmão está pronto.” Aí *Kwat* pegou um mosquito e enfiou no nariz de *Yai* e ele espirrou, dizendo: “Eu estava dormindo”. E o sol respondeu: “Não, você estava morto. Quem engoliu você era *Yakwau(n)n*.”

14 - HISTÓRIA DA CACHOEIRA DE MURENA

Um peixe grande engoliu *Yai* [Lua]. *Kwat* [Sol] estava procurando *Yai*, mas não sabia que o peixe o tinha comido. Aí *Kwat* foi pescar, matou

⁶² Tudo indica que os *mama'e(n)* têm olfato sensível. Não gostam do cheiro de cabelo queimado, de peixe assado, de relações sexuais. O pajé guarda, com seus apetrechos e fumo, uma espécie de baunilha que os perfuma, e usa umas frutinhas (*takupe'a*), aromáticas, em vários processos rituais. A tinta corporal de óleo de pau (*ibik*) e carvão, misturados, também é desagradável aos *mama'e(n)*; o corpo das crianças é pintalgado com *ibik*, com finalidades aparentemente apotropaicas. Estes fatos talvez expliquem o emprego de folhas cheirosas por *Kwat*, com fins curativos. No mito 14, *Yai* também é engolido. No 15, é a vez de um pseudo-Murenayat.

muito peixe, lá. O cará, peixe, veio, pertinho dele. *Kwat* quis flechar, mas ele disse: “Você quer me flechar?” “Quero.” “Não. O peixe comeu seu irmão, está lá na casa.” “Onde está esse peixe grande?” O *Kara* falou: “Seu irmão morreu; o peixe grande engoliu.” Aí *Kwat*: “Que é que eu vou fazer?” *Kara*: “Você troca anzol. Quem tem anzol é *Tapera*.” “Onde é a aldeia dele?” “Você entra pelo *Ikatu* (Ronuro) e pede anzol. Primeiro ele dá anzol pequeno; se não der grande, você põe mosquito no nariz dele.”

Aí o *Kwat* saiu para lá. O *Kara* falou: “Se você não conseguir, amanhã eu ensino você a fazer.” O Sol foi para casa de *Tapera*, que era muito velho e pediu anzol. *Tapera* deu, miudinho. *Kwat* disse: “Quero anzol grande.” [*Tapera*]: “Não tenho.”

Aí o Sol pegou mosquito, chamou *Tapera* para conversar, e soltou o mosquito que entrou no nariz de *Tapera*. Espirrou, e caiu um anzol. Sol riu: “Você mentiu. O anzol caiu de seu nariz. Agora você tem que me dar linha.”

O Sol foi embora, esperar o Cará. Matou muito peixe e abriu [a barriga deles], procurando os ossos da Lua. Quando não achava, soltava os peixes vivos, num lago pequeno que fez. Os peixes não morreram, ainda estão lá (eu já vi). Então o Cará chegou: “Você trocou anzol?” [Sol]: “Então vem cá.” [Cará]: “Você trouxe fumo?” “Não.” “Vai buscar.”

Pediu o anzol. “Agora, acende o cigarro.” Botou o anzol dentro do cigarro e foi embora, fumando.

‘*Īnyakunau(n)n* (era o peixe grande) estava em casa, deitado. Sentiu o cheiro do fumo, pediu para fumar, ao Cará. Ele foi, sentou na porta e chamou ‘*Īnyakunau(n)n*, que sentou lá, também.

‘*Īnyakunau(n)n* disse: “Este fumo é bom, gostoso.” O cará: “Vem para cá.” “Não, aqui está bem.” “Mais para cá.” O peixe acabou saindo e fumando só na ponta do cigarro. Cará falou: “Não, fuma mais para dentro.” Ele fumou. “Mais. Puxa mais.” Ele puxou, ficou com o cigarro dentro da boca. Aí o Cará mexeu a linha, e o Sol puxou. O Cará correu e mandou puxar. O peixe entrou na casa dele, não queria sair. Aí saiu. O Sol puxava, e pegou.

Sol falou: “Não vou te matar. Eu só quero tirar os ossos de meu irmão.” Aí tirou os ossos, juntou-os e soltou o peixe, com a barriga aberta.

O Sol levou os ossos para *Murena*. Aí o Sol desenhou igual a gente no chão. Pôs os ossos em cima do desenho, certinho.

O Sol ajuntou muito pajé. Muito mesmo. Aí chamou *Pita(n)wa(n)paye*, que cantou para *Yai*. Depois foi buscar outro *Kaa paye*, que cantou também. Depois falou a outro pajé, *Na(n)mu(n)*. Mas nenhum soube curar a Lua, só ficaram os ossos, lá. Depois o Sol pegou mosquito, pôs no nariz da

Lua, que espirrou até levantar. Falou: “Estou dormindo aqui, dentro do Mato!” O Sol disse: “Que nada, foi peixe grande que enguliu você.” Acabou.

15 - BRIGA DA MURENAYAT COM KWAT

*Murenayat*⁶³ foi tomar a aldeia de *Kwat*, levando uma porção de gente dele, para brigar. Chegando à aldeia de *Kwat*, *Kwat* fez muitas mutucas, com as [suas] unhas, atirando-as no ar. Elas foram encontrar *Murenayat* e sentaram-se em cima dele, ele não as conseguia matar. Ele sabia que quem tinha feito era *Kwat*.

Kwat tirou mais três unhas, fez muitas mutucas que foram para onde estava *Murenayat*. *Murenayat* não quis brigar, mandou o pessoal voltar: “Vou sozinho até *Kwat*.”

[Quando chegou lá], *Kwat* pendurou uma pedra por cima de *Murenayat*, e mandou-o sentar [por baixo dela], para o matar. *Murenayat* sentou, puxou o banquinho para fora [da linha] da pedra. *Kwat* trouxe *kawi(n)*, beiju, peixe: “Pode comer aqui, não tem perigo”⁶⁴. Quando *Murenayat* sentou, a pedra caiu, mas não o matou. Reclamou, dizendo que *Kwat* o queria matar, *Kwat* disse que não.

Murenayat disse que vinha brigar, *Kwat* disse que não, que não podiam morar juntos na mesma aldeia. De tarde, *Murenayat* foi embora, *Kwat* foi atrás, escondido. Quando *Murenayat* passou perto de *Kwat*, ele soprou, virando vento que fez *Murenayat* subir e cair no lago de Murena. [Daí em diante] *Murenayat* ficou morando no lago, não voltou para casa.

O pessoal de *Murenayat* foi procurá-lo na casa de *Kwat*. *Kwat* disse: “Ele já foi, ontem de tarde.” O pessoal de *Murenayat* voltou, não fez nada porque tinha medo de *Kwat*.

O pessoal de *Murenayat* foi pescar, levando peixe assado (não sei porque), em *Murena*. O pessoal de *Murenayat* foi pela beira do lago, procurando peixe. Viram *Murenayat* lá dentro d’água, *Murenayat* pediu que o fossem buscar lá embaixo. [Alguns] caíram n’água e morreram.

⁶³ *Murenayat*, «dono de Murena», é denominação genérica aplicada a *Mavutsini(n)*, *Kwat* e *Yaì*, sendo usada, também, como coletivo que engloba os dois últimos personagens. Mas o *Murenayat* a que se refere este mito dera-se indevidamente o apelativo, e há vaga notícia de uma disputa a respeito entre ele e *Mavutsini(n)*. O texto apresenta curiosa justaposição de episódios que aparecem noutros mitos, alguns não publicados: o da pedra sobre o banco, o engolimento de *Murenayat*, sua ressurreição, etc. Isto faz crer que a presente variante é uma elaboração secundária, com fragmentos de diversas proveniências.

⁶⁴ Oferecer comida e um banco ao visitante é uma das normas da cortesia xinguana.

O pessoal de *Murenayat* [então] pegou um peixe grande, que tinha comido *Murenayat*, e abriu a barriga do peixe. Estava cheia de ossos de *Murenayat*. Chamaram *Kwat*, e vieram *Kwat* e *Yai*. Contaram os dedos, os ossos todos: faltava um dedo [o inf. mostra o lugar do sexto dedo que faltava, entre o indicador e o polegar de uma das mãos]. Não acharam mais esse dedo.

Com um pau, *Kwat* desenhou um homem no chão, e sobre o desenho colocou os ossos de *Murenayat*, só não achou o dedo. [Ao colocar os ossos, obedeceu à ordem normal, reconstituindo o esqueleto]. [Depois] *Kwat* quebrou folhas, cobriu os ossos e chamou o pajé *Yakwe(n)*. Cantou muito [*Yakwe(n)*] sem saber como curar.

Então *Yai* foi chamar *Pita(n)wa(n)*, outro pajé. *Kwat* deu-lhe fumo, mas ele não soube curar.

Kwat foi buscar *Inamu'ñ(n)*, outro pajé. Chegando lá, *Yai* deu-lhe fumo, e ele cantou, e mexeu nas folhas. *Murenayat* mexeu um pouquinho. O pajé foi embora, porque não sabia curar.

Kwat fez mosquito (que morde agente) e pôs no nariz de *Murenayat*. O mosquito entrou no nariz; o pessoal de *Murenayat* olhava. *Murenayat* espirrou, até levantar⁶⁵.



Figura 1 – Desenho feito por *Kwat* no chão. Sobre ele, reconstituiu *Murenayat* a partir de seus ossos.

⁶⁵ O mosquito aparece com este papel várias vezes. Quanto a uma sua possível significação mágica, sabemos apenas que certos objetos de propriedade dos pajés – *taa(n)ngap* (boneco) - têm a propriedade de atrair mosquitos (muriçocas). Obtivemos um desses na aldeia *Yawalapití*; fora encontrado ao cavar para construir uma casa, e trata-se de um adorno cerâmico. Uma das razões dadas pelos *Kamayurá* para o abandono da aldeia do *Tiwatwari* é a abundância de mosquitos, devida a um *taa(n)ngap* de *Takumã*, então chefe da aldeia.

Aí *Murenayat* contou: “Estive dormindo, demais.” *Kwat* falou: “Nada, você morreu, há muito tempo.” *Murenayat* ficou bom, foi embora para a aldeia, e pagou a *Kwat* ⁶⁶. *Murenayat* queria dar-lhe muita “arara”, mas *Kwat* disse que não precisava, que eles também sabiam fazer [enfeite de] arara: “Nós queremos é arco preto.” O pessoal de *Murenayat* fez muitos, e *Murenayat* levou para *Kwat*. Aí *Murenayat* foi embora para a aldeia.

16 - COMO KWAT E YAÌ FORAM PARA O CÉU

Kwat e *Yaì* saíram de *Murena* para a aldeia de *Kamukuaka*⁶⁷; chegaram até lá, então *Kwat* pegou um arquinho, jogava flecha e furava a orelha. E fez dois furos na orelha de *Kamukuaka*. “Não, *Kwat*, assim mata a gente.” Aí *Kamukuaka* foi lá, pegou osso de onça para furar orelha; e furou as orelhas de todos⁶⁸. E disse a *Kwat*: “Assim é que é bom. Com arquinho não pode, não.” Quando terminou de furar, gritaram e cantaram um pouco e terminaram de furar as orelhas. Então *Kwat* ficou muito tempo lá perto de *Kumukuaka* e *Kwat* fez *araru(n)n* [arara preta], e periquitinho também, que deixou dentro de casa com milho para comerem. A arara preta e- o periquitinho eram para morder e matar o pessoal de *Kamukuaka*. Mas a *araru(n)n* não fez esse serviço.

A irmã de *Kamukuaka* foi banhar lá fora e esqueceu a liga [jarreteira]. Então *Kwat* passou lá e apanhou, levou. Quando chegou lá na sua casa, com aquela liga fez cobra grande mesmo, *Moi(n)buku*, para *mama'e(n)* mesmo.

Para o lado onde desce o sol ficava a casa de *Kamukuaka* [nem *Tawapì* nem nenhum Kamayurá lá foram]; é no Batovi. (Os Waurá sempre vão lá passar). *Kwat* ficou muito tempo perto de *Kamukuaka*, *Moi(n)buku* chegou à porta de *Kamukuaka* e pediu menino para comer. *Kamukuaka* pegou menino e *Moi(n)buku* comeu. Então ficou com dó dos meninos, não podia dar mais meninos. “Quando *Moi(n)buku* vier, vamos dar pau para ele comer.” Quando veio, atiraram pau da casa e *Moi(n)buku* comeu.

⁶⁶ A cura xamânica é cara, e acarreta pagamento em colares, penas de arara, etc.

⁶⁷ Só conhecemos uma outra referência a *Kamukuaka*, que mora numa cachoeira do Rio Batovi. V. Ferreira e Ballot 1955:9, que dão *Kamukaka*, cf. um relato, de origem Waurá-Mehinaku, de Cláudio Villas-Boas.

⁶⁸ Furar as orelhas faz parte dos rituais ligados ao ciclo de vida, e ocorre por volta dos oito anos de idade. Usam-se ossos de onça aguçados: v. p. ex. Myazaky 1964. Oberg (1953:64) afirma que o instrumento usado para a perfuração é de presas de peixe-cachorra.

Aí *Kamukuaka* pediu a *araru(n)n* e ao periquito para abrirem a casa para eles saírem. De manhã pintaram-se todos para sair, para irem lá no céu. Quem foi na frente foi o macaco coatá, *akikì*, cantando como se canta depois de furar as orelhas, foi lá para o céu. Então *Kamukuaka* saiu para cima da casa e largou flechas para o céu, uma espetando-se na ponta de trás da outra, até chegar na casa dele. Aí passaram jarreteira para poderem subir e chegar ao céu. *Yai* nesse dia não estava e *Kwat* também não, estavam pescando. *Kamukuaka* estava fazendo isso escondido. *Akikì* estava para subir para o céu. *Kamukuaka* tentou levar a irmã dele, mas ela não quis, só subia um pedaço, ficava com medo e descia. Por isso só os homens subiram, as mulheres é que ficaram. (Sempre nossos avós contavam isso).

Aí foram. A irmã dele fez buraco bem encostado à parede da casa, e ficou lá, tapando. Aí *Kamukuaka* entregou o caramujo de raspar mandioca, *ita(n)*, para ela, e ensinou: “Se *Moi(n)buku* subir atrás da gente, então você corta a corda para ela não subir.” *Moi(n)buku* estava dormindo, e *Kamukuaka* estava aproveitando para subir.

Moi(n)buku levantou-se e veio à casa dele e chamou. Ele não respondeu. Ela entrou, procurando. Olhou, viu o buraco no teto e foi lá olhar. Então *Moi(n)buku* começou a subir. Aí a irmã de *Kamukuaka* saiu e cortou-lhe o rabo. Ela caiu. Depois tornou a subir de novo; a mulher voltou a cortar. Aí *Kamukuaka* chegou lá no céu, encontrou primeiro a aldeia da onça, quando chegou, e as onças não estavam lá, estavam pescando. Receberam-nos muito bem. Chegaram lá e as moças da onça escolheram marido entre eles. Do pessoal de *Kamukuaka*, todos casaram, ninguém ficou sem casar. Teve um que era feio, nenhuma mulher quis.

Kwat e *Yai* chegaram da pescaria. Quando chegaram da pescaria não havia ninguém. Olhou e falou para *Yai*: “Para onde eles foram?” “Foram lá no céu”, disse *Yai*.

Tinha *Pikau-aruiyap* [“pomba grande”], que moravam na casa da onça, criada por ela, e ela avisou *Kamukuaka* que não mexesse com *pikau-aruiyap*, porque era muito ruim para a gente. Então ele, *Kamukuaka*, perguntou: “Por que ela tem medo que a gente pegue?” Aí estavam sentados lá onde tinham encontrado peixe, quando começaram a pegar no *Pikau-aruiyap*; e aí apareceram os dois *Kwat* por lá [isto é, *Kwat* e *Yai*], logo que lhe tocaram com a mão [em *Pikau-aruiyap*]. Aí a onça vermelha veio correndo, olhou para dentro da casa do pessoal de *Kamukuaka*, que estava cheia, olhou e disse: “Não está bom para a gente mais, *Kamukuaka* encheu a casa de gente.” Aí a onça chegou em casa, combinou tudo para brigar com *Kamukuaka*, que tinha tomado a aldeia deles.

Aí as onças cercaram a casa, aí saíram da aldeia e mataram alguns. O resto estava escondido. Aí chegaram às casas e perguntaram às mulheres: “De quem são estes arcos aqui?” “Não são de vivos, são dos que morreram já.” Mas eles estavam era escondidos. Aí *Yaï* e *Kwat* estavam na casa de *yakui* e ficaram lá escondidos. Ai a onça disse: “Acho que ainda tem gente escondida na casa de *yakui*.” Quando a onça botou a cabeça, *Kwat* e *Yaï* flecharam a onça, e puxaram-na para dentro. Aí as onças todas perguntaram: “Tem gente aí?” E foram olhar. Mal meteram a cabeça, foram flechadas. Aí foram matando as onças, assim. E a onça perguntava: “Tem gente aí?” Pensava que as outras ainda estivessem vivas. Aí foram matando assim, matando, até que ficaram poucas onças, *yawari* [jaguatirica] também. Aí começaram a encontrar [descobri-los] lá, e quando *Kwat* flechou, *yawari* pulou e escapou, dizendo: “Tem gente escondida.”

Aí, depois de quando a jaguatirica saiu pulando, os dois *Yaï* [isto é, *Kwat* e *Yaï* saíram fora do *tapwi(n)* [casa de *yakui*], e com eles *Kamukuaka*. Aí brigaram com as onças e mataram um bocado delas. Por isso a onça ficou difícil para a gente. Se não fossem *Kwat* e *Yaï*, elas seriam como porcos [do mató], muitos, juntos.

Aí o capitão de *Kamukuaka* perguntou: “Como vamos fazer? Vamos comer?” “Não, a gente não pode comer.” Se ele comesse, a gente comia [também] aqui. Mas resolveram só tirar-lhes as unhas para fazer colar e ficar bonito⁶⁹.

(Daí por diante, *Kwat* e *Yaï* e *Kamukuaka* ficaram para sempre lá no céu. *Kwat* e *Yaï*, na altura de furar as orelhas de *Kamukuaka*, mudaram para sua aldeia e daí começaram e foram para o céu. [Esclarecimento do intérprete.]

17 - HARAWI

Um rapaz tinha um companheiro, seu amigo, com quem se dava. O companheiro morreu; disse, antes, que ia morrer, e que o chamaria. O rapaz pediu que “lá de cima” o viesse buscar, depois de morto.

Sete dias depois de morto, houve eclipse da lua. Aí o rapaz saiu pela estrada, de noite, chorando. Aí a alma do companheiro desceu e encontrou-

⁶⁹ Além dos colares de pescoço comuns, feitos de caramujo, há outros de unha de onça, usados sobretudo em ocasiões solenes, e consideravelmente mais raros que os outros, e valiosos. Oberg (1953:29) informa serem, os caçadores de onças, especialistas, que se pintam de negro e usam flechas com lâmina de bambu, como para a guerra. Não obtivemos confirmação para o que se refere à pintura negra.

o; o rapaz, ao ver a alma caiu, “morreu”, “morreu um pouquinho.” O rapaz voltou a acordar, viu, tomou a cair; tornou a levantar, e não caiu mais.

“Vou levar você. Agora vamos brigar com o passarinho bravo.” (Por isso pomos flechas no buraco, para brigar com o passarinho. O morto fica pintado e põe-se enfeite. No céu o morto fica com os enfeites, que nunca se tiram).

“Agora vamos subir”. O companheiro soprou no rapaz e subiram, o rapaz de olhos fechados, até à porta do *Ìwakakape*. Na porta esperaram, esperaram pela alma dos Kamayurá mortos. Eles chegaram, todos enfeitados. Passaram todos e os rapazes foram atrás.

As almas têm medo do sapo que come gente lá, do caranguejo que aperta e mata as almas. Elas também morrem se pisarem sapé⁷⁰.

O rapaz vivo, ia matando os bichos perigosos para as almas. Matou também o sapo, matou-o. Depois, o sapé, que o rapaz cortou. Aí acharam espinhos que o rapaz limpou. Aí acharam pássaro que queria comer alma de Kamayurá, que ele comia muito. E um urubu-rei de duas cabeças. Lá também tem um gavião que come gente (tem só uma cabeça)⁷¹. Passarinho bravo mata as almas e leva elas para o urubu e gavião comerem.

O rapaz vivo matava o passarinho bravo. Matou muitos. Ele queria matar o gavião, mas o companheiro não deixou, porque se matasse o gavião o céu desabava. “Este céu é dele, do gavião.” Mataram os gaviões pequenos, e a alma do Kamayurá tirou penas para o vivo; de arara também⁷². Brigaram muito com os passarinhos, morreram muitas almas. Quando o passarinho mata a alma, aí acabou, não tem mais.

A mãe do vivo chorava. Depois de três dias no céu, o companheiro levou-o de volta. Prometeu ir buscá-lo. Prometeu voltar em novo eclipse: só se briga com novo eclipse, com o pássaro. No céu não há mato, tudo é limpo. O dia e a noite são ao contrário daqui. As flechas são quebradas quando enterram [o morto]: lá estão inteiras.

⁷⁰ O acesso ao céu faz-se por um buraco, e, para ir à aldeia dos mortos, segue-se a Via Láctea, ao longo, da qual há uma série de perigos que, vencidos, permitem atingir a aldeia, situada a noroeste. Se a alma os vence, alcança-a, e os vivos sabem disso ao sonhar com ela. Se sucumbe, morre, e então nunca mais a alma aparece em sonhos.

⁷¹ O *Ìrivutsi(n)ng moko(n)y aka(n)ng* é figurado nos banquinhos ornitomorfos bicéfalos. O gavião grande, *Wìrapì aruwiyap*, é um ser mítico que tem seu equivalente zoológico no *Wìrapì* (*Barpia barpija* L.). Embora um exemplar destes seja geralmente mantido numa gaiola nas aldeias, não obtivemos evidência de uma relação direta. O mítico habita afastado da aldeia das almas.

⁷² Nos mitos que envolvem uma ascensão celeste, é comum o indivíduo que regressa trazer penas para a terra. V. mitos 19, 20, 21.

Saíram [do céu] de dia, e chegaram de noite [terrestre]; trouxeram muitas penas de gavião. “Já vi como se briga lá. Vou voltar lá, e vou ficar, porque era bom brigar com o passarinho.” O nome do rapaz era *Barawî*.

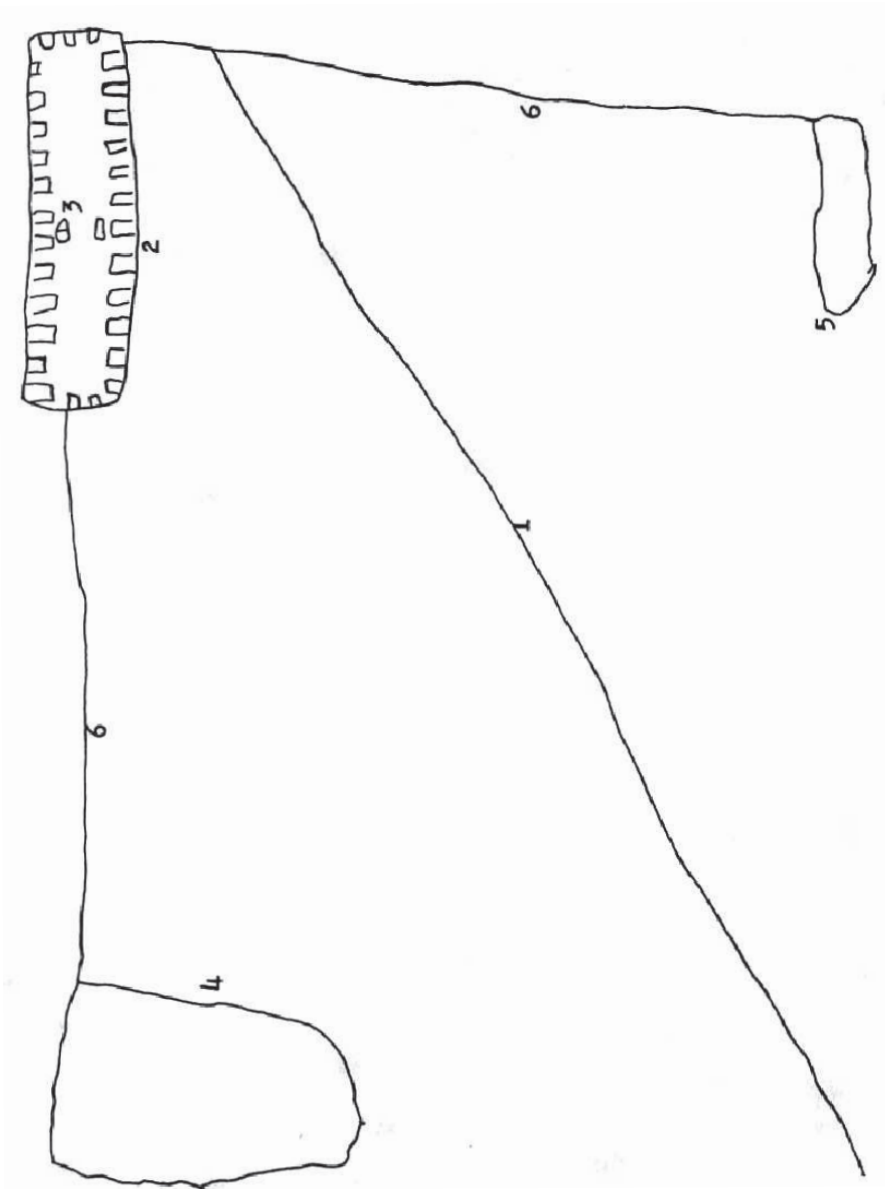


Figura 2: Aldeia celeste, das almas. 1) *Ïwakakape*, «o caminho do céu» (Via Láctea); 2) Aldeia celeste; 3) *Tapwi* (casa de *yakui*, as flautas secretas); 4) Lugar limpo de mato, onde moram o Urubú- Rei Bicéfalo, o Galvão e os passarinhos bravos. É onde as almas vêm brigar com estes. 5) Lagoa dos «bichos bravos» (v. fig. 3); 6) Caminhos.

18 - OS PESCADORES QUE FORAM AO CÉU

[O inf. hesita se foram Waurá ou Kamayurá os personagens da narrativa. Depois decide-se]⁷³:

Pode ser Waurá. Waurá foi pescar de noite, de canoa. Aí acenderam um sapé, para iluminar o peixe, e matar. Aí encontraram “pintada”.

Aí *Īwakakape* (Via Láctea) desceu a ponta dele, e a ponta caiu n’água, sem que o Waurá visse: ficou igual rampa.

Ele foi pescando, encontrou pintada na ponta do *Īwakakape*, onde a água estava rasa. O Waurá pensou que era água, o *Īwakakape*. Ele e o companheiro, alumiararam; aí a pintada andou, Waurá andou atrás e foram subindo, pensando que era água, até chegarem ao meio, por cima da água. No meio, o Waurá viu onde estava, e o *Īwakakape* subiu e a canoa ficou. Eles ficaram sem poder descer. E o Waurá chorava, o companheiro perguntou como iam descer.

Aí continuaram subindo. Na aldeia havia Waurá dançando *yakui*: olharam para o céu, viram o Waurá no céu, aí mostraram aos outros, para verem o pescador lá em cima. Aí esconderam o *yakui*⁷⁴ e chamaram a mulher do pescador para ver.

Eles foram para o céu, e não voltaram mais. No céu, havia muita gente, Waurá, Kamayurá, tudo. Lá tinha dança, comida, peixe.

O filho de pescador morreu [anteriormente], e a [sua] alma foi para o céu. Aí o pescador disse: “Vamos ver se encontramos meu filho.” Procuraram na aldeia do céu, tinha muitos Waurá e Kamayurá. A casa do filho era bem no meio. Encontraram-no, e o filho ficou alegre. O filho perguntou como tinham subido e o pai contou.

Ficaram no céu muitos dias, e aprenderam a dançar e cantar *amurikumã*, *mavurawa*, *kwariṗ*, *yavari*, todas as danças.

Estava com saudade, pediu ao filho para descer para junto da mulher. O filho morreu pequeno, [agora] já era grande. O filho foi falar com o Urubu, que tinha asas e podia levar o pai. Pediu-lhe para levar. O Urubu disse que sim: “De manhã cedo eu levo ele.” “Tenho de pintar ele primeiro”, disse o Urubu. Aí chamaram o pai e o companheiro, e

⁷³ Os contatos freqüentes e amistosos são fator de difusão de mitos e outros relatos, ao que parece prontamente incorporados ao acervo geral. Daí que não seja raro haver hesitação quanto à identidade dos protagonistas. Talvez se possa falar de uma tendência etnocêntrica, no sentido de atribuir aos personagens filiação idêntica à do narrador. Isto acontece, por exemplo, com *Mavutsini(n)*, mas não no mito em apreço.

⁷⁴ Sobre a proibição ritual que veda as flautas às mulheres, v. mitos 27 e 28.

pintaram-nos com jenipapo. Primeiro pintaram o pai, depois o companheiro⁷⁵.

Bem cedo, foram na casa do Urubu; ele comia peixe podre. O Urubu ofereceu, e disse que se o homem não comesse, ele não levava. O homem comeu, e ficou querendo vomitar. Aí ele comeu. O Urubu levou o pescador, a mulher do Urubu levou o companheiro.

Pensando que o pescador tinha morrido, cortaram o cabelo da mulher dele.

Montaram no Urubu, de olhos fechados, e aí desceram. Lá de cima até ao chão levaram um dia de viagem. O Urubu não desceu na aldeia, desceu noutra lugar. Aí o Urubu pediu que dessem para ele os restos da caça que fizessem.

Depois chegaram a casa, falaram com a mãe, que julgava que tinham morrido. Aí contaram tudo à mãe do Waurá. Ela disse que os tinha visto lá no alto.

Aí o homem ensinou as danças para os outros companheiros da tribo.

19 - KANARATÌ E KANARAWARÌ

Kanaratì foi para o porto, banhar. Então *Kanarawarì* estava cagando e ouvindo. Então *Kanaratì* arrancou flor de *moitse(n)ʼɛ(n)*, raiz doce feito açúcar. Aí arrancou flor e mostrava para o companheiro: “Olhe, companheiro, esta flor é parecida com ‘aquela coisa’ da mulher de *Kanarawarì*.” (Porque flor é parecida mesmo). *Kanarawarì* tinha duas mulheres. *Kanarawarì* estava lá ouvindo essa bobagem. Quando acabaram de contar isso, deram risada e *Kanarawarì* então arrancou [a flor] e levou para a mulher dele, mostrando.

Chegou lá, falou: “É verdade que o ‘troço’ de vocês é parecido com esse? *Kanaratì* estava lá na estrada falando.” Aí ele e a mulher começaram assim a brigar, devagar. E disse: “É verdade mesmo, é assim que é o troço de vocês.” Isso foi tudo no *Murena* mesmo.

No outro dia foram cortar *Kamiuwa*. Assim começou a briga deles, essa história deles. Então chamou: “*Kanaratì*, vem cá.” “Espera aí, vou lá na minha casa tomar bebida.” Aí o avô dele perguntou: “Para que seu irmão está chamando?” E já sabia: era para carregar *kamiuwa*. “Você tem de levar cupim, galho, vento, não sei que mais, por aí assim [isto é: etc.]”

⁷⁵ Sempre que o Urubu intervém para reconduzir alguém à terra, pinta-o com tinta de jenipapo. V. mitos 19, 20, 21.

Foram. *Kanarawari* convidou *Kanaratî*, mas *Kanarawari* ficou em casa. Aí quando chegou lá, o cupim resolveu furar o pau para que ficasse fino e não pesasse muito. O cupim abriu lá dentro, tirando tudo o que tinha lá dentro. Aí pegou o pau, outro pegou no outro, *Kanaratî* pegou e voltaram correndo. Chegou tarde, quatro horas, por aí assim. Aí chegou. fizeram logo buraco para colocar esse *kamiuwa*, aí puseram-no meio caído e disse *Kanaratî* “Agora você conserta, para ficar direitinho. Aí disse *Kanaratî*: “Você vai consertar seu pau de rede”⁷⁶

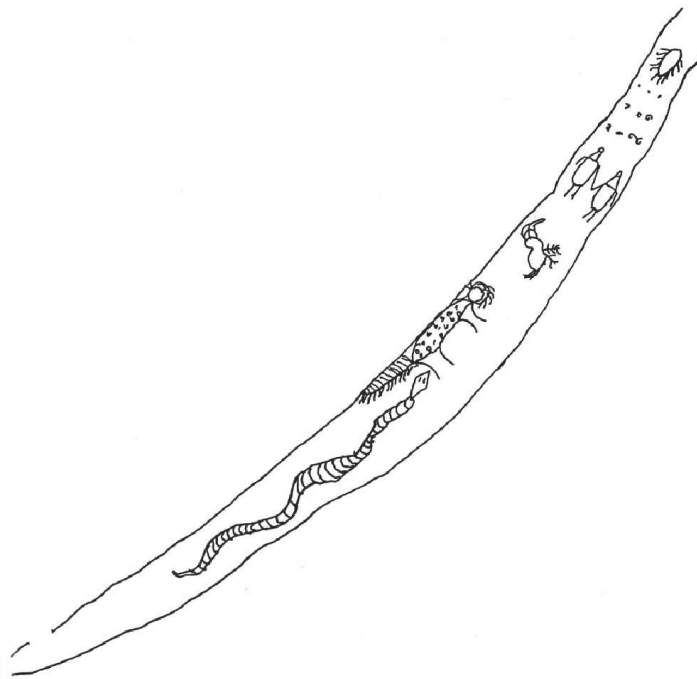


Figura 3: «Bichos Bravos» que moram na lagoa celeste. De baixo para cima: *moi* (cobra); *kwatsiawat*, que pega viado e onça e é comida de *moi*; *warabobo*, que apanha passarinhos e papagaios; *anyangu*, que parece gente, mata e come os ossos das almas; *iwikwat*, buracos onde moram os os bichos e de onde sai a água; *eyraruiyap*, abelha grande que joga espinhos nas almas. Havia estes «bichos» na lagoa onde *Kanaratî* foi tirar jenipapo (mitos 19,20,21).

Passaram cinco dias, *Kanarawari* pegou cobra grande mesmo convidou *Kanaratî* e pôs a cobra no pau grande: “Quero que você apanhe arara lá no pau para mim”. Mas não era arara, era cobra. Então o avô dele perguntou: “O que seu irmão está falando [falou]?”

⁷⁶ Trata-se do pau que, junto do poste de sustentação e a cada extremo da casa, serve para amarrar a rede de dormir.

Você amanhã pega pau mole e quando a cobra morder, você pega no pescoço. “Ele enfiou o pedaço de pau no buraco. Quando a cobra pulou para morder, ele pegou pelo pescoço e puxou. Então ele tirou-a e levou lá e disse: “Toma, *Kanarawari*, sua arara”; *Kanarawari*, falou: “Eu pensei que era arara que estava lá dentro, que não era cobra, não.” Bom, aí arrancou o dente da cobra, *Kanarawari*, e fez *yayap* [escarificador].

E chamou o irmão para arranhar. O irmão falou: “Espera um bocadinho, vou lá em casa e depois volto.” Foi lá dentro e falou com o avô. Era dente de cobra que o outro ia passar no corpo dele. O avô mandou que se enrolasse em casca de milho e outras coisas, para fingir que era seu corpo. Aí enrolou tudo no corpo, tudo mesmo, e quando acabou [de escarificar], disse: “Agora você vai morrer mesmo.” De manhã *Kanarati* levantou-se, chamou o irmão e perguntou: “Como saiu?” “Saiu bem mesmo. Eu arranhei muito bem você.”

Passaram cinco dias e *Kanarawari* voltou a chamar o irmão e mandou-o arrancar jenipapo. Ele foi em casa, falar com o avô; ele disse-lhe o que fazer. E *Kanarawari* mandou-o, agora, ao lugar mais perigoso. Então o avô explicou que levasse *Tarawi(n)* [esquilol], *Tsawarape* [gambá?]. Aí foram, passaram linha no galho de jenipapo, para passarem por cima, a pé, para arrancar jenipapo. Para nadar pela lagoa, cheia de bichos bravos, não dava de ir não. Ninguém ia lá. Então *Tarawi(n)* disse: “Agora você vai longe, que agora nós vamos brigar com esses bichos bravos. “(Era para sair de perto).

Aí pegaram um jenipapo e jogaram bem no meio da lagoa, e os bichos ficaram bravos. Os que queriam jenipapo estavam escondidos [no jenipapeiro], mas o rabo do *Tsawarape* estava fora, caía no lago. E o peixinho pequeno ia comer o rabo do *Tsawarape*. Como o peixe era pequeno, só tirava cabelo, por isso até hoje o rabo de *Tsawarape* é limpo, sem cabelo.

Chegaram de noite, com muito jenipapo. Quando ele foi tomar banho, *Kanarawari*, o irmão da mulher dele foi também, junto com ele e disse: “Olhe, seu irmão já chegou.” “Não pode, ele já morreu, está na barriga da piranha.” “Não, não está.” [“Bobos, esses irmãos. Não se pode brigar com irmão, mas era por causa de mulher” - comenta o intérprete].

Dormiram três dias e chamou *Kanarati* de novo: “*Kanarati*, vem cá.” “Espera aí, vou lá em casa, e volto.” Aí falou: “Bom, amanhã você vai tirar para a gente folha de fumo para fumar. “ Quando chegou em casa o avô perguntou: “Que seu irmão está falando?” “Mandou tirar fumo.” “Se você for, você leva beija-flor, para tirar para você. Não pode chegar

perto não, que é muito perigoso.” Aí foram, ele, o avô, outros avós - um era o beija-flor. Chegaram lá. Tiraram um bocado de fumo, só o beija-flor [tirou]. *Kanaratî* ofereceu para o avô, ele aceitou, o outro também. Chegou de noite, com muito fumo. Aí *Kanaratî* foi banhar com as mulheres do irmão.

Dois dias depois, chamou de novo. “*Kanaratî*, vem cá.” “Espera aí, vou lá em casa e volto.” [Cada vez que o avô aconselha o neto, por lhe temer a morte chora ritualmente; e o informante imita-o: “*Ieremimino apa, ieremimino; ieremimino apa, ieremimino*”]. Depois o irmão mandou-o ir buscar flechas. “Amanhã vou, bem cedo.” O avô disse para levar um passarinho, *Tsiwa’(n)*, e outros passarinhos que não pode botar aí [isto é, escrever no caderno de campo], muito nome feio. Chegaram lá e os outros passarinhos foram tirar a flecha para ele. Tiraram cinco feixes de flechas. Então *Tsiwa’(n)* disse para *Kanaratî* se afastar, que ele ia brigar com o bicho bravo que era o dono das flechas. Quando arrancaram as flechas, o bicho levantou logo, era fogo bravo que era o dono das flechas, *Tata aruwiyap* [fogo grande]. Em todos esses lugares havia um bicho para tomar conta das coisas. Quebraram flechas de novo e o bicho ficou bravo de novo⁷⁷.

Chegaram lá [de volta a casa] de noite também, e as mulheres falaram com ele. “*Kanarawarî* olhe, seu irmão já chegou.” “Chegou o que, ele está morto, foi bicho bravo.” De manhã cedo ele apareceu e deu muitas flechas para *Kanarawarî*, mas escolheu as feias [para dar]. Ele também tinha raiva do irmão dele, porque o mandava no lugar bravo.

Passados cinco dias, aí foi lá, disse para ele ir na casa de *Tupa(n)* [trovão], para apanhar o machado dele para rachar lenha (o machado dele é quando relâmpago derruba pau para rachar). *Yawaria* foi com ele também, é a flecha de assobio. Aí chegou lá, estava só a mulher de *Tupa(n)*. “Meu marido não está, está na roça.” Aí pegou o rapaz e escondeu-o no lugar onde não tinha perigo. O resto era tudo perigoso. Aí [*Tupa(n)*] chegou lá da roça e soltou aquele trovão, soltou, soltou, bravo mesmo. E a mulher dizia: “Olhe seu neto está aí.” Mas ele não entendeu. Aí parou. Aí ela tirou-o do quarto, *mîrîtsi*, e trouxe para fora. E *Tupa(n)* disse: “Tenho ouvido que seu irmão tem raiva de você.” Aí *Tupa(n)* pediu-lhe para contar a história como foi. Aí *Kanaratî* disse: “Bom. É

⁷⁷ O qualificativo *tuwiyap* (grande) aplica-se frequentemente a uma entidade, quando se trata de um ser poderoso e mítico. *Tata aruwiyap* era o tutelar das flechas, seu «dono», e a razão disto percebe-se ao recordar o aparelho e o processo de obtenção do fogo, pois as flechas xinguanas são de cana de ubá («flecha»). V. nota 56.

verdade que quando vai namorando, você racha lenha para a mulher que você namora?” Aí a mulher dele, *Tupa(n)* fez-lhe cócegas, cócegas, aí *Tupa(n)* “morreu pouco” [perdeu os sentidos] e ela disse para o rapaz: “Agora você tem de tirar esses três machados que são mais fortes; aqueles não que são fracos. Os machados são os que fazem relâmpagos⁷⁸. Aí *Tupa(n)* levantou e procurou: “Ah, é assim que está a história lá.” “É sim, dizem que você fica rachando lenha para namoro.” Aí a mulher fez-lhe cócegas de novo e ele morreu um pouquinho. E disse ao rapaz: “Agora você pode tirar.” E o rapaz correu com aquele machado de *Tupa(n)* (que era pouco menor que a flauta de *yakui*), correu. Quando o rapaz foi mais longe, parou de correr. Aí *Tupa(n)* acordou: “Bom, conta mais história.” A mulher disse que o rapaz já tinha ido. “Ah, agora ele está perto; não vai fugir; vai morrer.” E mandou trovão mesmo. Quando *Tupa(n)* saiu fora, a flecha de assobio atirou-se sobre ele e *Tupa(n)* caiu. Aí a flecha de assobio chegou perto do rapaz e perguntou: “Não tem nada com você?” “Não, não tem nada, porque eu estava longe, já.” Chegou de noite, lá, na casa do rapaz.

Então o avô disse: “Então chegou?” “Foi.” Aí a mulher de *Kanarawari* disse: “Seu irmão chegou.” “Que nada, está todo queimado”.

Kanaratî falou: “*Kanarawari*, é bom você ir, para conhecer; você está só mandando eu.” Mas se *Kanarawari* fosse, não voltava. Por isso não quis ir.

Aí passaram cinco dias e disse: “Bom, *Kanaratî*, vem cá. Amanhã você vai procurar nosso colar de concha.” “Onde é?” “Na aldeia de *Arakakuni(n)* (índios bravos que comiam gente). Chegando em casa contou para o avô que o tinham mandado buscar *mo’it* [colar de cintura, de

⁷⁸ Levar lenha à casa de uma jovem é parte da corte. Hoje já quase não existem os machados de pedra, e os poucos subsistentes são guardados cuidadosamente. Informa Galvão (1963:126 n.6) que os têm enterrados no chão da casa, e que são de propriedade feminina. Seria possível terem tido um valor simbólico (além do prático), sexual talvez, dado que todo este mito parece girar em torno de um problema edipiano (v. a respeito Murphy & Quain 1955:75-76, sobre a variante Trumaí), e tem uma estrutura nitidamente iniciática, podendo-se ligar aos rituais de iniciação pubertária. Haveria outra hipótese: o rapaz, submetido às provas, ao conquistar o machado instrumenta-se para a prestação de serviços ao sogro, representada pelo fornecimento de lenha. Não seria impossível combinar isto e o que se disse antes. Por outro lado, esta associação machado líticotrovão levanta a questão de se se trata de um empréstimo, de origem euro ou afro-brasileira: são bem conhecidas as crenças na pedra-de-raio = machado polido, e as «pedras de Xangô» dos candomblés. Embora nos inclinemos a atribuir ao episódio mítico um fundo cultural indígena, e sejam parcas as evidências de aculturação na mitologia xinguana, temos de levar em conta a seguinte informação de nosso intérprete: «Quando o trovão cai, faz risquinho e na ponta deixa machado de pedra. Quem disse foi Caraíba, não foi Kamayurá não.» A seguir, perguntou se isso era verdade, mas a dúvida incidia só sobre o que dissera, e não sobre o texto do mito.

conchas]⁷⁹. “Acho que você não volta não. Lá é o lugar mais perigoso.” Foram. Chegaram numa estrada bem lisa e perguntaram: “Como é que a gente vai chegar? Esses índios são muito bravos, comem gente. Deixa eu ‘rezar’, então”, disse *Kanaratî*. Chegou bem à Aldeia e disse: “Vocês estão ainda aqui?” Aí saíram muitos que estavam dentro de casa. Aí chegaram lá, agarraram-no pelo braço, pelo pescoço, dizendo: “Este é meu.” “Espera”, disse o rapaz, “não é assim não. Tragam colares e amarrem no corpo todo e nos braços, pernas.” E eles largaram-no e foram buscar. Acabaram de amarrar os colares e ele estava cheio de colares. “Bom, agora vocês saem de [perto de] mim e um vem de lá com borduna e me mata”⁸⁰. Quando eles viraram as costas, *Kanaratî* correu, correu com os índios bravos atrás, mas não conseguiram mais [apanhá-lo]. Pronto, correu: quando chegou bem longe, parou e tirou o colar do pescoço⁸¹, do cinto. Estavam com ele: “toco”, *iwipibet*; “dormência de pernas”, *myeay*; “câimbras”, *tryikapat*. Foram esses que o ajudaram. Chegou de noite, cheio de *mo’it*.

Levantou-se no outro dia, foi tomar banho, e as duas mulheres foram banhar com ele – que era seu namorado. De manhã cedo escolheu o colar mais bonito e ficou com ele e o resto deu para o irmão dele: levou só colar fino, que não prestava não.

Passados cinco dias, o irmão chamou: “Amanhã você vai pedir *kamitî* [maracá] para a gente.” “Bom, amanhã eu vou.” O avô falou: “Bom você levar comida, gafanhoto, outro gafanhoto [isto é, doutra espécie].” Levou também pimenta para apanhar o *kamitî* na mão de *Moï(n)* [cobra], o bicho mais perigoso. Aí deu pimenta e quando *Moï(n)* comeu teve sono e dormiu. Então, quando a filha do *Moï(n)* estava dormindo e *Moï(n)* também, sua mulher foi tocando o *kamitî* e foi atrás da casa, entregando-o na mão de *Kanaratî*. A mulher disse então para o marido, mentindo: “Quebrou seu *kamitî*.” O marido respondeu: “Então pode apanhar outro.” Aí ela apanhou e voltou a dá-lo a

⁷⁹ Colar de discos de concha de caramujo. É manufatura de especialidade das tribos Karib da área. As mulheres usam-no como colar, mas os homens como cinto. A meio leva um cilindro de pedra perfurado (mo’ikita: dizem que os «antigos» tinham muitos destes, «mas era muito caro para eles», o que deve ter relação com a inexistência de matéria-prima (rochas ígneas) na região. Afirmam que «cavam para achar os mo’ikita antigos» e que dessa forma os obtêm hoje. Simões (1967:139) recuperou duas destas contas em escavações no baixo Kuluene; conseguimos outras duas, sem perfurar, de um Kamayurá que as achara, numa abandonada aldeia Waurá às margens de Ipavu, à superfície.

⁸⁰ O modo de sacrifício de um prisioneiro enfeitado, por antropófagos que escolhem sobre a vítima viva o bocado de que se hão de apropriar - «Este é meu!» -, assemelha-se notavelmente ao verificado entre os Tupinambá dos séculos XVI e XVII.

⁸¹ Colar de placas retangulares de caramujo, ligeiramente côncavas, e sobrepostas. Mo’urape’i é sua forma normal, usada diariamente pelos homens; nas festas, e para adornar os Kwariip, pode-se usar uma variante, montada sobre um arco de madeira e maior que o normal (mo’urape).

Kanaratĩ. Aí saíram da aldeia da cobra e ele ofereceu o *kamiti* para o gafanhoto, que aceitou e levou. Chegou de noite, no dia seguinte levantou: “Bom, *Kanarawari*, aqui está *kamiti*.” “Como você foi lá?” “Fui.”

Então *Kanarawari* encontrou o ninho do gavião *Nyapakaní(n)* num pau bem alto. Fez escada e subiu lá. Aí chamou o irmão pau ir lá, tirar o gavião. “Eu fiz escada para chegar no gavião”⁸². “Bom, amanhã a gente vai.” E dormiram primeiro. O avô dele estava chorando, sabendo que ele ia e não voltava mesmo. Mas ensinou: “Você mata rato e leva. Quando ele ficar podre, bem fedido, vai o Urubu, desce, apanha você e leva.” Ele levou dez ratos, mais dez. E *Kanarawari* perguntou: “Para que você traz isso?” É para dar comida para o gavião.” Ele estava num jatobá grande, *ita'ip*. Aí ele pôs flecha no chão e subiu. Subiu. Quando chegou [lá em cima], o outro que estava no chão, tirou a escada. Aí *Kanaratĩ* ficou olhando, dizendo: “Que é isso, rapaz, você não pode fazer coisas dessas!” Passou quatro dias lá em cima até o rato apodrecer.

Aí o *İrivu* [urubu] veio, veio, veio, chegou perto dele e disse: “ôi, você tá aí? Eu soube que seu irmão está sempre com raiva de você.” Era só um urubu, velho, mulher. Desceu e parou: “Espere aí um pouquinho, vou apanhar meu marido.” Foi lá, trouxe sal, pimenta, água para eles beberem, para comerem os ratos, os Urubus. Aí *Kanaratĩ* ficou chamando: “Por aqui, por aqui, por aqui.” O Urubu disse: “Ouço sempre dizer que seu irmão está com raiva de você.” Aí o rapaz bebeu água, tomou banho e quando acabou, o Urubu comeu o rato podre; para comer o rato, tinha levado pimenta e sal. Aí disseram: “Agora você monta em cima da gente, não olha para baixo, nem se mexe, senão não volta mais. Você tem de ficar quieto.” Montou. “Não abra os olhos, feche bem fechados, senão você fica com medo.” Foi devagar, foi devagar, foi devagar, até que chegou lá no céu. Aí entrou lá e ele desceu: “Espera aí. Tem de descer com calma.” Porque o Urubu tinha esporão grande na asa, se espetava o rapaz, matava-o. (O esporão era do tamanho dessa caneta).

Aí abriu o *mirĩtsi*, ficou lá preso, tomou o remédio deles para ficar mais bonito, porque ele estava muito fraco⁸³. A casa do urubu era fora da aldeia, fora dos outros pássaros lá do céu. Aí foram, toda a meninada, encostou-se na casa do urubu e perguntou: “Quem é que está aí preso, na casa do Urubu?” Foram e viram que era um rapaz que estava preso na casa

⁸² Um pau fino, sobre o qual se cruzam a intervalos os degraus.

⁸³ O remédio do Urubu (*İrivu awa(n)ngi*) é tomado pelos jovens em fase de reclusão pubertária. Numa variante (mito 21), o informante considerou o remédio como ponto focal do relato e contou a história de *Kanaratĩ* e *Kanarawari* como a «História do remédio do Urubu». Destina-se a fortificar e fazer crescer.

do Urubu. Tinha uma moça que encostou lá. O Urubu viu e disse que não podia entrar: “Sempre vocês falavam que minha casa era fedida.” Aí o urubu ensinou: “Sempre que gavião [fêmea] passar aqui, você arranca rabo dele.” O rapaz, então, arrancava e guardava no *tuavi* as penas dos bichos que passavam (antes ninguém pegava penas). Aí o pessoal soube que o rapaz estava arrancando penas, de arara e de gavião, e ficaram com raiva. Ele soube que o pessoal estava com raiva dele, porque arrancava muita pena de arara, gavião. Aí o Urubu combinou fazer pintura para o rapaz. Aí passaram jenipapo no corpo, fizeram jenipapo, fizeram *tapaka*, tudo de [tinta de] jenipapo. No outro dia, dançaram um bocado, fizeram festa, dança de *mavurawa* (que se dança no tempo da chuva, para piqui). A moça de *Benokobori* [curica] queria dançar com ele, também. Não a deixaram dançar. Os pássaros todos, gavião, arara, todos os pássaros, tinham raiva porque ele estava arrancando rabo de toda a moçada. “Mulher”, disse o Urubu, “vamos levar [o rapaz] logo senão é capaz de brigarem aí, vão matar o rapaz.” Depois o Urubu chamou o rapaz para pegar o *tuavi* das penas, para levar com ele.

Aí montou e eles ensinaram a não olhar para baixo. Foram, foram, até que desceram: “Espera um pouquinho, não desce rápido, deixa acalmar.” Aí o rapaz desceu e o Urubu disse: “Quando você matar bicho, tira para fora da água, não deixa escondido, põe no seco, para [a gente] comer. Quando você matar o bicho, me chama, diz para mim onde está o bicho.” (Os Kamayurá matam bicho e deixam no mato para ele, porque fez serviço bom.) Aí o Urubu ensinou o rapaz a fazer um bicho grande, bem grande mesmo, do tamanho da anta e parecido com anta, e pôs chifres em cima da cabeça para pegar o *Kanarawari*, o marido das mulheres. – “Não sei por que seu irmão tem raiva de você, não podia ficar com raiva.”

O avô estava chorando. Aí o rapaz chegou lá na casa dele. Aí a mulher casada disse para *Kanarati*: “Você já chegou?” Aí ele respondeu mal: “Vocês não podem mais falar comigo.” Aí foi com avô deles, *Mavutsini* (*n*), no mato, fazer o bicho que o Urubu ensinou. Passaram todo o dia lá, trabalhando, só com aquele. Aí aprontou. Esconderam lá, bem escondido, e deixaram lá.

Aí o irmão disse: “Você já chegou?” “Cheguei.” “Então pode vir aqui perto de mim fazer fecha, amanhã a gente vai caçar.” Aí *Kanarati* deu penas de fazer flecha para o irmão.

Entraram primeiro no mato, andaram tudo, não viram nada. Foram noutra mato, o rapaz fez gritaria, mas o bicho nem mexia; só mexia o rabo. Aí chegou lá e o rapaz mandou o bicho em cima do irmão dele: “Você não pode demorar!” O irmão estava esperando, e o bicho espetou-

o bem no meio do peito. *Kanaratì* mandou o bicho passar bem na frente da casa do irmão, “para eles verem como era bom o que fazia comigo.” Aí passou perto da Aldeia. A mulher dele gritou, triste.

20 - KANARATÌ E KANARAWARÌ

Outro história assim. História de Kamayurá. Kamayurá, mas não é não: outro Kamayurá. Outro Kamayurá. Mas ele fala diferente, mas esse Kamayurá não fala igual Kamayurá não⁸⁴.

Esse Kamayurá chama *Kanaratì*. Irmão mais novo chama *Kanarawarì*⁸⁵; então esse *Kanarawarì* tem mulher. *Kanarawarì* tem mulher. *Kanarawarì* tem dois mulher. Então esse *Kanaratì* estava namorando com mulher do irmão. Estava namorando.

Aí esse *Kanaratì* [*Kanarawarì*] não acha bom [que o outro] namorava com mulher dele, não acha bom. Aí esse *Kanaratì* [*Kanarawarì*] ficou assim, aí ele disse assim: “Como é que eu vou fazer com esse rapaz? Eu não estou achando bom assim, que está namorando minha mulher, não estou achando bom.” Ficou achando ruim. Aí *Kanaratì* [*Kanarawarì*] pensou: “Bom, agora vou fazer cobra, aquele bicho mesmo que eu vou fazer.” Aí, ele fez cobra. Fez cobra, então ele foi fazer cobra, lá [em] cima. Tem buriti

⁸⁴ Sobre a ocorrência dessa informação noutros contextos, v. índice: Kamayurá, Kamayurá antigos; Kamayurá de língua diferente, *Ì(n)mawat*. Dos cantos do Kwarip não se sabe ao certo – ou não quiseram informar – a tradução ao pé da letra, e atribuem isso a serem também numa língua antiga: dizem dever-se a diferença à aculturação e aos casamentos intertribais, que afastaram o Kamayurá atual desse Kamayurá antigo, «Kamayurá de verdade»; mas, contradizendo-se, afirmam igualmente que certas palavras dos cantos são Mehinaku, ou Waurá. Seria de suspeitar que se possa tratar ou de uma fase arcaica da língua que persiste no ritual, ou de letras tomadas de empréstimo a outras tribos, ou ainda de um vocabulário semelhante aos vocabulários xamânicos conhecidos em outras áreas. No caso específico do *Ì(n)mawat*, temos informes de que foi um grupo local, que se fundiu a outros para originar o atual. Há um indivíduo capaz de falar essa língua: trata-se de *Bwabu*, um dos *maraka ìp* (cantadores) do Kwarip Kamayurá de 1965: mas ele próprio se afirmou incapaz de traduzir os cantos a que nos referimos. (V. nota 107)

⁸⁵ É a única informação direta a respeito das relações de idade dos dois irmãos, mas cremo-la suspeita. De fato, como se verá na parte inicial da história, o inf. estava pouco seguro. E ser *Kanarawarì* o mais novo está em contradição com a trama do mito, em que um rapaz – adúltero – atravessa uma série de provas, da qual sai vencedor, que culmina com uma ascensão celeste e o tratamento mágico com o remédio do Urubu – o que interpretamos como correspondendo àquilo por que passa o adolescente em fase de iniciação. Vencidas as provas, o protagonista principal derrota e mata o irmão, e passa a ter acesso legítimo às suas mulheres. Tal como o adolescente que finda o período iniciático tem desde então acesso, com propósitos sexuais, às mulheres da tribo, mulheres essas antes controladas pelos adultos. Note-se também o desequilíbrio da situação: um irmão tem duas mulheres, o outro nenhuma – e luta por elas.

seco, então ele faz buraco lá no meio, bem redondo: Então ele foi pôr cobra lá dentro, botar cobra. Assim, amanhã, assim hora [indica a altura do sol com a mão] ele chegou [voltou]⁸⁶.

Aí o irmão dele procurava: “Ô *Kanarawari*, onde você estava hoje?” “Eu fui procurar, esse arara nova, para nós, para nós criar...” “Sim. Tá bom.” “Eu já encontrei essa arara nova. Amanhã você pode tirar para nós.” “Sim, amanhã eu vou.” Tem o avô dele, que sabe isso também.

Aí [*Kanarati*] foi lá na casa. Aí avô dele procurava: “Como é que teu irmão falou para você?” “Ele disse que eu vou tirar arara nova para ele.” “Olha, cuidado, hem! Aquele arara, que ele viu, não é não. Aquele é cobra que ele fez, lá.” (Tem outro avô, também.) “Você leva seu avô. Aí chega lá, seu avô ensina como é que tira cobra.” “Sei.” Amanhã cedo, saíram. Aí procurava: “Aonde fica essa arara nova?” “Você vai andando, eu marquei lá, você entra lá, tem arara novo lá.” “Sim, pode deixar.” Aí foi.

Aí ele viu, ele viu, buraco assim, bem feito. Aí ficou olhando assim. Aí... avô dele está aí [ao lado]; bom: “Você quebra pau seco, assim pedaço. Mete [no] buraco, antes [que] cobra morde, você pega cabeça.” Aí ensinou. Aí ele quebrou pau; pau seco. Ele meteu esse vara, vara seco, aí cobra mordeu, aí esse rapaz pegou, pegou enrolando assim no braço. “Vam’bora.” “Bom, você pode ir-se embora, eu fico por aí “ [disse o avô].

Aí chegou lá. Aí, falou: “*Kanarawari*, aqui seu arara!” Ele jogou assim, no meio, no sala. Aí mulher dele [de *Kanarawari*] ficou com medo, assim. Aí esse homem matou cobra: o irmão dele matou. Aí mulher dele falou para ele: “Você queria matar seu irmão, você mandou tirar esse cobra!” “Não é não, eu vi arara mesmo!” Bom. Ficou [dizendo] mentira: “Arara mesmo eu vi lá.” Aí ele matou, tirou dente, aí ele fez, para rascar. Aí ele fez.

Aí ele chamou o irmão: “*Kanarati*, vem cá. Eu já fez coisa para nós rascar.” “Sim.” “Amanhã à tarde, vamos rascar.” “Tá bom.” Aí ele foi. Aí avô dele procurava: “O que é que seu irmão disse para você?” “Ele disse que vai [me] arranhar amanhã.” “Olha, cuidado, hem! Aquele não é dente de cachorra não; aquele é dente de cobra. Amanhã você vai morrer.”

Aí amanhã à tarde, primeiro dia... Bom, ele chamou: “Vem cá. Agora vamos rascar.” “Sim. Eu vou falar a meu avô primeiro.” Aí foi [a] correr. Aí ele chegou lá: “Como é que eu vou fazer, hem, meu avô?” “Ah, bom. Faz assim: você tira casca de pau, põe aqui tudo no corpo.” “Sim.” Aí ele foi, e

⁸⁶ A contradição deste com o parágrafo anterior e o conhecimento de duas outras variantes do mito, permite reconhecer a troca de nomes, por engano do informante, neste local. Adiante, passam a figurar corretamente; entre colchetes, a forma certa.

botou casca de pau, assim, tudo. Bom. Chegou lá. Bom. Ele riscava tudo. Tudinho mesmo. Aí esse irmão dele fala para ele [para *Kanarawarî*]: “Você quer riscar também?” “Não, agora não. Só amanhã que eu risco. Você pode ir embora.” Aí ele mandou ele embora. Aí o irmão dele falou: “Ele vai morrer hoje, de noite.”

Mas ele não morre não. Chegou lá na casa, tirou todo aquele casca de pau. Depois o avô dele riscou, [com] dentinho de cachorra, tudo. Aí amanhã cedo, bem madrugada mesmo, foi tomar banho. Aí essa mulher foi atrás dele. Foi espiar esse rapaz. Aí esse irmão achou ruim, porque essa mulher foi atrás dele [do outro], então acha ruim. Bom. As mulheres disseram: “Nós foi hoje tomar banho, mais *Kanaratî*...” “Aquele não é *Kanaratî* não, *Kanaratî* já morreu. Aquele é avô dele.” “Não é nada: *Kanaratî* mesmo.”

Aí amanhã cedo ele sentou assim, fora, aí o irmão falou: “Ih, rapaz, você não morreu não?!” “Eu não morreu não.” Aí falou [consigo próprio]: “Ah, você está querendo me matar... Sim... Espera aí...” Aí ele não disse nada.

Aí ele, outro dia, ele foi mandado tirar jenipapo. O irmão dele chamou: “Amanhã cedo você vai tirar jenipapo para nós pintar.” “Sim.” Mas jenipapo fica lá no meio do lago. Mas tem bicho lá, dentro d’água, que come gente. Bom. Aí ele foi falar avô dele; [este disse]: “Você leva seu avô, (para nós chama *Nyanuba(n)* [aranha]). Você leva dois seu avô, *Nyanuba(n)*.”

De manhã cedo saiu, aí chega lá na casa de *Nyanuba(n)*, ele falou: “Eu venho tirar jenipapo, eu venho falar você para tirar para mim.” “Sim.” “Então vamos embora.” Aí foi lá. Aí ele encontrou jenipapo. Jenipapo lá bem no meio da lagoa. Tem bicho, lá dentro d’água, bicho que come gente. Bom: “Você pode ficar aqui, agora eu vou andar por cima d’água”. Aí *Nyanuba(n)* foi andando por cima d’água, até subir, subindo, subindo, foi até lá. Aí, de lá ele mandou linha, *Nyanuba(n)* bem linha; ele manda linha até lá no chão. Aí tem [outro] avô, chama *Tarawi(n)*. *Tarawi(n)* subiu pendurando de linha, está subindo lá dentro do jenipapo. Foi tirar jenipapo muito, muito, muito, muito. Aí trouxeram muito jenipapo. “Agora você pode ficar lá, mais longe, agora eu vou atirar jenipapo lá dentro d’água.” Aí esse avô dele tirava jenipapo, jogou assim dentro d’água, aí água subiu, subiu, subiu, subiu, até...: procurava esse rapaz. Mas esse *Tarawi(n)* enrolava com folha. Escondeu. Enrolava com folha, escondeu. (Lá em cima.) Aí esse bicho procurava lá, dentro de folha, não achava. Aí água baixou. Aí esse rapaz desceu. Aí: “Você pode ir embora, eu vou ficar por aí.” [O avô ficou.]

Aí o rapaz chegou lá. Trouxeram muito jenipapo, aí amanhã cedo levou jenipapo para o irmão. Ele levou só um. Para ele [para si próprio],

muito. Aí fizeram [tinta de] jenipapo. Aí ele diz: “Ih, rapaz, você não tira muito?” “Não, eu tirei muito só para mim.”

No outro dia foram [foi] procurar gavião. Gavião. Gavião novo. Gavião. Gavião novo. Aí esse rapaz entrou dentro do mato, aí ele encontrou gavião. Gavião novo. Bom: ele encontrou. Aí, este homem, ele faz pau para ele subir. Ele faz o pau lá. Ele bota pau assim junto, então ele coloca pau assim, outro assim em cima, aí vai, chega lá. Bom. Ele veio de lá, aí ele chegou lá [a casa]. Aí o irmão dele [*Kanaratĩ*] procurava: “Aonde você estava hoje?” “Eu fui caçar hoje, mas eu não encontrei nada, eu só encontrei gavião só. Novo. Agora, eu tenho de tirar, amanhã, para nós. Sim, amanhã eu vou tirar: você vai subindo.” “Sim, tá bom. Amanhã vamos.” Aí avô dele procurava: “Que é que seu irmão disse?” “Disse que ele viu gavião novo.” “Olha, amanhã você não volta mais. Você vai ficar lá em cima mesmo. Você vai morrer lá em cima. Hoje de noite, você pega rato, você pega muito rato. Aí você leva lá em cima.” “Sim.” Aí pegou rato muito.

Amanhã ele foi. [*Kanarawarĩ* falou:] “Bom, aqui tem gavião novo. Eu já fez pau para você subir.” “Então vou subir.” Aí [o outro] procurava: “Porque é que você trouxe esse rato?” “Não. . . Eu dá a esse gavião, está novo. Quando gavião novo está com fome, eu dou, para ele.” Ele disse. Aí foram subir; até chegar [ao] gavião. Ele chegou lá no gavião, aí irmão dele tirou esse pau, para ele não descer. Aí ficou lá, não voltou mais. Aí só homem chegou lá [a casa], aí a mulher dele procurava: “Cadê seu irmão?” “Eu deixou lá em cima.” “Porque é que você deixou?” “Sabe porque é que eu deixei? Eu não estou gostando [ele] namorar com você. Por isso que eu deixei lá em cima, para ele morrer.” Aí esse mulher chorou, por causa desse rapaz. Gostava dele. Aí o avô dele ficou chorando, ficou chorando assim... Está cuidando nele. . .

Aí passa dois dias lá em cima, aí esse rato apodreceu, não prestou mais. Ficou podre. Aí, meio-dia, Urubu vem. Vem chegando assim... Aí o Urubu vem perto de lá, aí esse rapaz mostrou esse rato podre. Aí esse Urubu vem assim, onde está ele. Aí ele falou, esse Urubu falou: “Para que seu irmão fez [com] você assim? Por que seu irmão ficou zangado com você?” “Porque ele. não acha bom [eu] namorar a mulher dele.” Aí ele comeu rato, o Urubu. Comeu rato: “Bom, agora vou levar você, lá em cima, no céu.” Diz que lá no céu. Bom. Comeu rato primeiro: “Bom, você pode ficar aqui pouquinho, agora vou buscar meu marido.” Ai foi. Aí eles vem dois, esse Urubu.

Aí esse rapaz ficou magro, mesmo. Sem comer. Aí esse Urubu comeu esse rato: “Bom, agora vamos embora. Agora você pode subir aqui nas minhas costas.” Aí esse rapaz subiu. “Você não olha no chão não. Você

fecha seus olhos.” Aí ele montou. Aí esse Urubu levou ele, lá em cima. Aí esse Urubu levou, esse rapaz. Diz que lá no céu. (Deve ser assim, não é?) Aí ele ficou lá, diz que ele viu a dança lá, a dança de *kwarip*, diz que ele viu a dança de *yawari*, diz que ele viu dança de *yakui*; ele viu tudo, tudo lá, [o] que [se] dança.

Aí passa lá, muito dia mesmo, aí ele ganhou muito pena de gavião lá, pena de arara. Bom. Aí, esse Urubu veio trazer ele. Aí ele traz: “Agora vamos embora, aqui tem gavião, dois cabeças, está querendo comer você.” Tem gavião, dois cabeças⁸⁷.

Come gente. Dois cabeças. “Bom, agora eu vou levar você, senão aqui gavião te come.” “Sim.”

“Aí, amanhã cedo, eu vou pintar primeiro você, com jenipapo.” Aí o Urubu pintou ele. Bem pintado. “Bom, agora vamos embora.” Bem cedo mesmo, ele saiu de lá. Diz que esse céu é muito longe. Saiu de lá bem cedo, só voando, voando, voando, voando, voando, até chegar de noite, aqui no chão. “Bom, agora vou deixar você aqui, você pode matar aquele seu irmão. Bom, quando você pesca, quando você caça, quando você mata bicho, anta, você deixa para mim. Aí eu venho comer. Quando esse peixe, podre, você pode deixar para mim. Para mim comer”, aí o Urubu conversou ele. “Viu, eu deixo. Quando eu caço por aí, eu mata bicho, eu deixo para você.” “Tá bom. Então até logo, muito obrigado. Quando você chega lá [a casa], você faz um [boneco de] cera, igualzinho esse... boi. Você chega lá, você faz, [de] pau, faz aquele chifre, você faz lá, você mata seu irmão, com isso.” “Sim.” “Então até logo.” Aí o urubu foi embora.

Aí esse rapaz veio. Aí bateu [à] porta, assim: “Abre a porta, meu avô.” Aí avô veio abrir porta: “Ah, você veio, chegou...” “Cheguei. Muito bom lá, [o] que vi, tudo.” “Eu já pensei que você não morre não. Eu já sabia que você não morre não.” “Mas eu não morre não.”

Aí, esse outro, o irmão dele, não sabia que ele chegou. Ele pensa que ele morreu. Aí amanhã bem madrugada mesmo, foi banhar. Foi banhar. “Bom, agora vamos banhar, *Kanaratì* chegou...”, [disseram as mulheres]. “Que *Kanaratì* nada, aquele é o avô dele... *Kanaratì* já morreu lá em cima”, [*Kanarawarì* falou].

Aí foi, aí essa mulher falou: “Ih, *Kanaratì*. você chegou?” Aí, ele não respondeu não. Ficou assim, passou sem falar. Aí esse mulher ficou assim: “Ih, esse *Kanaratì* está aborrecido com nós. Não sei porquê.” Aí [ela] chegou lá, mulher chegou lá na casa: “Seu irmão chegou, hem!” “Chegou

⁸⁷ É o único exemplo de um gavião de duas cabeças; dada a insegurança do informante quanto a este mito, é possível ver aqui confusão com o urubu-rei de duas cabeças.

nada! Morreu, muito tempo.” Ele pensa que ele morre, mas não morre não. “É sim, *Kanaratî*. Nós falamos para ele – “Você chegou!”, mas ele não respondeu nós. Ficou bravo.”

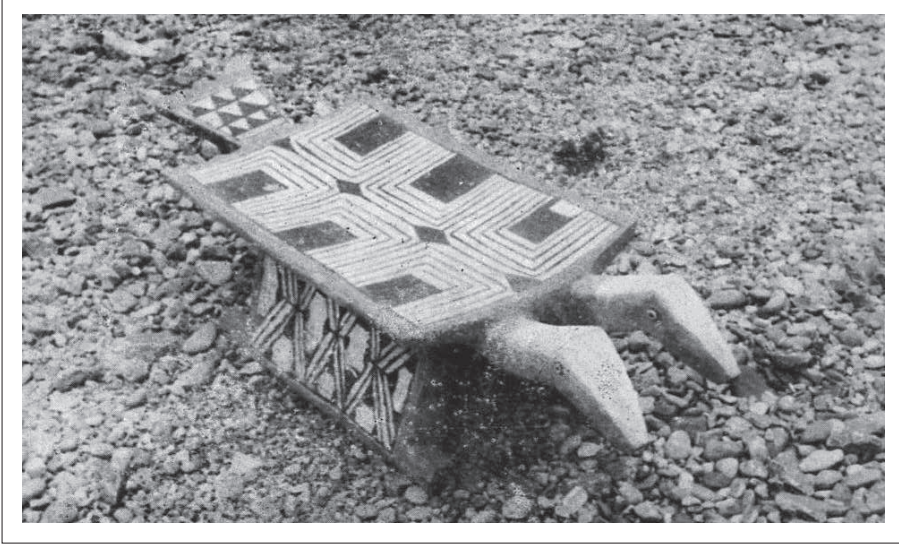
Aí, amanhã cedo, ele chegou, irmão: “Ô... *Kanarawarî*, vem cá.” “Ih, rapaz, você chegou?! Como é que você desceu lá de cima?” “Eu desceu mesmo”, falou. Não diz [explica] nada: “Eu mesmo desceu.” “Sim.” “Eu cheguei lá...” – aí ele contou: “Eu fui lá no céu.” Aí ele contou: “Eu vi muita dança lá, lá muito gente”, ele contou. “Bom, agora nós vamos fazer flecha, muito mesmo. Quando termina esse flecha, vamos caçar para nós”, [*Kanaratî* falou]. “Sim, está bom.”

Então ele fez flecha lá, prepararam lá flecha; bom, aí ele falou [*Kanarawarî*]: “Que hora vamos sair amanhã, hem?” “Vamos sair amanhã cedo. Você come primeiro amanhã, depois vamos.” Ele está mandando comer primeiro. Aí ele chegou lá [*Kanaratî*]. Aí foi falar à mulher dele [de *Kanarawarî*]: “Você faz, beiju, peixe, *kawî(n)*, para o seu marido. Ele vai comer hoje, ele vai morrer hoje.” “Sim.” (Aí, esse mulher dele acha bom que ele morrer, viu?) “Você pode matar, esse meu marido!” “Eu mato, mesmo!” “Sim.” Aí ele comeu beiju, peixe, lá, *kawî(n)*, comeu tudo. Bom: “Vamos embora, senão nos não vamos encontrar nada.” “Sim.” Aí saíram.

Ele entrou dentro do mato. “Bom: você vai aqui, eu vou por aqui.” “Sim.” Aí o irmão dele foi assim. Ele, foi [por] aqui. Procurava, nada. Aí ele encontrou [encontraram-se]: “Encontrou alguma coisa? Viado, anta?” “Não, eu não encontrei nada.” “Sim.” “Vamos lá no outro [lugar]. Lá tem.” Mas esse irmão (*Kanaratî*) dele já fez, aquele... – parece o boi, não é? Ele fez. Mas está lá [no mato]. “Bom, aqui tem. Aqui vamos encontrar. Você vai ver.” “Sim.” Aí entraram. “Você pode ficar aqui, eu vou espantar para você, para você flechar; quando o bicho vim, você flecha.” “Sim.” Aí foi, foi andando devagarzinho, aí ele encontrou aquele que fez. Aí encontrou. Aí foi lá no perto dele, aí ele empurrou assim. Ele empurrou assim. Mandou para ele. Aí esse bicho foi correr, foi direto nele, furou barriga, aqui. Foi embora. Aí esse rapaz falou: “Você pode levar lá, perto de mulher dele, para ele [ela] ver.” Aí esse bicho correu, até lá na casa dele. Aí mulher dele viu. “Ih! Agora? Marido?! Marido de nós morreu. Agora vamos casar irmão dele”, aí mulher dele falou. Mulher falou que acha bom que ele morreu, ele (ela) acha bom.

Aí chegou lá. Aí o rapaz chegou lá: “Vocês acha ruim que eu matei seu marido?” “Não, nós não acha ruim não. Nós acha bom. Nós gosta [de você], mais do que [d]ele”, aí mulher dele falou. Aí esse rapaz casou com os dois, mulher.

Aí acabou.



Estampa 2 - *Ìrìvutsing mokòy akâng*: o Urubu-Rei de Duas Cabeças representado no banquinho cerimonial.

21 - HISTÓRIA DO REMÉDIO DO URUBU

Bom. Tinha *Kanarawarì*, tem irmão dele, chama *Kanaratì*⁸⁸. *Kanarawarì* fez coisa de gavião, lá em cima do pau. Bom. Ele fez escada primeiro. Pronto. Depois ele ficou [falando ao] irmão dele: “Bom, *Kanaratì*, tem gavião, eu vi gavião, lá em cima. Mas eu quero que você vai tirar para mim.” Falou isso. Bom. Depois ele foi entrar na casa dele, aí o avô dele perguntou: “O que *Kanarawarì* falou para você?” “Não... disse que o gavião, diz que eu vou tirar para ele.” Aí o avô dele falou isso: “Mas você não vai voltar hoje, você vai morrer pra lá, você vai cair, você tem de pegar o rato. Tem de pegar muito rato.” Aí o *Kanaratì* falou: “Tá bom.”

Diz que ele pegou rato, tudo, cinco, seis, levou. “Vam’bora? “Vam’bora.” E foi. Chegou lá perto dele: “Olha lá ele”, ele mostrou. “Ih, pau grande...” Diz que é grande. “Bom, você vai subir.” Fez a escada, *Kanaratì* diz que subiu. Subiu, chegou lá onde tem aquele coisa de gavião. Bom. Aí ele gritou, *Kanarawarì* gritou: Ô *Kanaratì*, você não vai cair agora, você vai morrer, você não vai cair [descer] mais.” Ele pegou aquela escada, caiu tudo. Ficou lá em cima.

⁸⁸ Ao contrário dos demais informantes, este tomou como título o remédio do Urubu, e não o nome dos dois irmãos que disputam. Estava num período de liberdade entre reclusões sucessivas. Trata-se de Ayupu (v. Introdução).

“Bom”, *Kanaratì* falou, “ah, você enganou, não sei o quê, vai morrer...” Falou isso. Pronto. Ficou dez dias, o rato vai fedendo. Vai feder. Então aquele Urubu escutou o cheiro e desceu, desceu aí o *Kanaratì* chamou ele: “Ô avô, vem comer isso aqui, aqui tem seu comida: aqui para você.” Desceu, diz que desceu: “Ih neto, você tá aí?” “Tou aqui.” “Agora é que eu estou vendo você... Ih, e agora?” “Não sei, eu vou morrer aqui, ih... (não sei o que).” “Bom, eu vou levar você lá em minha casa.” “Tá”. “Então eu vou buscar meu mulher.”

Diz que o Urubu foi ainda buscar a mulher dele, chegou lá, ele comeu aquele rato, tudo, pronto. Bom, então *Kanaratì* foi com ele, com aquele mulher do Urubu. Chegou lá, bom, diz que *Kanaratì*, ficou magrinho, quase morreu, ficou feio. Ficou mais quase dois meses [em cima do pau]. Bom, ele sentou nas costas do Urubu, saiu e levou na casa dele. Chegou lá: “Bom, você vai tomar meu remédio.” Chama *irìvu awa(n)gì*. Bom, ele foi buscar para ele, chegou lá, ele tomou, pronto. Mas ele ficou bonito, grande, homem grande. Ficou até não sei quanto, pode ser dez mês, ficou lá. Lá, no céu.

Depois, *Nyapakanì(n)*, o gavião entrou lá, quis namorar com ele, ele arrancou tudo o rabo para ele levar, outro gavião também entrou lá para namorar com ele, arrancou tudo pena. Chegou, aí o gavião viu, aquele pena de gavião não tinha nada mais. Aí ele pensou: “Quem que está tirando o rabo de nosso mulher?” Falou. “Não sei, acho que aqui, na casa do Urubu já tem gente.” Bom, aí ele [quer] comer ele: “Nós vamos matar ele.” Aí o Urubu escutou isso. Chegou lá para o *Kanaratì*: “Bom, eu vou levar você, esse pessoal está querendo comer você.” “Então está bom.”

Bom, um dia, bem cedo, aí ele desceu com ele. Pronto, mulher dele, e o marido, Urubu. Aí vem, vem, vem, diz que ele desceu lá na aldeia dele, chegou lá. Aí o avô dele estava chorando, o avô de *Kanaratì*. Chegou. Pronto. Aí chegou no avô dele, o avô dele disse: “Ih!... você já vem, não morreu não...” Aí pronto.

Dormiu. O irmão dele, ele não viu, ainda. Bom, ele foi tomar banho, bem cedo. Foi, vai assobiando assim, assobiando, aí a mulher de *Kanarawarì* escutou: “Ah, *Kanaratì* chegou, vou tomar banho com ele.” Aí *Kanarawarì* falou: “Uai, vai com ele, já morreu, *Kanaratì* já morreu, caiu, morreu, não vem mais...” Foi embora. Chegou, a mulher dele contou para ele: “*Kanaratì* chegou, está gordo...” “Que nada, *Kanaratì* já morreu. Como é que ele desceu?” “Não sei não.” “Ah, aquele *Kanaratì* já morreu, não vem mais, deixa pra lá.” Pronto.

Amanheceu. De manhã cedo, ele chamou: “*Kanarawarì*, vem cá. Eu vou conversar com você.” Chegou. “Ah! Você chegou, rapaz?” “Eu cheguei.” “Puxa, como é que você chegou?” “Mas eu desceu. Quando

você saiu, desceu.” “É?” Disse: “É. Vamos fazer flecha?” “Vam'bora.” Aí diz que ele fez muito flecha. “Amanhã vamos caçar, matar bicho...” “Tá okey” [sic]. Pronto.

Amanhã, *Kanaratî* foi fazer *ubuku* (aquele chefe, digo, como é que se chama eu não sei, *ubuku*. E o viado grande, aquele que tem o chifre. [Cervo?] É, cervo. [Como é que você chama?] *Ubuku*.) *Kanaratî* fez, fez bem. Fez embira, fez bem direito, igual ele. Pronto. Aí ele, *Kanaratî*: “Tá conversando com você. Se *Kanarawarî* vem para cá, você corre, pode furar ele.” Ele falou, falou bem direito: “*Kanarawarî* quer matar eu, então eu vou matar ele, tá bem?” “Tá.” “Bom, vou embora.”

Dormiu. De manhã cedo: *Kanarawarî*, vamos caçar? Vamos embora?” Diz que saiu. Chegou lá no mato: “Bom, você vai ficar aqui, *Kanarawarî*. Eu vou rodear esse mato aí, prá correr bicho para você matar aqui.” “Tá.” Aí ele chegou lá, foi lá, nada. Depois foi no outro [lugar], nada. Depois foi no outro, já tem o *ubuku*: “Bom, fica aqui, quando ele vem aqui, você vai matar. “Tá bom.” Aí foi embora. E vai procurando, chegou até no *ubuku*: “Vai logo, rapaz, corre!” Aí o *ubuku* não quer correr. “Vai logo!” Que ele bateu, diz que na ponta, aí correu. “Correu, *Kanarawarî*, já vai correndo, pode matar esse *ubuku*!” Depois eles levaram, diz que pegou bem aqui [indica com a mão espalmada o meio do peito], é, *Kanarawarî* morreu. Aí o *Kanaratî* falou: “Pode levar longe... Prá lá, prá lá onde tem caraíba [branco]. Pronto, levou, chegou lá, passou na aldeia dele. Aí mulher dele disse que viu: “Ih, *Kanarawarî* morreu... Bicho matou ele...” Pronto. Foi embora. Só.

22 - COMO O URUBU ARRANJOU JENIPAPO

Urubu foi lá no *Pakue(n)*⁸⁹, foi visita, no *Pakue(n)*. Urubu foi lá onde está *Pakue(n)*, foi [fazer] visita. Então o Urubu chegou lá, Urubu viu o jenipapo, aí Urubu viu, esse jenipapo, então esse Urubu falou para o *Pakue(n)*: “Ô *Pakue(n)*, você quer me arranjar um pouquinho do jenipapo?” “Sim. Eu arranjo.”

Depois o *Pakue(n)* foi falar ao peixe, peixe, mas *Pakue(n)* não é dono do jenipapo não. Quem é dono do jenipapo [é o] peixe. (O... Você já

⁸⁹ *Pakue(n)* («Gaivota») é um ser que mora embaixo d'água, e deu também a mandioca aos Kamayurá. Obérg (1953:19) diz que *Pakue(n)* (*Pakoin*) foi feito de uma cabaça a que *Mavutsini(n)* (*Mavutsiné*) pôs uma pena de cada lado, cobrando vida quando o herói soprou fumaça sobre ela. Isto, para que desse a mandioca aos Kamayurá.

viu assim, o “pintado”? É dele.) Então o *Pakue(n)* foi lá. Está lá o peixe. (Quem é o chefe do peixe é, diz que é “Matrinchá”.) Aí o *Pakue(n)* foi falar *Ipiyawo*, o chefe do peixe. Então *Ipiyawo* arranhou para ele. Depois o *Pakue(n)* fez para o Urubu, mas ele não deu aquele muda, deu tinta (tinta feita), então *Pakue(n)* deu para ele.

Aí Urubu passou lá três dias. Aí Urubu procurava: “Como é que vocês pinta, com isso?” Então o *Pakue(n)* mostrou para ele: “Nós pinta assim.” Ele chamou um rapaz, o *Pakue(n)* chamou rapaz, então o *Pakue(n)* estava pintando o rapaz, lá, aí o Urubu ficava olhando, como é que ele pinta, assim pintado.

Aí esse Urubu, foi embora, de lá. Lá, por dentro d’água, peixe fica como assim, água só fica em cima. No alto⁹⁰. Então Urubu foi embora. Foi embora. Aí *Pakue(n)* levou ele. Bom: “Agora eu vou levar você, senão você perde [-se por] lá. Você não vai mais sair daqui.” Aí levou ela; aí saiu, de dentro d’água, saiu. Aí ele [a água] fechou. “Bom: Você pode ir embora.” Aí *Pakue(n)* voltou, aí Urubu foi embora. Subiu, lá no céu.

Aí o Urubu chegou lá, aí ele contava: “Eu já vi como o *Pakue(n)* pintava com isso. Agora vamos pintar como ele. Eu já vi.” Aí ele chamou uma moça, aí ele pintou. Urubu pintou. Bom. O *Pakue(n)* deu jenipapo assim, bem assim: tem um cabaço assim, bem cheio, feito [isto é, com tinta feita]. Aí ele levou, aí ele chegou lá [o Urubu], aí ele contou: “Já viu lá, jenipapo. Já viu tudo.”

Depois, o *Pakue(n)* arrancava o muda de jenipapo, aí ele levou lá, no Kamayurá, aí *Pakue(n)* plantou, lá. Aí a mulher do *Pakue(n)* procurava⁹¹: “O que é isso?” “Esse é jenipapo.” Então jenipapo nasceu, cresceu assim, ficou esse tamanho. Deu muito fruta. Aí *Pakue(n)* disse para a mulher: “Esse, jenipapo. [Para] você se pintar, você tira fruta, você tira casca, mistura com água.” Aí *Pakue(n)* ensinou.

Aí depois o Urubu vem outra vez, lá no *Pakue(n)*, e veio pedir muda. Mas *Pakue(n)* não deu; aí *Pakue(n)* disse para ele: “Você leva muda, você planta lá, não nasce, não.” Diz que lá no céu, muito quente⁹². Aí depois o Urubu veio embora.

Aí Urubu pintou aquele homem que foi lá no céu. Aí então, esse homem [que] foi lá no céu, ele viu como é que pintou. Então esse homem vem lá no Kamayurá, ele pintou igual. Aí os outros aprendeu.

Era assim.

⁹⁰ Sobre a concepção e crenças ligadas à água, v. Índice, Água.

⁹¹ Ela era Kamayurá. V. mito 24.

⁹² No céu não há mato, tudo é limpo (mito 17). Essa seria a explicação.

23 - COMO O URUBU FICOU PRETO

Urubu foi brigar. [Com] outro gavião. Outro gavião bravo. (Chama *Pipiwa* [esse gavião].) Foi brigar. Então Urubu chegou lá perto de aldeia de *Pipiwa*, então ele passa carvão. Passa carvão tudo. Mas não tem jenipapo para ele. Não tem urucu, não tem nada. Então ele pegou carvão, passa no corpo tudo⁹³. Tem terra vermelho, então ele passa na cara, para ficar vermelho. Aí ele ficou vermelho, o corpo dele ficou preto.

Aí esse *Pipiwa* tem outro jenipapo, não é jenipapo não (eu não me lembro o nome). Então esse *Pipiwa* estava pintando. O pessoal dele estava pintando, mas outro já foi contar para [ele que] Urubu vai brigar com ele. Então esse *Pipiwa* estava pintando, esperando. Aí Urubu chegou lá, na aldeia do *Pipiwa*, aí *Pipiwa* viu assim, aí *Pipiwa* pensava [que era] o pau; pau queimado. Aí ele ficou assim preto, tudo preto.

Aí depois o Urubu briga lá, aí Urubu ganhou muito, essa briga. Mas esse gavião bravo [era] muito, mas não ganhou não. ([O Urubu] tem o pessoal dele, também; o pessoal dele foi com ele também.) Então esse *Pipiwa* estava esperando. *Pipiwa* estava assim, muito, agora o Urubu foi, [com] dez pessoal, ele levou o pessoal dele. Só dez. Mas o Urubu ganhou. Mas esse *Pipiwa* não sabe essa briga; aí Urubu mataram um bocado. Muito mesmo. O pessoal do Urubu, não morreu nem um. Aí Urubu voltou.

Aí ele chega lá na aldeia dele, aí foi tirar esse carvão, mas não saiu não. Aí ele, o Urubu, ficou assim, ficou preto.

24 - ORIGEM DA MANDIOCA

Tem esse índio que se chama *Pakue(n)* [gaivotá]. Esse *Pakue(n)* ele mora dentro d'água. *Pakue(n)* apareceu na aldeia de outro índio. Esse índio não tem o que comer: beiju, mandioca; quem tem é *Pakue(n)*. *Pakue(n)* na aldeia viu uma moça e casou com ela. Ele, com vontade de comer beiju, estava lá há mais de cinco dias, pediu à mulher o que tinha para comer. Ela não tinha nada *Pakue(n)* convidou a mulher para a terra dele, para ver como é beiju. *Pakue(n)* falou: "Já vi que vocês não comem nada, nem beiju, nem peixe; vamos para minha terra." O outro índio [da aldeia da mulher de *Pakue(n)*] bebe só a água de uma raiz.

⁹³ O corpo todo pintado de negro com fuligem, e cocares de penas escuras na cabeça, são os atavios de guerra Kamayurá. Os cocares diferentes dos de festa são, dizem, para confundir os inimigos, quanto à identidade do grupo atacante, no caso de se perder algum cocar. A pintura do Urubu também servia de camuflagem. Trata-se do Urubu comum, preto.

Pakue(n) saiu de lá, ele e a mulher foram buscar beiju. *Pakue(n)* e a mulher chegaram à beira da água; ele disse para irem para dentro d'água; ela ficou com medo. Aí foram dentro d'água, onde havia uma casa grande. A mãe de *Pakue(n)* estava muito alegre porque *Pakue(n)* casou. Ela mostrou beiju, peixe assado e cozido, a mulher comeu lá; no outro dia voltaram com beiju. Vieram para casa da mulher. A mulher mostrou tudo e contou. *Pakue(n)* resolveu fazer roça.

Pakue(n) fez roça, como daqui lá no aeroporto⁹⁴. Fez roça grande. Plantou. O pessoal de *Pakue(n)* veio, plantou para ele. Depois nasceu muita mandioca, ficou bom para ele comer. Mulher de *Pakue(n)*, o pai dela achou bom *Pakue(n)* arranjar beiju e mandioca.

A cunhada deles ficava em casa e não saía. Moça nova. A mulher de *Pakue(n)* disse para ele não “mexer” com a irmã, que a mãe ficava brava. Todo dia iam arrancar mandioca, todo dia. Depois ele ficou doente, só conversa dele, mentira. Ficou em casa só, e tentou “conversar” a moça; quando a mãe chegou, ela estava “boa” ainda. No outro dia *Pakue(n)* tomou a ficar em casa. Tomou a mexer com a moça. Ela disse que ia tirar a liga (que usam abaixo do joelho para engrossar a perna, para bonito). *Pakue(n)* “trabalhou” ela. O pai da moça fez cesto para ela ficar dentro. Ela entrou, mas não conseguiu entrar direito. (A moça não podia ficar dentro da cesta, e por isso a mãe descobriu que ela tinha tido relações; ela não coube na cesta pendurada do teto porque tivera as relações sem tirar as ligas. Ainda hoje, homem ou mulher, que o fizer, de ligas postas, fica sem poder andar direito.) Ficou com medo do pai e da mãe. A mãe dela chegou e achou ruim, ficou brava com *Pakue(n)*, muito mesmo; mandou ele embora. Ele foi embora, foi chamar o pessoal dele para arrancar toda a mandioca.

Ele contou o que aconteceu, todos arrancaram a mandioca, toda. *Pakue(n)* voltou para esconder três ramas para a mulher dele, que já estava “buchada”. Ele disse que ia embora, e disse que a rama estava escondida: para quando o filho nascer, o pai da mulher plantar; ela encontrou a rama de mandioca. O pai dela plantou. A mandioca nasceu, devagarzinho, fez roça, depois outra e assim foi aumentando. Nasceu muita mandioca⁹⁵.

⁹⁴ O informante achava-se em Brasília quando nos contou os mitos 24 e 25. A distância da Universidade ao Aeroporto é de uns 15 km em linha reta.

⁹⁵ Schultz e Chiara (1967) observaram rituais ligados às pás de beiju nos Waurá. Estas são simples ou zoomorfas, destacando-se as ornitomorfas entre os Kamayurá. Haveria uma possibilidade de se ligar a pá de beiju (iwep) em forma de pássaro, a *Pakue(n)*; mas isto por enquanto não passa de hipótese. No decorrer das cerimônias observadas por Schultz, quando os homens voltam à aldeia com a madeira para fazer as pás, são recebidos por três mulheres que «cantam e dançam. Uma delas usa um

25 - ORIGEM DO PIQUI

Antigos não tinham piqui. *Katipo* era mulher casada, e namorava um jacaré. Ela foi para a roça. O marido dela tinha duas mulheres. O marido ficou. Ela fez beiju para o jacaré e levou; ele era muito bonito.

A mulher encontrou-o e gostou dele; por ser bonito, namorou. O homem não soube e todo dia a mulher levava-lhe beiju quando ia para a roça.

A mulher foi para a roça de novo, fez beiju; o marido perguntou para que era o beiju: “Para comer com gafanhoto⁹⁶ e não passar fome na roça.” Ela perguntou: “Você não vai?”. O homem disse: “Só depois.” Ela foi e o jacaré esperava na estrada. O marido foi atrás e viu-a namorando o jacaré. O homem passou; a mulher ficou namorando e não viu o homem. O homem chegou na roça, a mulher não estava. Ficou capinando, quando a mulher chegou.

O homem perguntou: “Você não estava trabalhando aqui na roça? Onde foi?” A mulher respondeu: “No mato para apanhar gafanhoto para comer.”

Aí saíram de lá e foram para casa. Quando chegaram o homem disse: “Vou trabalhar flecha. amanhã vou caçar” (a mulher não sabia). A mulher disse: “Amanhã vou fazer beiju para levar.” O homem se calou.

De manhã ela fez beiju. O homem saiu bem cedo: “Vou caçar.” Foi esperar o jacaré. Ela foi, atrás, levando beiju e *kawí(n)* para o jacaré.

Quando a mulher chegou o jacaré não estava na casa dele. Ela chamou, gritando. Aí jacaré saiu. A mulher disse: “Vem comer o seu beiju; eu trouxe beiju bom para você.” O homem olhava o jacaré. O jacaré veio.

Jacaré veio, ficou conversando. Abraçando primeiro uma, depois a outra (eram as duas mulheres do homem que namoravam o jacaré). O jacaré era um rapaz bonito. O homem esperava ele começar a “trabalhar.”

cinturão largo, ornamento tipicamente masculino, mas sua pintura é em vermelho, sem desenhos, pintura característica das mulheres. Nas mãos, com os braços esticados, ela segura uma corda». Esta corda poderia, cremos, corresponder simbolicamente à corda (guarnecida por pedras cortantes) usada por *Pakue(n)* para derrubar as árvores de sua roça (Oberg 1953:19). Haveria ainda outra hipótese, inverificável de momento, por falta de documento fotográfico em Schultz: a de que não se trate de «corda» propriamente dita, mas da meada de fios de algodão frouxamente torcida, que usam as mulheres como jarreteira – o que se ligaria ao ato de a cunhada tirar as jarreteiras para ter relações sexuais. Ainda em relação à pá, Oberg (1953:18-20) dá como *mama'e(n)* da mandioca: *ibít*, *iwép-ivét* (pá-de-beiju) e *ivirat* (pau-de-cavar). Nas cerimônias vistas por Schultz, os paus-de-cavar (que perderam sua função prática) também entram. Por nossa parte, anotamos entre os Kamayurá dois tipos de pintura aplicada aos Kwarîp: *iwep* (pá-de-beiju) e *iwepi(n)* (pazinha-de-beiju). Ainda não estudamos suficientemente o problema, o que impede ir, por agora, além destas simples aproximações.

⁹⁶ Entre os Kuikúro, os grandes gafanhotos que aparecem em certa época do ano são guloseima muito apreciada, mas não se podem considerar fator importante na dieta. Ainda não observamos seu consumo pelos Kamayurá.

Jacaré comeu beiju. A mulher convidou-o a “trabalhar”: primeiro uma, depois a outra. Quando jacaré trabalhou a segunda, o homem flechou, matando-o. Depois, bateu nas mulheres muito com um pau, no corpo todo. As mulheres choravam⁹⁷. Aí o homem deixou-as lá: “Ficam aqui, não podem ficar lá na casa.”

A segunda mulher disse para a outra: “Que é que vamos fazer com o jacaré? Enterrar ou queimar?” “Queimar; não pode enterrar.” Foi buscar fogo na roça, juntaram capim sobre ele e queimaram o jacaré, deixando-o queimado.

Foram para casa, apanharam de novo e ficaram três dias sem comer, por causa do que fizeram. “Vocês não podem fazer beiju. Eu não como se fizerem.” Ele não pescava, comia na casa dos outros.

Ele largou as mulheres, elas ficaram sozinhas. Cinco dias depois, elas foram olhar o jacaré queimado. “Vamos ver se ele nasce?” Chegaram lá.

O piqui nasceu da cinza do jacaré. Ficaram alegres por ele ter nascido. Discutiram sobre o nome. “Vamos botar nome agora, Piqui.”

As mulheres saíram de onde era a casa do marido, fizeram casa junto do piqui, esperando a fruta nascer. Quando nasceu e ficou maduro, piqui caiu da árvore. Pegaram e cortaram o piqui com um caramujo. Cheiraram: “Não tem cheiro. Como vamos fazer agora?” Não fizeram nada. Caiu muito piqui; elas trabalhavam-no muito, cortando, [etc.].

Um homem, *Murenayat*, que morava em *Murena* [ele pusera o nome a si próprio – “dono de *Murena*”], tinha um papagaio que falava a língua de *Murenayat*, que era Kamayurá. As mulheres moravam longe de *Murena*, como daqui no aeroporto⁹⁸. Elas estavam trabalhando o piqui, que nasceu de quatro cores diferentes, conforme a direção dos ramos [norte, azul; sul, verde; leste, branco; oeste, vermelho]⁹⁹. O papagaio comia só fruta. *Murenayat* e o papagaio não conheciam piqui.

⁹⁷ Se as normas de convivência, valorizando o comportamento não conflituoso entre indivíduos de uma mesma tribo, proscvem represálias contra o ofensor masculino em caso de adultério, não impedem o castigo físico da mulher pelo marido. Ou que a mulher o agrida oral ou até pessoalmente, se foi este o implicado. V. mito 12.

⁹⁸ V. nota 94.

⁹⁹ A árvore que nasce da morte e das cinzas do jacaré (mais precisamente, segundo outros informes, de seus testículos), da qual os ramos têm frutos cuja cor varia com os pontos cardeais, e que recebem seu cheiro dos órgãos sexuais femininos, tem todas as características de uma Árvore Cósmica e da Vida. Cresceu perto de *Murena*, centro do mundo. E acredita-se ser o piqui fruta afrodisíaca e que facilita a concepção. No *Kuariṗ*, uma moça que finaliza a iniciação pubertária distribui aos chefes visitantes castanha de piqui, e dá-lhes suas ligas, em simbólica oferta das mulheres da tribo hospedeira (Agostinho 1966:60).

Papagaio saiu cedo, foi comer fruta, uma qualquer; no dia seguinte, de novo; no terceiro dia, achou piqui e comeu piqui: quando ele encheu o papo, tirou o fruto e foi mostrar a *Murenayat*. Ele estava lá, sentado. O papagaio ficou trepado na casa, descascando piqui; deixou cair um pedaço e *Murenayat* ficou olhando, sem saber o que era. “Onde você arranjou essa fruta?” Cheirou, não tinha cheiro.

Murenayat arrumou linha. Foi trocar com um homem, *Nyanuba(n)* [aranha]. *Murenayat* caiu na linha de *Nyanuba(n)*, que era a casa dele (ele fazia rede de pescar). *Nyanuba(n)* chegou, olhou *Murenayat* e disse: “Você caiu na minha casa, vou comer você.” “Não, você não come eu; eu não sei entrar em sua casa, vim comprar linha.” *Nyanuba(n)* deu-lhe linha.

Murenayat atou a linha à perna do papagaio. O papagaio de manhã voou, foi onde estava o piqui e *Murenayat* seguiu a linha, vendo-a no alto das árvores. Achou piqui. *Murenayat* viu as mulheres e elas viram e souberam que eles vinham. Ele perguntou-lhes o que faziam.

Murenayat perguntou: “Como plantam isso?” Elas contaram: “Piqui, é feito de jacaré.” *Murenayat* perguntou: “Esse piqui tem cheiro?” “Não.” *Murenayat*: “Então vou fazer cheiro de piqui.”

Murenayat deitou-se, atravessado na porta. As mulheres passaram sobre as pernas dele. *Murenayat* pegava o piqui e, quando elas abriam as pernas ao passar sobre ele, passava-lhes o piqui no *ta(n)ma* [órgãos sexuais femininos], pegando o cheiro. Então, passou esse piqui na árvore para passar o cheiro. Quando piqui vermelho caiu, mandou cheirar. As mulheres cheiraram. Depois caíram piqui branco, azul, verde. Todos cheiravam. Aí ele passou o piqui vermelho nos outros, depois todos os piquis ficaram vermelhos.

Cheiro de *ta(n)ma* antigo era cheiro de piqui. Kamayurá “trabalhava” muito mulher; quem chegava perto sentia, ficava sabendo. Aí *Murenayat* passou esse cheiro no piqui e a mulher não tinha mais cheiro. As mulheres sabiam o que fazia o marido [infidelidades] pelo cheiro – por isso *Murenayat* mudou o cheiro.

Murenayat plantou muito piqui em *Murena*, e os Kamayurá foram apanhar piqui, muda, e levaram lá para o Kamayurá [aldeia], nascendo muito piqui.

26 - HISTÓRIA DE YAKUI

Bom, história assim, como é que foi [que] nasceu *yakui*¹⁰⁰. *Ayanama* foi pescar. Esse o nome do índio, *Ayanama*. *Ayanama* foi pescar; foi

¹⁰⁰ *Yakui* são as flautas tabuadas às mulheres e guardadas numa casinha especial, *Tapwi(n)*, no centro da aldeia. Mas o que *Ayanama* captura não é propriamente uma flauta, mas algo de material ignorado – como o são as «coisas de *mama'e(n)* (*taa(n)ngap*, p. ex.) dadas por estes aos pajés em testemunho de seus contatos.

tampar peixe. Primeiro *Ayanama* fez urna rede para pegar peixe (para nós chama a rede, *pĩa*). *Ayanama* faz primeiro *pĩa*, depois ele vai pegar peixe, mas ele vai pescar só de noite. Então ele chega lá, de tarde, ele faz jirau, para ele ficar lá em cima. Bom. Então *Ayanama* está deitando *pĩa* por dentro d'água; ele amarra a canoa dele por baixo [do] jirau. Então ele pegava muito peixe, muito, muito, mesmo. Pegava pintado, pegava tucunaré, pegava pirarara, pegava bicuda, pegava surubi, pegava muito.

Aí *Ayanama* desceu do jirau. *Ayanama* está botando água por dentro do canoa dele, botaram água. Depois ele pegava jacuí, enrolava com *pĩa*; aí ele botou dentro canoa. Aí *Ayanama* ele conheceu logo, jacuí. Botou nome mesmo, jacuí. Aí *Ayanama* ficou assim, pensando, agora, *Ayanama* falando: “Esse jacuí agora, só não pode ver, mulher. Mulher não pode ver agora. Só homem agora só pode ver.” Bom. Depois *Ayanama* foi embora. Chegou lá na estrada dele, aí ele pegou o capim, para enrolar jacuí. Bem enrolado, para não ver. Aí ele chegou lá na casa. Aí ele contou, para a mulher: “Eu já peguei, jacuí. Jacuí mesmo. Jacuí bem feito. Só você não pode ver. Agora... homem só pode ver jacuí. Homem pode, mulher não pode ver jacuí.”

Bom. Amanhã *Ayanama* foi tirar madeira, para fazer jacuí. Outro madeira. Agora, aquele que ele pegou [na água], não é madeira. Não é pau, não é nada qualquer coisa. *Ayanama* faz madeira, igualzinho jacuí. Ele faz quatro jacuí. Aí *Ayanama* estava tocando lá.

Tem um amigo, lá em *Ayanama*; chama *Mawani(n)-wani(n)*. Amigo dele chama *Mawani(n)-wani(n)*¹⁰¹. Então esse amigo dele ouviu ele tocar.

Ayanama morava assim. Agora, amigo dele, morava como na casa lá do lado. Aí *Ayanama* tocava, aí amigo dele viu tocar. Aí amigo dele falou assim: “O que *Ayanama* estava tocando lá? Bom. Amanhã eu vou lá onde ele está, eu vou ver o que é que ele toca, lá.” Aí amanhã foi, amigo dele chegou. Aí *Ayanama* viu: “Ah, você está aí, amigo!” “Estou aqui.” Aí ele procurou: “O que é que você tocou por aí, hem, *Ayanama*?” “Não... Eu toquei aqui... Eu fez pau para mim dançar, jacuí. Eu fez jacuí aqui para mim tocar.” Aí amigo dele acha bom: “Eu acho bom aquilo você tocou. Aquele que você tocou você vai me dar para mim.” “Sim, eu dou. Quando você vai embora, eu dou para você.” Aí ele deu para ele. Mas aquele que ele pegou, estava escondido, mas não mostrou para ele. Ele enrolou aquele que pegou, escondeu. Aí foi embora [o amigo].

¹⁰¹ Sego Oberg (1953:50), *Mavutsiné* fez os Kamayurá de *kamiuwa*: primeiro *Kanarawari*, *Kanarati* e duas mulheres. Depois *Yanamá* e *Vanivaní*. *Yanamá* morava em *Murena* e *Vanivaní* em *vanivaní*. Sego Murphy & Quain, *Wani(n) wani(n)* era: a) o nome de um ser mítico; b) a aldeia celeste onde mora esse ser; c) o local de uma antiga aldeia Trumái. Isto explicaria por que a «língua de *Ayanama* – companheiro de *Mawani(n) -wani(n)* – era Trumái» (mito 33; o parêntese é nosso).

Aí amigo ficava tocando lá. Bom. Aí *Ayanama* pegou aquele que ele pegou, vai tocar. Ele toca só de noite. Ele toca. Aí amigo dele viu tocar também: “Th, aquele mais bom! Amanhã eu vou pedir para mim.” Amanhã ele chegou de novo: “Aquele que você tocou, mais bonito [do que] aquilo que você me deu!” “Não, aquele está bom também...”, vai ficando mentindo para ele, “aquele também muito bom. Aquele que eu fiquei tocando, não presta. Quer ver? Eu vou mostrar para você.” (Ele fez muito jacuí primeiro; muito mesmo.) “Aí, este aqui toquei. Este aqui toquei, esta noite. Mesma coisa [que] aquele que você levou.” “Sim; então vou levar este também.” Aí ele deu, de novo. Foi embora [o amigo].

Aí ele [o amigo], chegou lá, tocava. Aí *Ayanama* de noite tocava [a que] ele pegou. Aí tocou. Aí amigo dele escutou ele tocar: “Th!... Será que *Ayanama* está enganando?” Aí amanhã ele chega de novo. “Aquele que você tocou esta noite, mais bonito daquele que você me deu.” “Não é, aquele mesmo está bom!” Aí *Ayanama* ficou assim, meio bravo com ele. Aí ele deu para ele: “Então você leva tudo!” Deu para ele tudo: “Mas eu não tenho mais comigo, eu já deu agora [a] você tudo”¹⁰². Aí ele levou. Aí estava tocando lá. Aí à noite *Ayanama* não tocou. Aí amanhã, amanhã à noite, ele tocou. Aí amigo dele viu ele tocar. Aí amigo dele veio de novo: “Ei, *Ayanama*, cadê meu jacuí mais bonito?” “Não, aquele que eu toquei hoje à noite, aquele é novo, que eu fiz. Quer ver? Eu vou mostrar. Aqui [está o que] eu toquei.”

Aí, tem o avô do amigo dele, que sabia. Aí... bom.

Ele [*Ayanama*] deu para ele: “Você leva isso. Mais bonito para você.” Ele aí foi embora. Estava tocando lá, aí *Ayanama* não tocou. Passa [um] dia, dois dias, aí ele tocou de novo, jacuí. Aí ele [o amigo] viu tocar também: “Esse *Ayanama* só ficando mentindo para mim. Está enganando.” Aí avô dele dizendo para ele: “Aquele não é madeira, jacuí mesmo. Aquele, *Ayanama* foi pescar, que ele pegou lá dentro d’água.” Aí avô disse para ele; aí ele sabe.

Aí de noite, *Ayanama* tocou. Aí amanhã ele [o amigo] veio de novo. Aí ele procurava: “*Ayanama*, cadê aquele que você tocou essa noite?” “Aquele não presta, aquele é novo, que eu fiz hoje. Quer ver?” Aí ele

¹⁰² O ato de presentear, quando o presente é pedido, é quase compulsório. Vimos a irritação do capitão Kamayurá, *Takuma(n)*, ao ter de ceder às exigências de seus visitantes Kalapálo no Kwarip de 1965; insistiram em obter uma rede de dormir, e uma rede de -caraiba-, não-indígena. *Takuma(n)* só os pode atender pedindo a própria rede em que dormia um civilizado presente. No mito, vê-se como a recusa foi interpretada como má vontade, dando lugar à eclosão de hostilidades. De modo inverso, as trocas comerciais ritualizadas, que se apóiam sobre o sistema de especialização intertribal e em prestações e contraprestações de presentes, substituem o contato hostil nas relações entre os grupos da área. Quanto ao rapto das mulheres, foi prática comum enquanto houve ataques a aldeias.

mostrou: “Esse aqui foi [o que] eu toquei essa noite.” “Não é esse, esse aqui você não tocou essa noite. Esse aqui, você fez esse [de] madeira só para enganar eu.” Aí foi embora.

Aí *Ayanama* voltava tocando: de noite o avô do amigo dele saiu, de noite. Veio assim andando devagarzinho, aí ele viu. Aí ele voltou, foi embora. Aí ele chegou lá: “Eu já viu, o jacuí de *Ayanama*. Aquele não é madeira.”

Aí amanhã cedo, o amigo dele vem. Aí chegou lá: “*Ayanama*, aquele jacuí, aquele jacuí que você pegou, eu quero ver.” “Eu não tem”, ele falou, “eu não tem não; eu fiz aqui jacuí só madeira.” Aí eles começou brigar. Ficou bravo, assim para ele. Bom: “Pode deixar para você. Eu não quero não.” Foi embora.

Aí o amigo dele tem muito pessoal dele. Aí ele chegou lá, ele falou para o pessoal dele: “Vamos brigar *Ayanama*.” “Vam’bora”, aí todo mundo falar, “vamos brigar.” Dois dias fazendo flecha, para matar *Ayanama*. Quando termina flecha, aí vem. *Ayanama* está lá tocando. Aí amigo dele vem: “Ô *Ayanama*, agora você vai me dar esse jacuí para mim.” “Eu não dou. Esse jacuí que eu peguei para mim mesmo, não é para ninguém. Esse é meu jacuí.” “Não, você tem que me dar.” Aí chamou pessoal, para vir matar *Ayanama*. Aí matou *Ayanama*. Aí levaram esse jacuí dele, mas não matou mulher dele não, amigo dele carregou. Levou.

É assim.

27 - COMO AYANAMA FEZ YAKUI

O *Ayanama* fez [de] madeira, primeiro [de] madeira, o *yakui*. Para vocês chama palmeira. Palmeira. Mas para nós chama ‘imira. ‘Imira. *Ayanama* foi tirar ‘imira. Bom, ele fez esse madeira [*yakui* dessa madeira], *Ayanama* fez. Aí ele [*yakui*] não prestou. Então ele botou a [madeira] mais bonita que essa madeira, e [que] para nós se chama *yakuitap*. Então *Ayanama* fez só [d]esse madeira. *Ayanama* fez, [d]esse *yakuitap*, então ficou bom para ele. Ficou bom.

Ayanama tirou mais madeira. Ele fez *yakui*, cinco. Aí *Ayanama* chama outra tribo, e a outra tribo chama ‘*Ī(n)mawat*; chama ao outro ‘*Ī(n)mawat*. Esse o nome de outra tribo: ‘*Ī(n)mawat*. Então ele chamou ‘*Ī(n)mawat* para ele tocar. Então o ‘*Ī(n)mawat* chegou lá, na aldeia de *Ayanama*, aí ‘*Ī(n)mawat* estava tocando outro *yakui*. Bom.

Então ‘*Ī(n)mawat* achou bom esse *yakui* [o de *Ayanama*]. Bom. Aí ‘*Ī(n)mawat* foi falar *Ayanama*, foi pedir. Foi pedir *yakui*. Bom, então *Ayanama* deu para ele. Ele deu *yakui* três, para ele. Bom. ‘*Ī(n)mawat*

passou dia lá, três dias. Depois *Ayanama* disse para ele: “Quando vocês quiser fazer *yakui*, vocês tira madeira, não é madeira [como a que vocês usam], assim não é bom não. Vamos tirar madeira bom mesmo; quem serve, madeira, só *imira*. *imira* não é muito bom, não: então você tira *yakuitap*. É bom o *yakuitap*; é bom o *yakuitap*. Bom. Quando você faz *yakui*, quando tudo pronto, aí tudo pronto, você tem de pescar primeiro¹⁰³. Então você chama a outra tribo, qualquer outra tribo. Chama Waurá, Yawalapití e Kalapálo.” “Sim.” Então ele deu *yakui*, *Ayanama* deu *yakui*.

Depois, *Ī(n)mawat* fez *yakui*, fez *yakui*; cinco. Aí *Ayanama* disse para ele: “Você chama a outra tribo, você chama só homem. Mulher não pode. Só homem mesmo vem fazer *yakui*.” “Sim.”

Então *Ī(n)mawat* chegou lá na aldeia dele, então *Ī(n)mawat* falou para o pessoal dele, aí o pessoal dele foi pescar, passou dois dias lá [pescando], depois volta lá [para a aldeia], passa um dia lá [na aldeia], então *Ī(n)mawat* manda chamar outra tribo. Chamar outra tribo, que se chama *Mariwabera tapyá(n)n*. Chama essa outra tribo. Então ele¹⁰⁴ chega lá na outra aldeia, aí *Mariwabera tapyá(n)n* procurava ele: “Vocês está fazendo festa de *Kwarip*, ou é outra festa?” “Não, nós estamos fazendo festa de *yakui*.” “Como é esse negócio de *yakui*? leva mulher? leva muito criança?” “Não. Homem só vai. Não leva mulher não. Só dança lá, só homem mesmo. Mulher não pode ver, nem criança.” “Sim”. Então ele falou lá: “Você passa aqui um dia; amanhã vocês vai.”

Aí passa um dia lá, então esse *Mariwabera tapyá(n)n* vem, fazer festa. Então ele chega lá de tarde. Bom. Mesma hora que ele chegou, estavam dançando esse jacuí. A noite toda. Amanhã também, de dia também dança. Todo o dia. Bom. Quando acabar de dançar o jacuí, então o chefe de *Ī(n)mawat* preparou esse peixe para ele [para os *Mariwabera tapyá(n)n*]. Beiju, peixe, *kawĩ(n)*, tudo, para ele[s] beber. Depois [de] acabar de comer, *Ī(n)mawat* falou para o pessoal, ele dá flecha, esse enfeite de braço, brinco, tudo, arco, tudo. (Presente, não é?) Presente. Porque ele dançou bem lá o jacuí. Se ele não dança bem direito, aí ele não ganha flecha. Nem arco, nem beiju, nem tudo. Passa fome lá. Aí acabou [a festa].

Aí vem embora de lá. Então esse *Mariwabera tapyá(n)n* procurava *Ī(n)mawat*: “Como é que você faz o jacuí?” Bom, então o *Ī(n)mawat* disse

¹⁰³ «Fazer *yakui*», como «fazer *kwarip*», significa das coisas: fazer o objeto, e fazer a festa respectiva. É preciso pescar primeiro, pela obrigação de fornecer abundante comida a quem visita.

¹⁰⁴ Refere-se aos *pareat* enviados para convidar a outra tribo. No fim do parágrafo, o *pareat* estabelece o número de dias que os convidados devem esperar antes de se porem a caminho para a festa. Quando a demora é grande, uma série de nós, que vão sendo desatados à medida que passam os dias, serve de lembrete.

para ele: “Vocês faz madeira, vocês faz [de] madeira, esse que chama *yakuitap*. *Īmìra* não é bom para você. Só *yakuitap* bom para jacuí.” “Sim.” Aí então ele ensinou: “Você faz jacuí assim: tira madeira, você racha ele, faz buraco quatro buraco, põe cera na poma, faz buraquinha, aí você toca¹⁰⁵. Só não pode mulher ver, né?”, aí *Ī(n)mawat* disse para ele. “Sim.” “Quando você terminar esse jacuí, você pode chamar também nós. Aí nós vai para lá.” “Sim”.

Aí *Mariwabera tapyá(n)n* saiu de lá. Aí mesmo dia ele chegou lá, ele tirou madeira. Aí *Mariwabera tapyá(n)n* fez jacuí lá, aí ele não prestou.

Aí *Mariwabera tapyá(n)n* vem lá falar *Ī(n)mawat* como é que ele faz esse jacuí, aí ele ensinou para ele: “Você faz assim, assim, assim.” “Sim.” Aí foi embora. Aí ele chegou lá, fez jacuí, aí ele fez direitinho. Tudo pronto. Então *Mariwabera tapyá(n)n* pesca primeiro, tudo isso.

Aí o chefe de lá, ele manda chamar *Ī(n)mawat*. Aí *Ī(n)mawat* vai lá fazer jacuí. Aí ele chegou lá, mesmo dia dançando, de manhã cedinho. Tem outro que não dança bem, aí esse *Mariwabera tapyá(n)n* não dança bem. Então esse *Ī(n)mawat* dança lá esse jacuí bem. Bom.

Depois, *Ī(n)mawat* viu esse homem de lá [dos *Mariwabera tapyá(n)n*], não dançava assim bem, então esse *Ī(n)mawat* matou ele. Porque ele não dançava bem. Matou o *Mariwabera tapyá(n)n*. Aí deixaram o morto lá. Aí *Ī(n)mawat* não ficaram lá não; deixou o morto.

Então esse *Mariwabera tapyá(n)n* não leva beiju para ele, nem *kawí(n)*, nem tudo. Então esse *Ī(n)mawat* ficou [com] fome lá, passa fome. Então *Ī(n)mawat* veio embora de lá, porque ele não comeu nada lá, ele não comeu nada. Então ele deixou morto lá no meio da aldeia. Pronto¹⁰⁶.

¹⁰⁵ Para a técnica de manufatura da flauta, v. Galvão 1953:18. A época do cerimonial é no início da estação seca, quando aumenta a dependência sobre o peixe como fonte de alimentação (Oberg 1953:57).

¹⁰⁶ Embora um pouco confusa a narrativa, vê-se que não só por dançar mal foi um *Mariwabera tapyá(n)n* morto: estes, não dando comida a seus visitantes, faltaram a um dos mais elementares deveres da etiqueta local. No Kwarîp, a comida dada aos convidados entra na teia de prestações e contraprestações que é fundamental na festa, e é mais do que provável que o mesmo se dê na de yakui: o que torna a falta de comida ainda mais grave, por ser a ruptura unilateral das relações de reciprocidade estabelecidas pelo e no cerimonial levado a cabo em comum. Por outro lado, o mito ilustra bem a ambivalência das atitudes no contato intertribal, em que o convívio amistoso esconde uma animosidade latente e um elevado grau de etnocentrismo, agressivo por assim dizer. Ao Kwarîp de 1965, os Kuikúro deixaram de comparecer devido a um conflito que surgira durante a competição de luta de um Kwarîp anterior, realizado em sua aldeia, e que os envolveu e aos Kamayurá. Em 1966, os Waurá abandonaram o Kwarîp dos Kalapálo, porque os pareat não lhes haviam deixado canoas para atravessar um rio, e porque os Kuikúro haviam ridicularizado sua maneira de tocar uruá. Neste último caso, a tensão subiu ao ponto de atingir outros grupos acampados por perto: os Kamayurá concentraram suas mulheres em determinado ponto do acampamento, e prepararam-se para qualquer eventualidade (informação de Roberto Costa Pinho). Apesar disso, desconhecemos exemplos de conflito armado ou mortes resultantes de casos como estes.

Aí veio embora de lá. Bom.

Outro dia *ǃ(n)mawat* fez, [quis] fazer festa de jacuí, de novo. Então ele vai chamar outra tribo, chama Trumaí. Bom. Aí Trumaí chegou lá. Mesmo dia ele dançou. Então esse Trumaí queria brigar esse *ǃ(n)mawat*, porque ele não levou beiju, peixe, tudo. Então esse chefe de *ǃ(n)mawat* preparou esse *kawǃ(n)*, peixe, tudo. Levou para ele. Bom. Depois de manhã cedinha, Trumaí dançando, dançando lá, então esse Trumaí queria brigar esse *ǃ(n)mawat*. Mas o Trumaí [o inf. declara ignorar o nome próprio do indivíduo provocador], ele queria brigar lá dentro da casa. Queria matar chefe de *ǃ(n)mawat*. Mas o pessoal dele [do chefe *ǃ(n)mawat*] não deixou.

Aí Trumaí veio embora de lá. Depois, Trumaí vem brigar. Escondido. O pessoal de *ǃ(n)mawat* foi pescar, até encontrar Trumaí. Aí Trumaí matou *ǃ(n)mawat*. Aí começou briga. Aí ele foi assim [que] começou briga. Depois o chefe de *ǃ(n)mawat* mandou procurar esse rapaz, [que estava na] pescaria. Aí ele encontrou [-o] morto. Aí ele viu flecha de Trumaí, aí ele já sabia. Então ele veio falar esse chefe: “Bom, Trumaí matou, o pescaria.” “Bom, então vamos brigar.” Aí o chefe do pessoal falou para o pessoal: “Pode preparar flecha sua.”

Depois, *ǃ(n)mawat*, o chefe de *ǃ(n)mawat*, morreu. Aí *ǃ(n)taram* um bocado de Trumaí. Aí começou briga, viu? Aí começou briga. Aí todo dia brigar: *ǃ(n)mawat* vai brigar, Trumaí vem brigar, tudo assim. Até vai assim, brigar. Agora não briga mais, Trumaí. Trumaí acabou só ficou cinco homens, só isso assim. Viu?¹⁰⁷

Depois, *ǃ(n)mawat* o chefe de *ǃ(n)mawat*, morreu. Aí *ǃ(n)mawat*, antigo, não fala assim como Kamayurá. Fala diferente. Agora não fala assim como *ǃ(n)mawat*, agora não fala assim, [os] Kamayurá. Agora, tem um lá, [na aldeia] Kamayurá, fala igual *ǃ(n)mawat*. Ainda tem lá. Chama *Bwabu*. Ele não fala direito, assim Kamayurá. Ele só fala *ǃ(n)mawat*. [...] ¹⁰⁸. *Bwabu* ele fala antigo, ele não fala bem Kamayurá. Assim, não é... Bom.

¹⁰⁷ Os Trumaí foram a última das tribos hoje culturalmente xinguanas a ingressar na área, e seu ajustamento foi sempre precário, oscilando entre a guerra e a paz com seus vizinhos mais próximos, os Kamayurá, e também com os marginais residentes nas imediações do Suiá-missu. Repare-se que a tradição considera os *ǃ(n)mawat* «Kamayurá antigos»; e os Trumaí ocupavam, na época em que os estudou Quain (Murphy & Quain, 1955), uma posição nitidamente subalterna quando em interação pacífica com os Kamayurá. Devido a epidemias, guerra, e parece que à marginalização no sistema de trocas comerciais – pelo aparecimento dos machados de ferro substituindo os líticos –, os Trumaí estão reduzidos a 1 aldeia e 21 indivíduos, e localizados próximo ao posto Diauarun do P. N. X. (Galvão e Simões 1964:144).

¹⁰⁸ *Bwabu* é um dos cantadores do Kwarip; deve ter entre 40 e 50 anos, e tende a ser o perpetuador dos mitos de que seu pai, Tawapi, era o melhor narrador, segundo o consenso tribal. O informante deste mito, *Yanu(n) makakuma(n)*, tem prática de trabalho com os linguistas do Summer Institute of Linguistics, e forneceu-nos uma lista de poucas palavras da língua sabida por *Bwabu*. Este foi reticente e dele nada obtivemos, por enquanto. Eis a lista, na transcrição fonética aqui adotada.

28 - HISTÓRIA DA CASA DE YAKUI

Antigo, muito tempo, Kamayurá, mulheres, crianças, viu tudo, jacuí. Mulher dança com jacuí, antigo. Então esse *Mavutsini(n)* chegou lá, no Kamayurá antigo. Aí ele viu a dança de jacuí, mulher também estava dançando com o jacuí, aí *Mavutsini(n)* assim, achou ruim. Porque ele dançou com jacuí, mulher, pronto. Bom. *Mavutsini(n)* ficou assim triste. Então ele foi falar com o chefe de Kamayurá: “Por que que você deixou dançar, mulher, assim junto de jacuí? Não pode! Esse dança de jacuí, mulher não pode ver não. Esse não é festa de mulher, não é festa de *Kwarip*... Esse dança só de homem. Eu danço jacuí, só mulher não pode ver. Então eu faz casa, separado. Eu faz casa separado. Então jacuí dança só lá. Ninguém entra, mulher não entra. Mas nem criança, nem menino.”

Bom. Então esse Kamayurá antigo dança jacuí lá dentro de casa mesmo. Tudo mulher fica olhando, assim assim, tudo. Antigo, homem, mulher, fica olhando. Mulher dança também, fica olhando. Mas jacuí dança lá dentro de casa. Tudo mundo viu. Não pode. Aí *Mavutsini(n)* não achou bom. Então *Mavutsini(n)* falou com o chefe de Kamayurá: “Você faz casa separado, você guarda lá jacuí, você guarda lá *urivuri*¹⁰⁹. Esse[s], mulher não pode ver.”

Então, ele conversou com o chefe de Kamayurá, *Mavutsini(n)* conversou; aí *Mavutsini(n)*, disse para ele: “Quando eu dança jacuí, lá onde eu mora, aí [quando] mulher via jacuí, nós, pessoal meu, enterra ele vivo.” Aí ele começa a falar assim. “Bom, agora vocês faz assim, como eu. Quando mulher viu esse, vocês pode enterrar ele [a mulher] vivo. Agora mulher não pode ver mais. Agora, [como] esse mulher tudo viu esse jacuí, vocês pode enterrar tudo, não pode ficar mais [nenhuma mulher]. Senão, ele conta para o outro.”

Então o chefe de Kamayurá ele enterrava a mulher de Kamayurá tudo. Muito mesmo, enterrava. Então, *Mavutsini(n)* ensinou para eles: “Vocês faz casa separado. Você guarda tudo lá, jacuí.” Bom. Aí enterravam tudo mulher do Kamayurá. Enterravam tudo, não fica ninguém. Enterrava tudo mesmo. Bom. Aí *Mavutsini(n)* foi embora.

Depois, Kamayurá fizeram casa, aí levaram lá *yakui*, tudo isso¹¹⁰. Aí Kamayurá dança *yakui*. Aí ninguém viu mais; mulher, com medo. Com

¹⁰⁹ Trata-se de um zunidor (roaring-bull), com forma de peixe, que é feito girar graças a um fio atado na ponta de uma vara. Vimos demonstrar o uso de um, em época estranha aos rituais, sem que para isso fosse preciso afastar as mulheres. Provavelmente só são tabuados os feitos sob certas condições rituais, fato ainda a verificar.

¹¹⁰ Sobre o conteúdo desta casa, v. índice: Tapwi(n).

medo¹¹¹. Aí *Mavutsini(n)* chegou lá outra vez. Aí ele viu casa, de jacuí. Aí ele disse: “Agora assim. Agora está bom assim. Não dança mais lá dentro de casa, não pode, agora você pode dançar só à noite, assim fora. Aqui. Agora se você dança de dia, você pode dançar aqui dentro da casa de jacuí. Nome desse casa agora chama *Tapwi(n)*.” Aí ele botou nome, *Tapwi(n)*. Ele chamou casa de jacuí, chama *Tapwi(n)*. Bom: “Você dança aqui mesmo, quando você quiser peixe, *kawi(n)*, tudo isso, você dança aqui dentro, o chefe traz para você. Não pode dançar lá na casa [residencial].” Aí *Mavutsini(n)* foi embora.

Aí depois, primeiro ele [os Kamayurá] faz casa pequena. Depois, *Mavutsini(n)* chegou lá, aí ele manda fazer maior. *Tapwi(n)* grande, bem grande mesmo. Aí todo mundo dança lá. “Agora assim. Você pode dançar aqui, mulher não pode entrar aqui, nem menino, nem criança. Só homem mesmo entra aqui”¹¹².

Aí *Mavutsini(n)* foi embora. Aí os Kamayurá dançaram, dançaram de noite, lá fora.

Aí, tem um mulher, [que] saiu assim fora, aí ele [ela] viu dançar. Então esse Kamayurá pegou ela, aí ele levou ela lá, onde dança, aí mulher ficou lá. No meio de tudo. Amanhã cedinho, o chefe mandou fazer buraco. Quando termina esse buraco, aí Kamayurá leva assim mulher, joga lá dentro do buraco, enterra vivo. Tudos dois. Aí eles enterraram.

Depois, tem outro dança que chama *yokoko*¹¹³. Aí ele, mulher, sabe dançar esse *yokoko*. Essa moça chama *Kunya(n)maru*. Chama

¹¹¹ Sobre a função destes rituais na manutenção do domínio dos homens na sociedade tribal, v. Shapiro Ms.

¹¹² A casa das flautas foi acusada, em diversas épocas, em todas as tribos existentes hoje no Xingu, sendo de dois tipos: um, maior, obedecendo ao padrão da casa xingua; outro, quadrangular, pequeno, como um rancho de duas águas. Em ambos os casos, as entradas são baixas, forçando a pessoa a andar quase de gatas; no primeiro tipo, há duas portas na fachada oriental da casa; no segundo, verificamos só uma. É vedada às mulheres. Mas Oberg (1953:70) descreve duas casas cerimoniais entre os Bakaíri: uma maior, franqueada a todos, e uma menor, onde se guardam as flautas e onde não entram mulheres. Esta orienta-se a leste. As que observamos entre os Kalapálo, Kamayurá e Yawalapití, em 1965, 1966 e 1969, eram do tipo quadrangular, e sua face principal – onde fica a porta e onde há um tronco que serve de banco – também era a nascente. Diante dessa face da casa fica o local das sepulturas, e também os *kwarip* em sua implantação final para a festa. A proibição ritual parece não se estender às mulheres civilizadas. A antropóloga Adélia Oliveira foi admitida ao seu interior na aldeia Yawalapití, e pôde fotografar os tocadores de *yakui* – embora fora da época cerimonial.

¹¹³ Sego Oberg (1953:55), *yokaká* é o *mama'e(n)* do chocalho (maracá) e guardião dos peixes, sendo, também, guardado escondido: acrescenta que à mulher que vir qualquer dos objetos proibidos, cai o cabelo, incha, e fica muito doente. A punição máxima é para quem violar o segredo de *yakui*, vendo-a: estupro coletivo, e abandono para morrer. Foi-nos confirmada independentemente a questão do estupro, sendo acrescentado que a infratora seria enterrada viva. O mito em apreço omite

Kunya(n)maru. Ele sabe cantar *yokoko*. (Homem também sabe.) Mas, ela sabe cantar *yokoko*. Então essa *Kunya(n)maru* saiu, meia-noite. Vieram dançar. Então eles [elas] pintaram lá, tudo enfeitado, aí ficou parecido homem. Aí saíram. Aí estavam dançando lá, tudo. Aí ninguém sabe, disso. Ninguém sabe.

Tem dono de *yokoko*, aí ele saiu. Aí ele saiu assim fora, aí foi lá onde está ela. Aí ele viu dançando. Aí esse dono de *yokoko*¹¹⁴ ele quis conhecer quem era ele acendeu fogo lá, aí ele ficou olhando assim, mas não conhece. Aí ele não conhece não. Aí ficou lá um pouquinho, fumando, fumando, aí ele não conhece. Aí essa moça estava dançando, ele pensava [que era] homem [quem dançava]. Não é não. Aí esse dona de *yokoko* foi embora, [para] dentro de casa. Aí mulher dele procurava: “Quem dançando lá fora?” “Não conheço. Eu fiquei lá olhando, eu quis conhecer mas eu não conheça não.” Aí mulher dele fez *kawi(n)* para ele, para a *yokoko*, peixe, pimenta. Aí ele foi levar para ele: “Aqui tem o *kawi(n)*, tem pimenta, tem o peixe. Você pode comer. Eu não estou conhecendo vocês... Vocês pode vir comer.” Aí ele deixava o *kawi(n)*, deixe, pimenta. Aí ele, esse homem, entrou na casa.

Aí não comeram esse peixe, pimenta nem *kawi(n)*. A moça estava dançando. Aí não comeram. Então essa moça cavaram buraco, lá na meia da aldeia mesmo, então ela vai derramar lá, no buraco. Pimenta, peixe; aí não comeu nada. Aí, até lá ficar dançando, a noite inteiro.

Aí, amanhã a dona do *yokoko* saiu lá fora, tinha muita *kawi(n)* lá no meio da aldeia, aí ele foi lá. Aí ele procurava: “Quem dançou essa noite?” “Não foi eu não”, aí todas Kamayurá [responderam] assim. Ninguém sabe. Tem um irmão de moça, aí ele não sabe também. Então foi procurar, [de] outro Kamayurá: “Quem dançou essa noite?” “Ninguém. Nós estamos aqui à noite, tudo dormindo.” Então a chefe dos Kamayurá mandou procurar quem dançou.

Aí foi lá; aí depois essa maça foi lá no lago. Lavou esse sujeira, tudo, só ficou aqui, mas não lavou, não, ficou aqui [sem lavar]. Ele ficou aqui, carvão. Mas não lavou aqui, ficou aqui, ficou por aqui. Aqui lavou tudo. [Com o gesta, indica as partes do corpo que ficaram lavadas e as que a

qualquer alusão à primeira parte do castigo, do qual, aliás, conhecemos apenas uma efetivação concreta. Neste caso, a mulher não foi enterrada, mas, por sua própria vontade («vergonha»), abandonou a aldeia Kamayurá e foi residir e casar noutra tribo: o que parece evidenciar que nenhum estigma ou impedimento ritual atinge a vítima após o acontecimento.

¹¹⁴ As cerimônias têm um dono, quer efetivo, quer temporário. Deste último caso são exemplo os donos do Kwarip, parentes dos mortos, que, naquela festa, arcam com os gastos que acarreta. Vê-se que cabe ao dono do *yokoko* fornecer comida aos executantes do ritual.

ficaram mal.] Mas ele [ela] amarra a cabelo assim, ficou igual homem. Ele [ela] usava aquele chapéu...

Aí o chefe de Kamayurá mandou procurar, quem dançou. Aí ele encontrou. Aí ele viu carvão aqui. Aí saiu de lá. Foi falar com o chefe: “Eu encontrei, quem dançou.” “Quem foi?” “Aquela moça: dois. Chama *Kunya(n)maru*.” “Então vamos enterrar ela. Mulher não pode dançar esse *yokoko*.” Só homem dança. (Porque mulher [estava] com vontade de dançar, então ela saiu [para dançar].)

Bom. O chefe de Kamayurá mandou cavar buraco. Bem fundo, mesmo.

Tem mãe de moça, tem namorado de moça, também. Aí esse rapaz foi pescar, [o] namorado da moça. Saiu.

Aí o chefe dos Kamayurá, foi lá, fala: “Por que você dançou *yokoko* esta noite?” Aí ela disse: “Não, não foi [eu] não.” Aí ele abriu[lhe] os cabelos assim, aí ele viu carvão aqui: “Você dançou. Hoje, você vai morrer no buraco.” “Pode enterrar, mesmo, não tem nada não. Nós queria morrer mesmo.” Então cavaram buraco. Aí, Kamayurá foi buscar ela. Todo os dois [moças].

Tem a mãe dela. O mãe dar para a moça, [isso] que chama ‘*ita(n)*’ (esse, [que serve] para raspar mandioca)¹¹⁵. Então ele [ela] deu para ela: “Toma; esse você leva, depois, quando os Kamayurá jogam terra em cima, você vai abrindo.”

Bom, aí ele pegou, aí enterraram tudo. Aí esse mulher foi cavando. Cavando buraco. Mas ele não morre não. Aí irmã dela morreu, agora esse não morre não, fica cavando, cavando. Aí essa moça vem cavando terra, até chegar assim [à superfície]. Agora, chão aqui. Encontrou, abre buraquinho. Tem uma mãe dela, está chorando lá em cima [da] terra. Aí ele [a mãe] viu abrir buraco. Aí essa moça falava para a mãe: “Você pode trazer água, estou com muito sede. Agora, minha irmã morreu. Só vem eu agora.” “Sim.” Veio [a mãe] botando água assim, ninguém vê, ela botando água. Ele [a moça] bebendo. Bom: “Agora vou deixar aberto, você pode ficar aqui, esperando.” Aí ela tampou esse buraco, bem tampado. Aí a mãe saiu. “Hoje à noite vamos embora, vamos sair daqui.”

Aí, meia-noite, foi abrir buraco. Aí ela saiu. Aí não tem mais cabelo. Caiu tudo. Bom. Aí moça saiu. Aí tapou buraco, pronto. Aí foi embora, para a aldeia. [De] outra tribo. Foi lá no meio dos Kuikúro. Foi lá.

Tem o namorado da moça, aí chegou lá, aí ficou bravo com a mãe dela. “Porque é que você enterrou essa moça, você não pode enterrar...” aí ficou bravo, queria brigar Kamayurá, assim. Aí o chefe não deixou.

¹¹⁵ Trata-se da concha de um bivalve fluvial, usada para o descasque da mandioca, e por vezes também para servir de godet com tinta de jenipapo. É instrumento feminino.

Aí essa moça foi [tinha ido] embora. Ela e a mãe. Aí ficou lá, depois esse rapaz foi lá no Kuikúro. Mas ele não sabe... Foi lá, foi só a visitar Kuikúro. Aí chegou lá. Aí ele viu. Aí ele [não] sabe quem é, também não... Aí essa moça estava trabalhando, lá. Aí essa moça casou, lá. Estava trabalhando lá, mandioca, depois ela saiu assim, lá no lago. Aí esse Kamayurá foi atrás dela, aí ele procurava: “Kamayurá enterrou uma moça lá”, ele contar para ela, “Kamayurá enterrou urna moça parecida com você.” Aí essa moça falou na língua Kuikúro. Aí ele conversou, lá, isso, enterraram moça... Aí ela disse para ele: “Você sabe, Kamayurá enterrou nós lá. Eu saí do buraco e vim aqui casar.” Aí esse homem fazia: “Sabe, né. Ah, você saiu de lá? Eu fiquei lá no pescaria, fiquei bravo [com] Kamayurá.” Aí, ele contou. [Ela disse]: “Agora, eu não posso sair daqui, eu já casei aqui. Quando você quiser vem no Kuikúro, você pode vim. Você vai lá com Kamayurá, você não conta para ninguém. Senão, Kamayurá vem me enterrar aqui de novo.”

Aí [o rapaz] saiu de lá. Aí ele chegou lá [na sua aldeia], não diz nada. Aí ele ficou lá.

Depois, outro vai lá. Aí ele viu. Aí volta. Aí depois outro Kamayurá vai lá, aí Kuikúro contou para ele: “Esse moça, veio de lá de Kamayurá. Disse que Kamayurá enterrou ele [ela], saiu do buraco. Essa é ela.” Aí Kamayurá veio contar lá no Kamayurá. Aí Kamayurá foi matar ela. Aí acabou.

29 - OS MAMA'E(N) QUE ROUBARAM URUCU

Os Kamayurá foram pescar, e levaram *yakui*, urucu e outras coisas, para se pintarem. Levaram também cabaço, [que se chama] *kunya(n)bapí(n)n*: é de *yakui*, mulher não pode ser. Serve para tocar, posto na ponta de um bambu¹¹⁶.

Então, esqueceram o urucu e *kunya(n)bapí(n)n*. *Mama'e(n)* não tinha urucu. Então os Kamayurá procuravam o urucu e descobriram que tinha esquecido. Procuraram, não acharam mais: *mama'e(n)* carregou.

Pescaram. Passaram dois dias (pescando); iam passar três, mas não passaram: então voltaram, porque o urucu não dava para pintar todos.

Procuravam urucu e *kunya(n)bapí(n)n*: “Foi *mama'e(n)* quem roubou.”

Chegaram na aldeia, ficaram tristes, porque não tinham *kunya(n)bapí(n)n*. Dançaram pouco, *yakui*, porque estavam tristes.

¹¹⁶ É uma buzina de bambu e cabaça. O tubo é de bambu e a cabaça funciona como caixa de ressonância. Encontramos nos Yawalapití uma com o tubo feito de cano plástico. É fêmea: seu «irmão» chama-se *arikamu(n)*, sendo mais largo e bojudado.

Dez dias depois, dois Kamayurá foram pescar. Acharam um lago, grande. Foram pescar nele. [Quando chegaram] na margem, ouviram *mama'e(n)* tocar *yakui*, ficaram sem saber o que estavam ouvindo. *Mama'e(n)* tocava igual aos Kamayurá, ficaram pensando que era Kamayurá debaixo d'água, ou *mama'e(n)*. Ouviam também *kunya(n)bapi(n)n*.

A água começou a subir: “É *mama'e(n)*!” [disseram]. Esconderam-se.

Dentro d'água, ouviam a dança de *yakui*. Aí o torvelinho de vento caiu sobre a água e o lago secou: viram *yakui*, e *mama'e(n)* dançando. O *mama'e(n)* que dançava chamava-se *Ipiranyau(n)n* [piranha preta], era igual a gente e muito bravo. Os peixes, igual a gente, saíram para uma festa, noutro lugar. Aí *Pirabuku*, igual gente, dançava *yakui*. (Era bicuda, mas saiu como gente.) Eram muito altos. Todos os peixes foram para a festa. *Pirabuku* saiu com o *yakui* na mão dele.

Um Kamayurá queria falar, mas o outro não deixou: “A piranha come você. Quando o *yakui* sair, vamos lá na outra festa.” Chegaram à festa antes do *Pirabuku*, ele ficou com vergonha.

Os Kamayurá disseram: “Não tem vergonha não, nós somos bons, viemos pescar, não sabíamos da festa.” *Pirabuku* perguntou: “Aonde vocês vão?” “À festa.”

[*Pirabuku* falou:] “Nós vimos vocês pescando, roubamos o urucu e *kunya(n)bapi(n)n*, porque achamos bom [gostamos]. Vimos tudo, vocês é que não nos viram. Não levo vocês na festa por causa da piranha. *Kunya(n)bapi(n)n* e urucu, agora ficam para nós. Roubamos, porque não temos.”

O *Pirabuku* levava muito piqui e peixe para comer na festa, igual a nós: pimenta, tudo. *Pirabuku* deu pimenta, beiju, peixe assado para os Kamayurá. Eles comeram. Aí *Pirabuku* disse: “Passamos quatro dias dançando. Daqui a quatro dias espero vocês aqui, para trocar brinco, colar, tudo.” Esse *mama'e(n)* era igual a Kamayurá.

Quando a água tapou [voltou a fechar-se], caindo vento, *Pirabuku* disse para não pescarem, porque os peixes tinham saído todos: “Vão pescar no outro lago. Os peixes foram para a festa.” O vento *mama'e(n)*¹¹⁷ foi atrás deles, para a festa, também.

Os Kamayurá pescaram lá, e começaram a ficar tontos por causa do cheiro que sentiram, dos *mama'e(n)*. Ao meio-dia saíram [de lá], às quatro horas chegaram [a casa]. Deitaram, morreram. Mas não morreram não; só

¹¹⁷ Trata-se dos pequenos turbilhões tão comuns no cerrado, ou, vulgarmente, «saci.»

ficaram mortos. Não quiseram comida, disseram que já tinham comido. Mas não tinham, só tinham comido comida de *mama'e(n)*. Aí dormiram. Então, *a(n)ng* [alma] deles saiu, junto com o *mama'e(n) Pirabuku*, e foi para a festa.

No outro dia levantaram-se, mais ou menos às nove horas. Perguntaram o que tinha acontecido. Aí contaram tudo, o roubo também. Contaram que tinham ido à festa: “Comida de *mama'e(n)* é igualzinho à nossa. E daqui a quatro dias vamos lá, esperar.” Outros queriam ir, não deixaram: “Não comeram comida de *mama'e(n)*”¹¹⁸.

Os dois Kamayurá foram, quatro dias depois, para o lugar onde tinham estado. Às dez horas chegou o vento, abriu a água, piranha saiu do lago seco. No fundo do lago, só ficaram uns buraquinhos, que são a casa dos *mama'e(n)*. Nesses buracos, iguais aos que tem no céu, não entra água¹¹⁹.

Pirabuku veio atrás do pessoal dele, com comida, e encontrou os Kamayurá, dando-lhes enfeites, de todas as qualidades, e flechas. Aí contou que tinha ganhado na luta [*buka-buka*], da outra tribo de *mama'e(n)*, e [contou] tudo da festa.

Os Kamayurá voltaram para casa, mas não ficaram mortos. Mostraram as flechas de *mama'e(n)*, são diferentes das dos Kamayurá. Os enfeites são iguais aos dos *mama'e(n)*. A fruta do buriti é o piqui do *mama'e(n)*.

Aí os *mama'e(n)* foram para a água, o vento caiu, e a água fechou. Ninguém vê mais.

¹¹⁸ O encontro dos pescadores com *mama'e(n)* e suas conseqüências tem todas as características que cercam a doença iniciática dos pajés, desde o primeiro contato até à doença e à morte simbólica. O caso mais próximo ao padrão revelado no mito, e que conhecemos, é este: *Takuma(n)* estava na roça quando «caiu o vento» e sentiu-se mal, no mato. Veio para casa, onde lhe deram banho, e ele ficou doente como morto. Tentaram uma cura xamânica, mas sem resultado. Então levantou-se, saiu e voltou com *taa(n)ngap* (boneca), que é *mama'e(n) apo* («coisa de *mama'e(n)*»), não se sabendo de que é feita. Pô-la na rede e ela fugiu. (Quando ela foge o pajé adoecer.) Ao voltar a si, contou: «Eu não estava doente. *Mama'e(n)* estava me trabalhando para eu ficar pajé». Primeiro, *mama'e(n)* fez fumo e *Takuma(n)* fumou «até morrer». «Eu não estava morto?» «Estava», responderam. «Não estava não. Ouvi vocês falarem, eu estava era fumando cigarros de *mama'e(n)*». *Mama'e(n)* pôs-lhe coisas nos ouvidos, barriga, boca, mãos, e depois deu-lhe banho e ele ficou bom. Explicava: «Por isso fiquei assim», mostrando as «coisas de *mama'e(n)*». (A informação foi prestada por seu irmão *Yanu(n)makakuma(n)*).

¹¹⁹ Sobre os buracos que há no fundo do lago celeste e que são morada de *mama'e(n)*, v. fig. 2 e 3. Na segunda das enseadas formadas pela margem oriental da lagoa Ipavu, também existe um ponto onde se acredita haver três buracos sem fundo, não se podendo aí pescar: é morada do *mama'e(n) Tukunare aruwi yap* («Tucunaré grande»). Aliás, próximo dali há uma pequena ilha, sob a qual fica uma casa de *yakui*. Tem três portas. Um dia um índio passou e a ilha virou casa de *yakui* e depois ilha de novo: assim se ficou sabendo. Hoje só os pajés podem ver os *mama'e(n)*.

30 - HISTÓRIA DOS SUIÁ

Pode ser Kamayurá foram brigar com os Suiá, faz muito tempo. Mataram muitos. Os Suiá mataram um Kamayurá. Os Kamayurá foram, mataram muitos. Os Suiá vieram, mataram dois Kamayurá. Assim sempre, até acabar Suiá, sobraram só dois, porque fugiram para o mato. Havia muitos, mas os Kamayurá acabaram com eles. [Esses dois] dormiram no mato, sem mulheres, sem nada. Os Kamayurá mataram também as mulheres (isto faz muito tempo)¹²⁰.

Os Suiá choravam, queriam “trabalhar”, não tinham mulher. Voltaram à aldeia, fizeram roça e cozinham, faziam trabalho de mulher.

Foram pescar, aí encontraram capivara. “Vamos matar.” [O outro discordou:] “Vamos pegar, vamos ‘trabalhar’ ela.” Pegaram a capivara, ataram e puseram na canoa.” Levaram-na, pegava muito peixe. “Quem vai ‘trabalhar’ primeiro?” “Você, você pegou ela primeiro.” Aí “trabalharam” a capivara, todos os dias, até emprenharem a capivara.

A criança nasceu, era mulher. Era uma menina. “Agora temos *kunya(n)* para nós. A criança morava na capivara, depois andou.

Aí “trabalharam” a capivara de novo, até fazer filho de novo. Era homem, ficaram zangados. Queriam mulher, para os dois terem.

“Trabalharam” de novo. Nasceu mulher. Aí um quis soltar a capivara, o outro não deixou: “Vamos fazer mais mulheres.” Aí fizeram mais duas mulheres.

Então soltaram a capivara. As meninas ficaram moças, foram presas, cada um casou com uma. O filho homem casou com a outra filha da capivara (irmã dele)¹²¹. Aí os Suiá “trabalharam” as mulheres, nasceram muitos Suiá. Esses dois [iniciais] já morreram, só ficaram os filhos deles.

¹²⁰ Apesar de muito influenciados pela cultura xinguna, e de intercalarem períodos de guerra aberta com outros de convívio pacífico ou pelo menos coexistência, os Suiá sempre se mantiveram mais ou menos marginais. Em termos de prestígio, diz Galvão (1953:38) que estavam abaixo de todas as outras tribos. Não temos meios para saber se a filiação dos Suiá (neste mito) à Capivara provém de uma tradição dessa tribo, ou é apenas menoscabo da parte dos Kamayurá. Há uns 25, 30 anos, os Suiá atacaram os Waurá e raptaram três meninas; estes responderam com uma coligação que os aliou aos Kamayurá e Trumaí. Saquearam o que puderam, mataram umas pessoas e deitaram fogo à aldeia, seg. uma versão que temos do caso. Mas Schultz (1966) descreveu e filmou os treinos de um *yawari* preparado pelos Waurá, cujos convidados seriam os Suiá: o que parece indicar que, além de abandonar suas incursões, eles tendem a substituir a guerra por relações de paz, e a entrar no sistema de jogos competitivos intertribais que canalizam a agressividade (v. Galvão 1950; Agostinho 1968). Outro mito (32) diz que os Suiá se originaram de uma cobra.

¹²¹ Não temos elementos para avaliar a importância, neste contexto, das relações incestuosas filha-filha da Capivara; e dos Suiá (pais?) com as moças por eles feitas.

Os Suiá de *Diauaru(n)n* não são Suiá, são só filhos de capivara, porque os Suiá antigos morreram todos. Por isso os Suiá não comem capivara. Não a chamam “capivara”, chamam “mãe”.

31 - O MENINO-PEIXE

Uma moça que tem muito tempo (mas eu não sei o nome dela não, tem pai, tem mãe, tem irmão, tudo)... Bom: essa moça foi tomar banho, de manhã, ela foi tomar banho. Aí ela, a moça, chegou lá na beira do lago, aí ela viu peixe pequeno. Peixe pequeno. Bom. Aí a moça disse, a moça disse que vai pegar aquele peixe pequeno. Então, a mulher sentou assim, na beira do lago. No lago. Ela sentou. Bom. Aí ela viu o peixe, peixe pequeno. Aí a moça queria pegar, mas não pegou não. Bom. Depois essa moça caiu dentro d'água¹²², ela queria pegar peixe pequeno. Depois essa moça foi mais assim, mais para a frente, então esse peixe estava correndo assim; procurando ele, aí o peixinha entrou no *ta(n)ma* [vagina] dela. Pronto. Aí a moça procurava o bichinha, não tem mais. Aí ela não sabe como é que o peixe entrou no *ta(n)ma* dela; aí a moça procurava peixinha, não achava mais. Aí a moça ficou lá, tomando banho, depois ele [ela] vem, de lá.

Aí chegou lá¹²³, aí a moça contou para o pai: “Eu vi o peixe pequeno lá, eu ia pegar o peixinha, mas sumiu. Não sei aonde o peixinha foi embora; peixinha escondeu assim dentro d'água, não sei aonde foi.” Aí depois ela ficou lá, passa [tempo], cinco dias mais, sete dias, aí ela prenhou. Aí o pai dela ficou bravo, o mãe, porque ela estava prenhada. Aí o mãe dela estava zangando com ela, porque ela [a mãe] não acha bom.

Bom. Aí passa, mais ou menos dez dias, pegou o menino nasceu. Aí o mulher, o moça, pensou assim, aí a moça falou: “Será esse, peixinha que entrou meu *ta(n)ma*?” Assim, assim... [pensando]. Aí, ela pensou: “Foi mesmo o peixe que entrou meu *ta(n)ma*. no *ta(n)ma* mesmo, entrou, meu *ta(n)ma*.” Aí o menino nasceu, aí nasceu menino. Aí passa dois dias só, aí o menino já andou, o menino já andou. Aí passa mais três dias, aí esse menino ele queria flechar peixe, está querendo flechar. Bom. Então o mãe do menino, ele [ela] manda fazer flechinha pequeno. Aí então essa moça falou para o pai: “Ô pai, você faz arco pequeno para meu menino. Ele tem vontade de

¹²² «Cair n'água» é usado com o significado que tem no português popular do Brasil, isto é, entrar, atirar-se à.

¹²³ «Ela vem, de lá. Ai chegou lá», é uma forma muito comum, usada por este informante para dar idéia de um percurso feito entre dois pontos.

flechar o peixe.” Então o pai dela fez arco pequeno para ele, flechinha, de ponta, aí esse menino falou: “Mãe, você me leva lá na beira do lago, eu vou flechar o peixe.” “Bom, amanhã cedo vamos, lá.”

Aí, amanhã cedo, aí a mãe dele levou. Mãe dele levou. Aí chegou lá, na beira do lago. Aí o menino andando assim, procurava peixe, aí ele viu peixe. Peixe grande. Menino estava assim, bem pequenininho, mas ele sabe flechar, ele sabe flechar mesmo. Aí ele viu peixe. Aí ele flechou peixe, aí ele matou. Aí ele trouxe para o mãe, ele mostrou. “Mãe, eu já flechei o peixe.” Aí ele mostrou. Aí o mãe dele acha bom, ele flecha bem. Aí saiu de lá. Aí ficou lá no casa, aí pai de moça viu esse peixe, aí procurava¹²⁴: “Quem matou esse peixe?” Aí a moça disse: “Esse foi o menino.” Aí ele não acreditou não: “Não foi ele não, foi outro [que] flechou para ele.”

Depois, [no] outro dia, levou de novo: ela, ele, mãe e pai. Aí esse pai dela falou: “Eu quero ver [se] esse menino vai flechar peixe.” Aí chegou lá. Aí menino [que eles tinham levado] estava procurando peixe, aí ele viu peixe. Ai que ele viu, matou peixe, para o pai dela. Aí ele acreditou. Bom. Aí veio de lá.

Chegou lá, a mãe dele estava cozinhando peixe, preparando. Teve um irmão dela, não está gostando dele [do menino]; fica mau para ele.

Aí outro dia tem o tio dele, bom para ele, também, para o menino. Aí esse menino falou para o tio: “Ô tio, vamos pescar amanhã?” “Vamos.” “Então vamos sair amanhã cedo.” Aí amanhã cedo ele vai. Bom: “Agora você fica na proa¹²⁵. Agora, eu fico aqui na frente. Eu sabe olhar peixe – agora você, não sabe pescar. Eu sabe pescar. Eu sou menino, mas eu sabe pescar.” (Menino desse tamanhinho assim.) Aí o tio dele levou ele, vai remando um pouquinho, aí ele viu rasto de peixe, esse menino. Ele olhou assim embaixo, aí ele viu rasto de peixe. (Dentro d’água, lá no chão.) Aí ele falou: “Tio, aqui tem rasto de peixe.” Aí o tio dele falou: “Tu sabe nada.” “Eu sei: tu vai ver hoje, nós vamos encontrar peixe.” “Tu sabe nada disso... Como é que eu ainda não vi rasto de peixe?” “Mas você não está vendo”, aí ele mesmo disse para ele. Aí ele foi remando, foi remando, aí ele [o menino] encontrou: “Daqui a pouquinho, vamos, vamos encontrar peixe. Peixe está para lá.” Aí encontrou peixe. Aí ele falou: “Viu como é

¹²⁴ Há de ser notado o emprego sistemático, por todos os informantes, do verbo «procurar» com o significado de «perguntar».

¹²⁵ Por duas vezes aparece «proa» no lugar de «popa», que seria o certo. Enquanto um rema à ré da embarcação, o outro, de pé à proa, mantém-se atento ao peixe para flechá-lo. As flechas podem ter uma ou duas pontas, com farpas de osso, ou, algumas, de arame, prego ou esporão de arraia, presas com fio e cera à vareta (foresbaft), que é dupla quando a arma é de dupla ponta; para pescar, não são emplumadas.

que nós encontrou peixe? Você não acreditava, disse que eu sou mentiroso... Mas eu sei, peixe. Mas eu não sou filho de Kamayurá: eu sou filho de peixe.” Aí o menino falou para o tio: “Minha mãe Kamayurá, mas eu não sou Kamayurá. Eu sou filho de peixe. Minha mãe foi tomar banho, aí minha mãe viu eu quando eu estava pequeno, minha mãe pensava era peixe, mas não sou [era] não. Aí eu entrei no *ta(n)ma* dela”, aí o menino disse para o tio. Bom. Aí encontrou peixe: “Bom, agora você fica aqui, eu vou espantar peixe, para você.”

Aí o menino deixou o tio, lá. Aí o menino saiu, assim. Foi espantar peixe, para o tio. Aí peixe veio muito, aí o tio dele estava flechando muito, ele [o menino] também está pegando muito. (Mas ele não está flechando não, o menino: ele caiu dentro d’água e pega peixe na mão.) Aí vem de lá. Aí ele procurava o tio: “Como é, tio, você já matou o peixe muito?” “Matei bocado.” “Deixa eu ver.” Aí o peixe está lá, só cinco. Aí menino falou: “Só isso que você pegou?” “Só.” “Ô, olha como é que eu peguei aqui.” Ele [o menino] pegou mais do que ele, ele pegou mais. “Bom, agora vamos embora”.

Aí, tem o jiqui. Para nós, chama *yikìa*, para vocês, chama jiqui. Bom: “Agora vamos botar jiqui lá, no igarapé.” “Sim.” “Bom, deixa eu ver rasto de peixe.” Ele olhou assim por baixo: “Bom, o peixe está para lá. O peixe não está voltando, ainda. Está para lá ainda. “ Aí cercaram o igarapé, botaram o jiqui lá no meio¹²⁶. “Bom, agora você fica aí, fica olhando, agora vou espantar peixe.” Aí ele fechou [o igarapé]. Aí esse menino foi, espantar peixe, foi bater água, gritou lá dentro d’água; esse menino caiu dentro d’água, foi gritar lá, espantar peixe, assim, gritou, aí o peixe entrou [no jiqui]. Aí o tio dele ficou olhando. Bom. Aí o menino chegou lá. Aí ele procurou: “O peixe já passou por aí?” “Passou.” “Já entrou aqui?” “Já”. Aí esse menino falou para o tio: “Agora você pode tirar esse jiqui; você pode tirar esse jiqui.” “Sim.” Aí o tio dele caiu dentro d’água, aí tirou esse jiqui. O tio dele estava com medo desse peixe. Aí esse menino falou: “Não fica medo não, esse peixe não te morde não.”

Aí esse menino foi e caiu dentro d’água. Aí tirou esse jiqui, aí o tio dele falou: “Como é que eu vou tirar esse peixe de dentro do jiqui?” “Tira com a mão.” “Mas eu não sei tirar.” Aí o tio dele estava com medo. “Tira assim.” Aí ele ensinou. Aí ele tirou muito peixe, por dentro [de dentro d]o jiqui, aí botando dentro da canoa.

¹²⁶ O jiqui é armadilha para peixe. Fazem uma tapagem com plantas aquáticas, isolando o igarapé ou enseada da corrente principal, e, em certas aberturas deixadas, põem o jiqui. Tentando escapar, o peixe entre nele.

Mas, esse menino conversa com o peixe; ele pega peixe vivo, ele conversa com ele. Mas o tio dele não sabe conversar. Aí acabou: “Agora vamos embora.”

Aí vem de lá. Pegaram muito peixe, aí ficou lá na casa. Aí a mãe dele procurava: “Seu tio pegou quanto peixe?” “Ele pegou pouquinho. Agora eu, peguei muito peixe. Meu tio não sabe tirar peixe, assim, do jiqui, estava com medo.” Aí mãe dele estava. cozinhando o peixe, a irmã dessa mulher também, estava assando, peixe.

Aí outro dia, outro tio dele levou-[o a] pescar. Mas não acreditou: aí o outro tio estava contando como é que ele pegou peixe muito. “Bom: amanhã eu vou levar ele, eu quero ver esse menino,” Aí amanhã foi. Saiu ao meio-dia. Pronto. “Você vai ver como é que eu vou pegar peixe. Seu irmão falou para você, você não acreditava...” Aí foi. Ele disse primeiro assim: “Eu sento aqui na proa, você fica aqui na frente. Eu quero ver você flechar peixe.” Aí esse menino foi remando, foi remando, foi remando, aí o tio dele viu peixe, aí o tio dele não flechou o peixe. Aí o menino falou: “Eu não pesca assim não. Quando eu vi o peixe, eu não errava assim, peixe.” “Então vem aqui, eu quero ver você.” Aí o menino foi. Aí o tio foi remando nele, remando, remando; quando ele viu o peixe, ele matou. Aí, ele falou: “Ó aqui: eu matei peixe.”

Aí, esse chegou lá, no igarapé, ele procurava rasto de peixe, aí ele viu rasto. Aí ele viu rasto: “Aqui tem o rasto de trairão, aqui tem o rasto de cachorra, aqui tem rasto de pintado... Vem ver!” – ele chamou. Aí ele procurava, assim, não viu não: “Mas eu não vi rasto de peixe!...” “Mas você não viu! Quem viu sou eu! Eu sou peixe.” Aí ele falou: “Você fica aqui, vou espantar trairão para você ver.”

Aí ele deixou o tio: “Você fica olhando aqui, quando você viu o peixe, você mata.” Aí o menino saiu. Foi lá no meio do lago, ele caiu. Foi espantar peixe lá, dentro d’água, gritou assim, ficou gritando lá dentro d’água. Aí ele pegou pintado cinco. Na mão. Aí o tio dele não mata nada. Só ficava olhando. Aí o menino chegou lá. Aí falou: “Já matou peixe?” “Não. Eu fiquei aqui só olhando.”

Aí esse menino ficou com raiva com o tio, ficou zangado. Aí ele deixou tio lá. Aí menino foi embora. Deixou o tio. Aí chegou lá na casa. Aí o mãe dele procurava: “Cadê seu tio?” “Eu deixei lá.” Aí falou: “Por que?” “Porque ele não mata peixe, fica só olhando, por isso é que eu deixei lá.” Aí, manhã cedo, ele foi buscar o tio. Ele dormiu lá [o tio dele], porque ele ficou zangado. Bom. Aí o menino falou para ele: “Você não morreu não, tio?” Aí o tio diz que não: “Eu não morri não. Eu fiz aqui capim, para mim dormir...” “Então vamos embora.” Aí trouxe o tio. Aí chegou lá.

Depois, outro dia, o irmão da mãe, outro, levou [o menino]. Aí ele levou de novo, pescar. Aí ele não levava flecha, só levava aquele jiqui. “Você não pode levar flecha, nem eu não estou levando flecha também.” Aí ele levava só esse jiqui. Aí foi. “Agora vamos pegar peixe só curimatá.” Aí chegou lá, cercaram igarapé, agora vão botar aqui jiqui, ele levou três jiqui. “Agora, você pode ficar aqui olhando. Quando o peixe vem, você não grita.” Aí menino saiu. Foi lá no meio do lago, ele caiu: foi espantar peixe. Caiu lá, espantava peixe lá, ficou gritando assim, quebrava lá a vara, para espantar o peixe, assim. (Bate na água, lá dentro d’água. Bate o chão lá.) Aí o peixe vem, entra muito, lá no jiqui. Aí o menino vem, vai procurar: “Já entrou peixe muito?” “Já”. “Então tira.” Aí ele mandou. Aí esse tio dele caiu dentro d’água; mas ele não sabe tirar. Aí ele tem medo; piranha também entrou no lá, jiqui, aí tio dele falou: “Como é que tira?” “Tira com a mão.” “Não, eu tenho medo, essa piranha.” “Não, essa piranha não tem nada não.” Aí esse menino foi tirar. Tiraram muito peixe, tiraram esse curimatá. Aí ele falou: “Agora vou conversar peixe.”.

Aí ele conversou. Aí esse menino falou, ele falou assim: “Outro dia, eu venho pegar você também”, aí o menino falou com o peixe. “Sim”, [disse o peixe], “outro dia, chegando outro dia, você vai morrer aqui.” “Não, eu não morro não.” Aí o peixe falou com esse menino: “Eu traz, no outro dia eu traz cobra, cobra come você.” “Sim... Eu quero ver! Pode deixar.” Aí vem de lá.

Aí passa quatro dias, aí ele veio de novo. Chegou lá, cercaram o igarapé de novo, aí botaram o jiqui. Mas cobra já foi. Aí ele viu rasto de peixe muito, aí ele viu rasto de cobra. Aí ele viu assim; bom. “Eu vi rasto de cobra aí; cobra está para lá. Eu quero ver hoje cobra...” Aí, mas o tio dele não foi com ele, só ele foi. Aí foi espantar peixe. Caiu lá dentro d’água, espantava muito peixe, assim, batendo no chão, lá, aí ele viu cobra. Aí esse menino foi lá perto de cobra. Ele pega rabo assim, puxando assim. (Lá cobra nós chama *moi(n)*, nós chama cobra *moi(n)*, cobra dessa grossura, como gente.) Aí esse menino puxava o rabo da cobra, aí cobra comeu, esse menino. Aí menino não voltaram [voltou] mais. Depois a mãe dele estava chorando, por causa desse menino, mas a mãe dele já sabia que cobra comeu¹²⁷. Aí acabou.

¹²⁷ As sucessivas provas a que é submetido – o menino embora sempre iguais – dão ao mito uma estrutura que se pode considerar iniciática; isto e o fim um tanto abrupto da narração indicam que se trata de uma versão fragmentária e incompleta. Quase esperaríamos ver ressurgir o menino, transformado. De fato, Oberg (1953:108-109) recolheu, entre os Umutina, um texto muito semelhante. Nele, uma moça leva um peixinho lambari para casa, e ele vem a metamorfosear-se num rapaz, que acaba por morrer: de seus testículos se originou a batata doce, dos olhos a pimenta, das orelhas o feijão.

32 - A MOÇA PRENHE DE COBRA

Antigo, tinha moça solteira, mas não tem homem, um rapaz para ela. Só tem irmão, cinco irmão. Mas não tem rapaz para ela. Essa mulher tem vontade de namorar com rapaz, mas não tem um rapaz para ela. Bom. Então essa moça foi para a roça arrancar mandioca. A moça está arrancando mandioca, então ela arranjou ovo lá dentro buraco. Ela pensa [que é] ovo de passarinho, de bacurau, mas não é não. Bom. Acabar de arrancar mandioca, ela ajunta mandioca. Ela ajunta mandioca, vai botando mandioca dentro do cesto. Então ela pega ovo, [e põe] em cima de cesta. Bom. Aí vem de lá. Aí ficou lá na casa, aí ela contava: “Eu arranjei ovo, ovo de passarinho, eu trouxe ovo para mim criar.”

Aí outro procurava ela: “Deixa eu ver ovo.” “Tá aqui, eu vou te mostrar para você.” Aí a moça tirando mandioca, aí o ovo estava quebrado, não tem mais ovo. “Ih!... Ovo está quebrado, não presta mais.” Bom: a mulher estava suando, muito, porque ela carregou muita mandioca. Então o ovo quebrou, água de ovo misturou [com o suor], assim, nela, entrou na coisa [vagina] dela. Bom. Depois, ela foi banhar. Tomando banho lá, lavando sujeira, acabando vem. Chegou lá na casa.

Depois, passa, cinco dias, mais dez dias, aí essa moça prenhou. Essa moça prenhou. Aí o irmão dela achava ruim, porque ela prenhou, sem marido. Aí o irmão dela estava xingando para ela, ficou [com] a raiva: “Ih, porque você prenhou assim, sem marido, você solteira não pode prenhar”¹²⁸. Tem outro irmão dela bom para ela. Depois, irmão[s] dela foi para a roça. Saiu tudo. Só ficou ela na casa, sozinha. Ficando lá, depois vai crescendo, essa, essa coisa [barriga] dela, até crescer, até ficar grande. Irmão dela ficou bravo para ela, também: “Ih, por que você assim? Prenhava, assim não tem

¹²⁸ A atitude não vem de um preconceito contra relações pré ou extra-conjugais, mas do fato de haver gravidez. Não se admite o nascimento de um indivíduo a que falte o apoio social, biológico e econômico da família nuclear. Laraia (1967:28-30) vai mais longe, ao valorizar o papel procriativo do pai e minimizar o da mulher, no quadro cultural desta sociedade tupi. Nisto afasta-se das interpretações que há para o sistema de parentesco xinguanos (Galvão 1953; Dole 1964), que o consideram bilateral. Diz aquele autor: «... deveres recíprocos... existem principalmente em função do pai. Por esta razão, a mulher tupi pode denominar o filho por um termo descritivo que significa «filho de meu esposo». Assim, a existência de filhos sem pai é considerada bastante estranha, levando freqüentemente à prática do infanticídio. Um mito Kamayurá exprime bem o espanto da coletividade diante de uma mulher solteira e grávida: «Por que ela prenhou sem marido? Ela não tem marido. Ela prenhou. Ficou assim, não sei porquê. Ela não tem marido, nós tudo tá certo, nós prenhar está certo, nós tudo tem marido. Agora ela não. Ela sem marido prenhou» (p. 28). Adiante, informa: «Apesar da tendência de alguns autores em considerarem as sociedade xinguanos com bilaterais, estamos procedendo segundo a hipótese da existência de ênfase sobre a descendência patrilinear, conforme uma nossa análise anterior» (p. 29, n. 19).

marido...” Ficou bravo. Aí depois essa mulher estava chorando, ficou assim triste, porque ela prenhou.

Outro dia, irmão[s] dela foi para a roça, foi trabalhar. Depois a mulher saiu na estrada, aí ela viu o fruta, chama macaúba, para nós chama *mokayîp*. *Mokayîp*. Aí ele [ela] viu fruta, aí ela começou a falar: “Ih, aqui tem fruta bom, para comer, eu tem vontade de comer aquela fruta”, está dizendo. Daqui a pouco, essa cobra saiu, nela, então essa moça viu essa cabeça de cobra. Aí essa moça ficou olhando assim, aí a moça falou: “Ih, eu estou assim, como é que eu [estou] assim? Eu pensava essa [que isso era] menino.” Aí essa moça ficou pensando: “Será que aquele ovo que eu peguei, ovo de cobra? Ovo de passarinho?” Ficou assim falando, ficou triste lá, depois voltou, lá na casa. Depois irmão dele [dela] chegou. Aí falou para ele: “Eu não está bom, porque eu pensava aquela, ovo de passarinho, mas não é não. Aquele que eu peguei, ovo, ovo de cobra.” Aí o irmão dele ficou assim pensando. Ficou triste. Aí o irmão dele [dela] pensou: “Bom, então amanhã cedo eu vou procurar árvore, tem fruta. Manhã cedo, eu vou levar você lá, vamos ver que esse cobra vai sair tudo.”

Manhã cedo, ele leva. Aí ele encontrou esse árvore. Aí a moça começou a falar: “Eu tenho vontade de comer aquele fruta.” Aí cobra saiu, cabeça. Cobra vai subindo, na árvore, vai subindo, vai subindo, até tirar fruta. Tiraram fruta para ela. Acabar de tirar, aí cobra desce. Cobra desceu, entrou dentro, nela. Aí o irmão dela falou: “Como é que nós vamos fazer [com] essa cobra?” Aí o irmão dela falou: “Não sei como vai fazer.” Bom. Chegaram lá na casa. “Manhã cedo, eu vou procurar árvore, mais grande.”

Aí o irmão dela saiu, bem cedo. Aí ele encontrou árvore, para nós chama *iwîra*, árvore grande. Ele encontrou, tem fruta, ele voltou. Ele chegou meio-dia: “Aí, encontrei, árvore. Manhã cedo vamos lá, de novo.”

Aí manhã cedo ele leva para lá. Chegou lá na árvore: “Agora você vai sentar aqui; mais longe.” Aí mulher sentou. Aí a moça começou falar de novo: “Como é que vou tirar aquela fruta?...” Aí cobra saiu de novo, saiu cabeça, cabeça dele saiu. Aí cobra subiu, no árvore. Árvore mais [muito] grande, mas cobra não acaba. Até tirar fruta, mas cobra não acabou. (Não saiu não, ainda ficou.) Aí cobra tirou fruta, tirou para ela, aí cobra desce de novo, entrou dentro nela. Pronto.

“Bem, manhã cedo, eu vou sair, vou procurar buriti; buriti. Você pode ficar lá amanhã na casa, amanhã vou procurar buriti.” Aí ficou lá na casa.

Amanhã cedo, bem cedo mesmo, irmão dela saiu. Foi procurar buriti, dentro do mato. Aí ele encontrou buriti. Aí ele voltou. Irmão dela veio fazendo estrada para ela, até sair [do mato]. Aí chegou lá: “Eu encontrei buriti. Vamos ver amanhã cobra vai acabar.”

De manhã cedo, primeiro mulher tomou banho. “Vou tomar banho primeiro.” “Sim, você pode tomar banho.” Aí ela toma banho lá, aí vem. “Vam’bora. Eu encontrei buriti.” Até chegar no buriti. Aí mulher, a moça, senta como está aqui assim [de pernas abertas] lá, lá no carro¹²⁹, buriti está assim, como daqui lá no carro. “Você pode sentar aqui, mais longe.” Aí a moça sentou, aí o irmão dela ficou lá com ela. Aí a moça começou a falar de novo: “Eu tenho vontade de comer fruta, fruta de buriti; quem vai tirar para mim?” Aí cobra saiu. Cobra vai andando, no chão, vai andando, vai andando, vai andando, vai procurando buriti. Até [que] ele [ela] viu buriti. Então cobra subia no buriti. A cobra vai subindo. Mas o buriti muito, muito alto. Muito alto, esse buriti. Aí o irmão dela falou: “Ainda não saiu tudo?” “Não, ainda não.” “Sim; essa cobra não chegou lá, na fruta.” Aí cobra vai subindo. Aí irmão dela procurar: “Ainda não saiu, no rabo?” “Ainda não.” “Então você chega mais para lá.” Aí mulher assim, vai andando, aí o rabo saiu. “Saiu o rabo?” “Saiu.” “Então você pode levantar.” Aí mulher levantou. “Bom. Agora eu vou cortar”, irmão dela falou.

Pega em facão (não é facão não, pedaço de tábuia, que faz assim [gume]), aí o irmão dela vai cortando essa cobra, pedaço, cortando, cortando, até que chega à cabeça. Quando cabeça vem assim, corta cabeça, pronto. Aí saiu tudo. Assim é a história, viu¹³⁰.

33 - HISTÓRIA DE ANTIGO

Bom, vou contar história de antigo.

Antigo, os Kamayurá antigo, uma moça tem vontade de namorar com rapaz. Mas o rapaz, esse rapaz, não tem vontade [de] namorar. Esse antigo. Bom.

Mulher com vontade de namorar com rapaz, mas rapaz não tem vontade namorar com ela.

Então essa mulher foi na estrada, ele [ela] escolheu um toco, pau, ele [ela] escolheu lá, que acha bonito; então mulher ele [escolheu] para namorar esse toco. Depois mulher voltou lá na casa dela, mulher voltou lá lá na casa dele [dela]. Aí mulher ficou assim, meio assim, fica alegre, assim; depois mulher pintou. Mulher estava pintada, assim, de urucu, jenipapo. Bom.

¹²⁹ Indicava um automóvel estacionado a alguma distância. O mito foi recolhido em Brasília.

¹³⁰ O mito Umutina de origem do milho é quase idêntico, envolvendo também a fecundação da moça graças aos ovos de uma anaconda. V. Oberg 1953:108. Esta versão Kamayurá está incompleta, pois não diz que dos pedaços da cobra se originaram os Suyá.

Mulher saiu, foi namorar com o toco. Mas os outros não sabiam que ele namorava com toco. Depois, tem muito rapaz que não tem vontade de namorar essa moça. Tem muita moça, tem muito rapaz. Bom. Depois mulher foi, namorar esse toco. Namorava todo dia, leva beiju para esse pau, leva *kawi(n)*, peixe...(Mas pau não come beiju! Pau não come peixe!... [o in.. ri-se do absurdo]).

Aí, ele [ela] chega lá, mulher abraça esse toco, para ela ele conversa, esse toco. Assim, diz que essa moça está namorando com os outros rapaz, esse pau está dizendo para ela. Para ela, conversa. Namorava lá, namorava, abraçava, fica alegre, assim, depois voltou, na casa. Ela fica todo o dia assim. Todo dia, todo dia.

Bom, então esse rapaz queria namorar com ela. Ele tem companheiro, esse rapaz. Aí ele falou para o companheiro: “Eu vou namorar aquela mulher, aquela moça, estou gostando ela.” Bom, depois esse rapaz foi esperar na estrada. Foi lá atrás do toco, esperar ela.

Primeiro mulher faz beiju, peixe, aí daí a pouco mulher saiu, foi lá na estrada, foi lá assim, meio alegre assim, foi rindo, para o toco, assim. Vai andando, vai andando, assim... Chegou lá. O rapaz pensa que ela vem conversar ele. O rapaz pensa. Depois esse rapaz olhou assim toco, esse rapaz escondeu, sentou assim escondido. Aí mulher abraçava toco, assim, aí mulher falou para esse toco: “Come peixe, come beiju, você bebe, depois nós conversa.” Ninguém escuta essa conversa de toco. Mas só ele conversa. Mulher também conversa toco, mas ninguém escuta, conversa dele. Ficou assim alegre, assim, estava abraçando. . .

Aí, daqui a pouco, acabar de conversar, mulher “trabalhou” toco. “Trabalhou” toco. Aí rapaz ficou olhando assim para ela, assim, ficou assim, falando: “Moça já está assim, conversando assim toco, ‘trabalhando’ toco!... Agora eu vi, essa moça.”

Depois, esse rapaz saiu de lá, foi embora, foi contar para o companheiro dele. Aí o rapaz contou, lá: “Eu já viu moça, estava ‘trabalhando’ o toco. Mas aquela moça tem vontade de namorar, ela arranjou toco para namorar.” Aí o colega dele não acreditou. Amanhã cedo, ele vai de novo, esperar: “Vamos lá esperar ele [ela]. Você vê.”

Aí foram esperar. Aí mulher saiu de casa. Tudo pintada, assim, com jenipapo, leva beiju para toco, peixe, *kawi(n)*, tudo. Aí chegou lá. Aí essa toco estava ciuando essa moça; toco estava ciuando essa moça, ele disse que namorando com os outros, assim. Aí assim. Aí ela, assim, não sei o quê: “Eu não estava namorando, [estou] namorando só você” – abraçava assim, daqui a pouco “trabalhou” de novo. “Trabalhava” lá. Aí esse rapaz ficava olhando, para ela: “Ih, assim!...”

Mulher foi embora.

Amanhã cedo, homem vem, com rapaz. Pega machado lá, para cortar toco. (Machado de pedra.) Aí chegou lá, cortaram toco. Aí jogou no mato. Aí fica lá, esperando. Aí mulher vem, essa moça. Moça chegou lá, não tem mais toco. Moça chorava lá, porque o rapaz cortou o toco. [O inf. ri, divertido.] Aí a mulher chorava lá, assim, ficou triste.

Depois, chegou lá na casa, ele [ela] foi tomar banho, lavou tudo esse corpo de urucu, jenipapo, lavou tudo¹³¹. Bom. Depois, esse rapaz contou para a turma: “Nós vimos moça, namorando toco, a moça estava namorando o toco lá, nós vimos, nós cortemos o toco, nós vimos moça chorava lá, por causa do toco.” Bom. Esse é assim.

34 - HISTÓRIA DA MOÇA QUE QUERIA NAMORAR

Uma moça, antigo, uma moça estava muito doente, porque ele tem vontade de namorar, também. Ela tem muita vontade, mas ninguém quis, namorar. O rapaz, tem muito, antigo, mas não tem vontade de namorar. Bom.

Dois dias, mulher ficou doente, ela [com] vontade, mas ela [com] vontade mesmo: ficou doente. Bom. Depois os outros, mulheres, homens, foi para a roça. Depois volta. Ainda não sabia, esse pessoal, dela. Outro dia, [o pessoal] foi arrancar mandioca; aí depois um rapaz, [diz] assim que entrou lá na casa dela. Aí, entrou lá, não tem ninguém: só ela ficou. Aí um rapaz entrou lá: “Ih, aqui não tem ninguém... Só ficou doente...”

Aí, foi lá perto dela. Aí ele procurou: “O que é que você tem, hem, moça?” Aí não respondeu. Aí ele foi mais assim perto dela, ele procurava de novo: “O que é que você tem, moça?” “Eu estou doente, estou doente muito.” “Por quê?” “Porque, assim... Estou doente mesmo.” Aí, daqui a pouco, começou a falar, essa moça, ela falou para o rapaz: “Você quer me levar, lá fora, para fazer cocô?” “Não, eu não leva você não, eu te mato, você!” “Não, você não mata eu não. Você me carrega.” “Sim. Então eu carrego você.” Ele carregou. Levou lá na fora: “Aqui?” “Não, aqui não, mais para lá.” Aí ele levou mais para lá, um pouco. Aí: “Pode fazer.”

Aí ele [ela] começar falar; começou a falar assim: “Eu quero isso.” Aí esse rapaz procurava: “O quê? O que é que você quer?” “Eu quero essa.” Aí o rapaz procurava assim: “O que é que você quer de mim?” “Eu quero essa!” “Ah, essa não, essa aqui, você faz comigo, eu te mato!” “Não, você

¹³¹ Não se pintar é demonstração externa de tristeza; os enlutados. p. ex., atravessam um período em que lhes é vedado pintar o corpo e cortar o cabelo.

não mata eu não. Se você ‘trabalhar’ eu, fica bom.” “É mesmo?” “É sim.” “Então vamos ‘trabalhar’”. “Olha lá, hem! Eu te mato... Eu te mato você, hem!” “Não, não mato não. Vai ficar bom” [disse a moça]. Aí homem “trabalhou.” “Trabalhar” nela, aí acabou de “trabalhar”, aí essa moça correu, não ficou mais doente não. Ficou bom. Aí moça correu.

Aí chegou lá na casa, chegou pintado ela. (Essa moça estava magro, mesmo, muito magro.) Chegar lá, estava pintado, pintado com jenipapo, urucu, fez o beiju lá muito.

Aí os outros chegou lá da roça, aí os outros olhava nela: “Ih, você já ficou bom? Que foi isso?” “Eu ficou bom mesmo. Porque eu não estar doente mais...” Assim; mas ela não falou como é que foi.

35 - HISTÓRIA DA REDE

Antigo, os Kamayurá usavam uma rede, uma rede com embira. Embira, mesmo. Bom. Kamayurá fica fazendo rede, com embira, só embira; outro faz [com] o capim, outro faz sapé, outro faz outro embira, cipó, [com] qualquer [coisa] ele faz. Bom. Então, as outras tribos, Kamayurá, Kamayurá mesmo, os Kamayurá fala diferente. Então outra tribo fala mesmo assim de fala Kamayurá. Outro Kamayurá não fala como Kamayurá não. Kamayurá fala..., assim, bem diferente. Kamayurá mesmo mas não fala igual. Então os Kamayurá chegou lá na aldeia do Kamayurá, chegou lá, fica olhando a rede dele¹³².

Aí procurava: “Como é que você faz rede, para dormir?” Bom, então outro explicou para ele: “Nós faz rede, para nós, com embira só. Outro faz cipó, outro faz sapé, outro faz de capim. Nós fica assim.” Aí outro falou: “Não é assim não; nós não fica assim. A rede de nós é do fio do buriti.” Aí esse Kamayurá não sabe como é esse buriti não. Não sabe. Bom: “Você dorme bem com embira?” “Não, nós não dorme bem com ela não, aí deixa o corpo doendo, esse, braço doendo, bem, não fica bom para nós.” “Bom; então vou trazer essa rede de nós para mostrar para vocês.” Aí foi embora.

Aí ele chegou lá, está contando: “Eu já viu rede lá, com embira só. Outro faz com raiz de cipó, outro faz capim, outro faz sapé. Aí fiquei assim olhando, com a rede deles. Bom, então expliquei para eles: não é fazer assim rede, vocês não sabem como é que faz rede, eu expliquei para eles.” Aí fica contando lá, no meio da turma. “Bom, quando eu voltar para lá, eu

¹³² Os Kamayurá de fala diferente voltam à cena, e num contexto que parece indicar a existência, no passado, de grupos com dialetos diferentes; indicio que é reforçado por outros informes que obtivemos. Esta narrativa, aliás, não tem cunho mitológico, acentuando-se nela o caráter histórico-lendário e as idéias sobre a difusão de certos elementos culturais.

vou levar rede para mostrar para eles.” Aí passa o dia lá, mais ou menos três dias, aí ele voltou [à outra aldeia], aí ele trouxe o rede.

Aí ele chegou lá. Aí ele mostrou: “Ô, rede aqui. Essa rede mesmo, não é rede embira, não é rede cipó, não é rede de capim.” Aí esse Kamayurá fica olhando, esse rede, acha bom. Bom: “Agora, vou ensinar vocês como é que se faz rede.” Aí ele ficou lá, ficou morando lá. Ficou morando lá. Bom: “Agora vou mandar buscar dois mulher, para trabalhar rede para vocês, para vocês aprender”¹³³.

Aí chamou mulher. Dois mulher. Aí amanhã ele vai tirar buriti. Tira muito mesmo, muito, muito mesmo. Aí ele tira fio, lá. Primeiro tira fio, fio de buriti. Aí esse fio de buriti, leva aí fora para secar. Manhã cedo, ele faz fio, até ficar um rolo assim. Em rolo. Então ele vai tirar a madeira. Dois pau: então ele coloca assim, assim. Então a mulher pega aquele fio de buriti, vai rodando esse pau, vai rodando, até ficar assim [o inf. demonstra]. Mulher pega barbante, para o [rede], como assim, até ficar pronto. Então esse homem pega fio de buriti também, fazer corda, fazer corda, ele fica fazendo. Aí ele está pronto. Depois, corta essa corda, assim, coloca a corda assim, puxa assim, aí vai tirando rede. Aí a rede apareceu, lá: “Assim nós faz rede, lá. Assim feito de embira, não presta. Com cipó, sapé, não presta para vocês”, fica falando para ele[s]. Bom: “Agora vocês faz assim rede. Assim nós faz rede lá”, [está] falando para ele. “Assim ficar melhor para vocês.” Depois fazer rede muito lá, aí vai aumentando, esse rede, vai continuar, aí nasce rede lá. Aí Kamayurá faz rede, lá. Primeiro Kamayurá mesmo, usava rede com embira, cipó, sapé. Agora, os outros Kamayurá, já sabe como é rede. Outro Kamayurá não sabe.

Aí tudo mundo usava rede, lá. Aí saiu rede lá, para ele. Aí não faz mais rede com embira, não fazem mais com o rede de cipó. Aí acabou. Assim começou rede, viu.

¹³³ A confecção de redes é trabalho feminino. Segue-se a explicação da técnica. Obtido o fio de buriti para a urdidura e de algodão para a trama, passa-se à «tecelagem» (na verdade um trançado) da rede. Entre dois troncos de mediana grossura, espetados verticalmente no solo, dão-se muitas voltas da urdidura, horizontalmente e de forma que a trama fique em posição vertical. Depois «tece-se» com uma técnica de trançado de fio duplo (twinned), com os fios duplos dispostos dois a dois e com um espaço entre cada par de fios duplos. A «malha» das redes de homem é mais fechada que a das de mulher. As pontas dos fios de algodão são atadas e cortadas de modo a fazer uma franja muito espaçada ao longo da borda. Por vezes, os três primeiros pares da trama em cada extremo da rede são tingidos com urucu. As alças de suspensão formam-nas os fios da urdidura; as cordas de amarrar são também de buriti e dobradas a meio, tendo quatro ou mais pernadas para cada alça. O seio dessas cordas passa por dentro do seio das alças da urdidura, de modo a daí resultar um nó-direito cujos firmes são de idêntica extensão, servindo para atar a rede a seus suportes, geralmente com uma espécie de volta-da-ribeira.

36 - HISTÓRIA DE PANELA

Primeiro, Kamayurá fez panela. Saiu bem muito bem. Depois. Waurá não sabia ainda, fazer panela¹³⁴. Depois, Kamayurá fazendo muito panela, mesmo. Aí outra tribo, Kuikuro, Kalapalo, trocava panela, só de colar. Colar de unha também, de onça. Antigo¹³⁵.

Depois Waurá viu como é que faz panela, aí Waurá foi tirar barro, lá dentro d'água; mas aqui não tem barro bom, lá só tem lá. Aí o Kamayurá levou o Waurá [e mostrou] como é que tira barro. Aí ele viu. O barro fica parece cera. Parece cera. Bem preto, mesmo. Aí ele trouxe o barro. Aí Kamayurá fez, panela, bem grande. Aí Waurá viu, como é que faz panela. Aí muito, muito panela mesmo, lá no Kamayurá. Muito.

Aí depois Waurá saiu de lá. Porque Kamayurá ensinou ele, a trabalhar panela. Antigo já trabalhou muito panela. Agora não trabalha mais.

Bom. Agora Waurá saiu. Aí ele foi tirar o barro. Aí ele fez panela, aí não saiu bem.

Depois, Waurá veio de novo, aí Kamayurá ensinou ele de novo: “Você faz assim, você faz primeiro, você queima, aí saiu bem. Depois, você pinta com jenipapo, aí fica bom.” Aí Waurá foi embora.

Então Waurá ficava fazendo panela, muito, mesmo. Depois de pinta, assim, aí saiu bem. Depois Waurá falou: “Esse panela, agora vou fazer muito. Só troca colar. Não vai trocar nem arco, nem flecha. Só troca colar.” Aí depois Waurá fez muito panela.

¹³⁴ Quando v. d. Steinen penetrou no Xingu em 1884 e 1887, as tribos ceramistas eram as do grupo Aruak. Lima (1950), que estudou a cerâmica Waurá em pormenor, informa que a única mulher Kustenau sobrevivente (que morava na aldeia Waurá) era excelente nesse trabalho; e que os Mehinaku, conhecendo a técnica, não atendiam sequer às próprias necessidades. Os Yawalapití já não fazem panelas, o que se pode atribuir à falta de matéria-prima. Esta é obtida no leito do Batovi, em ponto afastado da sua aldeia, pelos Waurá. (Parece que perto do Posto Jacaré, da FAB, existe um depósito de argila apropriada, mas não utilizado.) O fato de se dizer que é preta, como cera, vem com certeza da quantidade de matéria orgânica que incorpora (v. Lima 1950). Como têmpera, usa-se a matéria silicosa resultante da queima de esponjas fluviais (*Tubella* sp.). São fabricados os objetos maiores pela técnica do enrolamento, e pela da modelagem os menores; uma combinação de ambas aparece nos tamanhos intermédios. Quanto aos Kamayurá, não há nenhuma notícia histórica a respeito de uma manufatura habitual; mas Galvão (inf. pessoal) verificou que a técnica não é desconhecida entre suas mulheres. À parte o interesse que haja na versão do mito enquanto evidência de uma perdida tradição ceramista – o que é discutível –, cabe ressaltar seu valor como manifestação do profundo etnocentrismo de cada unta das tribos xinguanas.

¹³⁵ Junqueira (1966) identificou o que considera «níveis de valor» no sistema de trocas intertribais, figurando as panelas, os colares e os arcos pretos no mais elevado deles. São também estes os produtos da especialização manufatureira, e aqueles que aparecem no mito das origens como traços distintivos tribais, ou atributos identificadores. Toda troca se processaria no mesmo nível de valor, idealmente. O texto mostra adiante a recusa de objetos julgados impróprios para o comércio.

Então Kuikuro foi lá no Waurá. Esse Kuikuro queria trocar panela com flecha, com arco. Mas Waurá não quis trocar. Então disse para o Kuikuro: “Você pode trocar esse panela, só de colar. Colar de unha, e colar de pescoço.” Aí o Kuikuro voltou, Kuikuro levou colar, colar de pescoço, colar de unha. Aí Kuikuro trocou lá: “Agora está bom. Agora troca panela só [com] colar.”

Aí depois o Kalapalo veio no Kamayurá, ele quer trocar panela com arco branco. Aí Kamayurá não gostou [do arco branco]. Aí Kamayurá disse: “Este arco não presta. Não presta nada.” Então: “Arco bom para nós, esse se chama *iwirapapita(n)ng*”. Aí o Kalapalo não sabe fazer *iwirapapita(n)ng*. Bom. Então Kalapalo chegou lá, trocava panela só colar, com Kamayurá. Então o Kalapalo vem trocar, arco [branco] com o [arco] preto; ele quer trocar com o arco branco. Aí Kamayurá não gostou: “Esse arco não presta. Não atura não. Esse [preto] arco bom.”

Kamayurá ensinou ele a trabalhar arco preto. Tudo dia Kalapalo chega lá, pedia, arco preto, aí Kamayurá achou ruim, então ensinou eles a fazer arco preto.

Depois, Kamayurá não faz panela. Agora só faz panela só Waurá. Quem começou fazer panela, Kamayurá. Waurá não. Waurá que aprendeu. Aí os Kalapalo fizeram arco preto, aí não fizeram mais esse arco branco. Arco não presta. Depois, Waurá fez panela muito, aí os Kamayurá trocaram com ele[s] também, panela. Depois Kamayurá não faz panela mais. O Kamayurá já fez, muito, agora não faz mais. Agora faz só Waurá. Agora, Waurá já sabe bem fazer panela, agora.

37 - HISTÓRIA DE TRUMÁI

Os Trumái antigos não tinham flecha. Só usavam cipó para amarrar viado, tartaruga...

Quiseram pescar: um tirou muito cipó, foi à aldeia e deu [distribuiu] o cipó. Ai pegaram a canoa e foram para o rio, onde havia tracajá. Pararam Ia. Fizeram fogão, bem grande.

Um Trumái caiu n'água, procurando tartaruga, sem respirar, debaixo d'água. Não encontrou tartaruga, só *kari*, um peixe cascudo e com espinho. Aí, o Trumái subiu, e pegaram muito *kari*. Um pegava *kari* no fundo, os outros esperavam. Aí encontrou um bem grande, o *kari* prendeu a mão dele e o Trumái ficou lá, preso. Outro foi olhar, unha uma pedra grande, e [o primeiro] estava debaixo da pedra. Deixaram-no lá, não teve jeito de tirar.

O Trumaí não morreu: estava esperando o *kari* abrir os braços. Demorou muito; bem tarde, seis horas da tarde, o *kari* soltou-o e o Trumaí subiu, logo.

No outro dia, foram pegar tracajá, levando muito cipó. Procuraram e acharam tracajá. Primeiro fizeram fogo, depois caíram n'água.

Depois, os Kamayurá foram pescar e pensaram que eram lontras, capivara, ariranha, e viram o fogo. Mas não viram os Trumaí. Viram também o cipó. Esperaram os Trumaí saírem: caíram n'água bem cedo, às seis horas, e saíram eram dez horas, lá do fundo. Os Kamayurá esperaram.

Tinha [lá] muito beiju de Trumaí, de milho. Aí os Trumaí saíram, com muito tracajá. Aí os Kamayurá perguntaram como é que pescavam. “Pegamos. Não temos flecha, não sabemos flechar. Nossa flecha é este cipó.”

Os Kamayurá mostraram flecha aos Trumaí, disseram que era com aquilo que pescavam. Os Trumaí disseram que não sabiam fazer flecha nem arco. Os Trumaí foram ver pescar com flecha. Antes comeram milho¹³⁶.

Trocaram beijus. Os Trumaí deram muito tracajá, para os Kamayurá levarem. Os Trumaí foram olhar, ver flechar peixe. E depois deixaram os Trumaí no porto. Os Trumaí disseram: “Nós queremos aprender a fazer flecha.”

Os Trumaí ensinaram os Kamayurá a pegar tracajá, mergulhando, mas Kamayurá não tiveram coragem de ir até ao fundo.

Os Kamayurá foram dizer ao [seu] chefe que os Trumaí queriam aprender a fazer arco. Aí o chefe falou: “Bom, primeiro vamos brigar com os Trumaí.” Ficaram escondidos [emboscados] no pesqueiro de tracajá. Os Trumaí vieram, de canoa, sem flechas. Fizeram fogões, caíram n'água, e os Kamayurá foram esperá-los, perto do fogo. Aí os Trumaí saíram; os Kamayurá disseram: “Queremos tracajá.” “Está bem, vamos primeiro assar.” Deram muitos tracajás. Primeiro os Kamayurá comeram, depois, depois os Trumaí. Aí os Kamayurá mataram todos.

¹³⁶ Ver o contraste entre os índios de cultura xinguana e os recém-chegados: não tinham flechas, comiam carne de tracajá com beiju de milho. Os do Xingu tinham flechas, alimentavam-se de peixe e, verifica-se no fim do relato, de mandioca. Uma observação de v.d. Steinen é significativa: «Os Trumaí tomaram emprestados, em parte dos Nu-Aruak e em parte dos Tupi, os nomes das plantas úteis mais importantes... Revelam-nos a língua e a tradição que só mais tarde os Trumaí foram instruídos na agricultura por seus vizinhos, e encontramos entre eles plantações extensas e otimamente cuidadas» (Steinen 1940:247). Max Schmidt refere-se aos tão temidos Trumaís, «que sabem dormir debaixo d'água e do fundo dela atiram flechas sobre seus inimigos» (1942:73). De passagem, diz v. d. Steinen: «Se os Trumaí, como deles se afirma, fossem animais aquáticos do fundo do rio...» (1940:240) Viria esta crença de uma versão Trumaí do mito das origens: Awanaxe Kute parecia peixe e vivia n'água. *Wamutsini* – equivalente Trumaí de *Mavutsini(n)* – pescou-o e deu-lhe a definitiva e bela forma humana (Murphy & Quain 1955:74).

Depois, os Trumaí foram lutar com os Kamayurá, sem flecha. Quando chegaram, na aldeia dos Kamayurá, levavam só varas para brigar¹³⁷. Os Kamayurá ganharam, mataram todos. Pegaram um [prisioneiro]. Ensinarão-no a fazer flecha, arco, borduna, tudo. Aí os Kamayurá disseram ao chefe dos Trumaí: “Agora vocês sabem fazer arco, não podem mais brigar com Kamayurá.” Os Trumaí fizeram muitas flechas, arcos. Os Trumaí, aí, aprenderam a fazer roça de mandioca¹³⁸.

38 - OS TRUMAÍ APRENDEM YAWARI COM AYANAMA

Ayanama brigava com Trumaí, mas queria casar com Trumaí. Ele era Trumaí. Aí *Ayanama* foi embora, porque os Trumaí não gostavam dele. Depois os Trumaí brigaram. *Ayanama* foi para a aldeia dele. Os Trumaí ficaram tristes, tinham apanhado. Fugiram para o mato, com medo de ir para a aldeia.

Um Trumaí saiu, ficou no mato sem comer, bem magro. Todos os dias, dormia no mato, e procurava *Ayanama*. Um dia achou mato queimado, lá dentro do mato, achou roça. Era de *Ayanama*, estava seca, por causa dos porcos do mato¹³⁹. Tinha mandioca, cana, cará... O Trumaí pegou cana e chupou; pegou batata, cará, e comeu; dormiu no meio da roça.

¹³⁷ O contato primeiramente pacífico não excluiu a traição posterior; e o revide Trumaí usando «varas só para brigar» seria alusão ao passado uso guerreiro do propulsor, a cujo respeito há notícias em v. d. Steinen (1940:140-141) e Max Schmidt (1942:365). Descrevendo seu inopinado encontro com os Trumaí perseguidos pelos Suiá, em 1887, refere o primeiro autor (1940:154): «os homens pegaram em armas e juntaram-se, num aglomerado delirante e frenético, sacudindo os arcos, as flechas e os dardos». O grifo é nosso. O uso estender-se-ia aos Trumaí e Aweti (Steinen 1940:140-141). Hoje, a arma serve só para o jogo do *yawari* (v. Galvão 1950; e mito 28), já existente naquela época.

¹³⁸ O prisioneiro de guerra é mostrado como veículo de difusão cultural e como agente aculturativo. A adoção pelos Trumaí dos padrões de cultura xinguanos (ou quando menos de muitos de seus elementos culturais) e sua resultante integração no sistema de relações pacíficas são sintetizadas na declaração dos Kamayurá ao chefe Trumaí. Há evidências concretas do prisioneiro que aprende e ensina técnicas: as canoas de tipo juruna foram introduzidas entre os Trumaí por um de seus membros, algum tempo preso pelos Juruna (Murphy & Quain, 1955); estas canoas, aliás, foram também trazidas para os Kamayurá por Marika, que viveu com aquele outro grupo Tupi, onde aprendeu a técnica de sua fabricação.

¹³⁹ Os porcos do mato obrigam que se façam cercas de pau nas roças, nem sempre eficientes. Sua ação, aliada à das formigas, chega a destruir 50% da produção potencial de uma roça, atacando os porcos as plantações e a saúva os estoques nas aldeias. Isto obriga a plantar uma «margem obrigatória» além da necessária para o consumo, margem essa que não se confunde com o excedente estocado para os primeiros meses das chuvas. Estes resultados correspondem a observações realizadas entre os Kuikuro (Carneiro 1956, 1961), mas a uniformidade do sistema adaptativo na área permite, provisoriamente, generalizá-los.

Uma mulher da família de *Ayanama* veio buscar lenha, viu rasto, procurou até achar o Trumaí sentado. A língua de *Ayanama* era Trumaí. Conversou com ele, ele contou por que tinha fugido para a aldeia de *Ayanama*. Aí foram para a casa de *Ayanama*; chegaram lá, o pessoal de *Ayanama* jogava muito *yawari*.

Ayanama aceitou [que ficasse na aldeia], deu-lhe rede. Disse-lhe que ia aprender a dançar *yawari*, deu-lhe o *yawari* [propulsor e dardo] e enfeites. Trumaí aprendeu a jogar e treinar. Todo o dia ensinavam. Depois, [*Ayanama*] fez festa de *yawari*, mandou os *pareat* chamar os índios de outra tribo¹⁴⁰.

Os outros mandaram avisar que demoravam cinco dias. [Enquanto] esperavam, não comiam peixe, não “trabalhavam” *kunya(n)*, só podiam comer caça, batata, cará, beiju¹⁴¹. Cinco dias depois os outros chegaram, e o Trumaí dançava, com todo o pessoal de *Ayanama*.

A outra tribo chegou. À noite, foi treinar no *taa(n)ngap* [boneco]¹⁴². O pessoal de *Ayanama* foi treinar também.

Os da outra tribo dormiram no mato. *Ayanama* mandou fazer *kawi(n)*, depois os *pareat* foram levar comida e bebida à outra tribo. (A comida é do chefe, mas *pareat* é quem leva. Só se chama uma tribo)¹⁴³.

¹⁴⁰ Galvão (1950) descreveu e interpretou o *yawari*, enquanto mecanismo de canalização ritualizada de impulsos hostis. No texto, um antigo inimigo deixa de o ser e aprende *yawari*. No mito seguinte, 39, vê-se que há consciência do antagonismo e dos sentimentos que motivam os participantes de um jogo competitivo. No caso do *yawari*, do «arremesso de paus», da luta corporal e do jogo de bola, opunham-se ou opõem-se duas tribos; isto é, a competição desenvolve-se entre dois grupos sociais definidos, autoconscientes e opostos: autoconsciência essa reforçada pela própria oposição.

¹⁴¹ Além destas restrições, também não se pode dormir na noite anterior ao jogo: sonhar com ferimento ou derrota acarretaria o ferimento ou a derrota. Pode-se comer carne, o que não é hábito comum. No dia seguinte ao do envio dos *pareat*, bem cedo, e depois de tomar banho, usam um emético de folhas de *yawa'ip* e raízes de *'apo* maceradas n'água, e também da raiz *mo'itsé'em* (raiz doce). A seguir vomitam dentro da lagoa, ajudando-se nisso com os dedos enfiados na garganta. Após o vomitório é que não podem mais comer peixe e ter relações sexuais. É possível que isso se ligue à sensibilidade olfativa dos *mama'e(n)*, mas de momento nada podemos adiantar. Não tendo de lutar, o «dono da festa» está isento de restrições.

¹⁴² O *taa(n)ngap* é feito de palha de buriti, e serve de alvo para os treinos que precedem o duelo com propulsores, entre membros das duas tribos participantes. (De população, e fatores externos – desejo de tornar mais espetacular a festa –, estão levando a que participem do *yawari* mais de duas tribos. A antropóloga Carmen Junqueira comunicou-nos ter observado a cooperação de Yawalapití num *yawari* promovido pelos Kamayurá, sendo convidados os Kalapálo e Kuikuro; recentemente, vimos os mesmos dois grupos cooperando na aldeia Kamayurá, e tendo como visitantes Waurá e Mehinaku – o que parece indicar uma tendência para a institucionalização da nova forma da festa, pelo menos entre os Kamayurá.) Os dardos têm ponta romba revestida de cera, e só podem atingir as pernas.

¹⁴³ O «chefe», isto é, o «dono da festa». A este cabe fornecer a comida necessária. O *yawari* é uma festa de propriedade fixa e hereditária, e pertence, nos Kamayurá, a Kurimata, mulher de *Takuma(n)*:

De manhã pintaram-se todos. O sol nasceu, foram treinar, duas vezes. Depois o *pareat* chamou a outra tribo.

Dançaram rodando, primeiro os da aldeia, depois os outros. Depois separaram-se: os da aldeia de um lado, os outros do outro, com os chefes sentados no *apikap* [banquinho] na frente deles. (O chefe da aldeia fica de pé.) O pessoal de *Ayanama* acertou. Dançou alegre, à volta do terreiro. Os outros ficaram tristes.

Aí Trumaí aprendeu a jogar *yawari* e voltou, para ensinar aos outros. Aí os Kamayurá aprenderam com os Trumaí¹⁴⁴.

39-COMO COMEÇOU O JOGO DE BOLA

Quem começou o jogo de bola [*ma(n)ngap amomoap*]¹⁴⁵ foi a onça.

Warakuni(n) estava namorando sua irmã e “trabalhando” ela, comendo. Aí o pai [deles] bateu-lhe. Aí *Warakuni(n)* disse à irmã dele; “Ago-

como mulher, não pode exercer as funções «executivas» do cerimonial, que delega a seu marido; este, por extensão, passa então a ser considerado também «dono». Também no Kwarip os visitantes não podem dormir dentro da aldeia, e acampam no mato: neste caso, os motivos são de ordem mágica e simbólica. O *pareat* é sempre o intermediário entre os dois grupos em confronto.

¹⁴⁴ O mito da origem da festa registado por Galvão (1950:355) é diferente. Quem sabia *yawari* eram os Kawabib; *Kwat* jogou *yawari* com o filho do herói Kawabib, *Panbeta e*, acertando-lhe na cabeça, matou-o, e os Kawabib acabaram. *Kwat* depois trouxe o jogo, ensinou-o aos Kamayurá, mandando-os atirar na coxa para não matar. Mas o mesmo autor refere a tradição histórica da introdução pelos Trumaí. A favor desta tradição estaria uma notícia de v. d. Steinen: «Os Trumaí empregavam um método singular (de proteção peniana)... Atavam o prepúcio diante da glândula com fio de algodão geralmente tinto de urucu. A extremidade anterior do pênis assemelhava-se a uma ponta de chouriço» (1940 :235). Em 1965, observamos, no Posto Leonardo Villas Boas do P. N. X., um índio Kalapálo com o mesmo tipo de proteção, que, como se sabe, não é própria dos xinguanos. Mas este caso único assume outras proporções, devido ao fato de se acharem os Kalapálo a caminho de um *yawari* na aldeia Kamayurá. Se bem que indício mínimo, poderia tratar-se de persistência de um traço, em contexto ligado aos introdutores do jogo. Ainda sobre este, v. Schaden 1965: 76 n.

¹⁴⁵ *Ma(n)ngap amomoap*, lit. «jogo da mangaba». O nome deriva-se de ser a bola utilizada feita com o látex da mangabeira; chama-se *ma(n)ngap aruwiyp*, «mangaba grande». O campo de jogo, *ma(n)ngawarape* («caminho da mangaba»), tem desenho semelhante ao das sepulturas dos indivíduos da classe morerekwat, ou antes, da cerca que as envolve, sendo, no entanto, de maior extensão. O mesmo desenho ocorre, construído com sapé e varas, pelo lado de dentro do teto da casa do capitão Kamayurá. Deve recordar-se que quando as mulheres mandadas por *Mavutsini(n)* se aproximaram da aldeia das onças, estas estavam jogando bola (v. mito 1). Uma das descrições que obtivemos da bola – houve várias, e discrepantes, prestadas por informantes Kamayurá –, aproxima-se desta: «Os Aweti possuíam bolas de borracha, mas de consistência maciça. A seiva duma figueira ou da mangabeira é enrolada sobre o peito para dar-se-lhe a forma duma pequena esfera que em seguida é macerada com água de cinza; fazem-se furinhos em toda a superfície da bola, de modo que parece revestida dum trançado. Tingem-se as bolas com vermelho de urucu» (Steinen 1940:424). É a primeira referência histórica a respeito.

ra vou embora, não vou ficar mais aqui não.” Não quis mais ficar com o pai dele¹⁴⁶.

Aí pegou *kamayiwirawi(n)* [taquari] e fez *moí(n)buku* [cobra grande] e ela começou a andar, e ele foi montado nela. E foi-se embora, montado, viajando na cobra grande, passando pelas aldeias e dizendo que ia à casa do tio. E o pessoal das aldeias ensinava-lhe a estrada da aldeia [do tio]¹⁴⁷.

Aí chegou na aldeia de *Terutsi(n)* [rolinha “fogo-apagou” e disse que ia na casa do tio. O passarinho disse que era perigoso, se fosse lá, o tio, a onça, podia matá-lo. Aí ele ficou naquela aldeia, e *Terutsi(n)* mostrou [como havia fartura], dizendo que comia só beiju, outra coisa não. *Kawi(n)* também, peixe, tudo.

Aí *Nyapakaní(n)* [gavião] começou a cantar, e o rapaz ficou ouvindo, dizendo que era o passarinho do tio que estava cantando. A onça criava o *Nyapakaní(n)*. E o rapaz disse: “O caminho é por aqui.” Então *Terutsi(n)* foi buscar polvilho da onça e trouxe, e fez beiju [para o rapaz].

Aí o rapaz chegou lá fora, assim, perto da casa da onça; a moça estava varrendo a casa e foi deitar o cisco no mato. Ele chamou a moça, ela mandou esperar. E voltou, entrou lá, voltou de novo e chamou o rapaz.

Warakuni(n) entrou: a moça disse que os pais não estavam, estavam pescando. Aí entrou dentro de casa, ela puxou o banco e sentou, e puxou a cerca dos meninos presos, *mìrìtsi*, e *Warakuni(n)* ficou preso lá dentro, com a moça.

¹⁴⁶ O texto não explica se é irmã biológica ou classificatória, mas o contexto indica antes o primeiro caso. Em termos do mito e das regras de casamento, *Warakuni(n)*, é, de qualquer forma, culpado de relações incestuosas. Ao bater-lhe, e ao acarretar com isso o afastamento do filho, o pai faz prevalecer a regra de exogamia na família nuclear – estabelecendo porventura aqui o paradigma mítico para esse comportamento. Não é preciso dizer que a regra existe e aplica-se tanto aos casamentos intratribais como aos intertribais; e é deste último caso que trata o presente mito, das atitudes e sentimentos que suscita e das formas de os enfrentar e resolver. Abandonando sua casa. *Warakuni(n)* vai buscar mulher fora, e na desta – que é noutra aldeia, das onças – sofre a hostilidade de seu grupo familiar imediato (os sogros) e dos demais membros do grupo da esposa. O que corresponde às relações de evitação com sogros e cunhados, e a atitude pouco receptiva dos homens da tribo para com aquele que, vindo doutra, nela se casou, coisa por nós observada na prática. Segundo nosso intérprete, o personagem principal acaba por se ir da morada dos sogros. Isto conforma-se ao que se verifica: residência matrilocal temporária, seguida de residência patrilocal ou mesmo neolocal. Neste caso, comum dos outros grupos co-residenciais e não em construção isolada, aproveitando a flexibilidade das regras residenciais para procurar um melhor ajustamento. Cabe ainda dizer que a matrilocidade temporária não se aplica aos «capitães»; e que há casos em que um homem, casando fora de sua tribo, passa a viver na que adotou, definitivamente, acabando por ser aceito. Sobre as normas que presidem os matrimônios, v. Galvão 1953.

¹⁴⁷ *Warakuni(n)*, abandonando as relações incestuosas com sua irmã, parte para a casa do tio, onde achará mulher: o «tio» é, obrigatoriamente, um «irmão» da mãe, dado o sistema de parentesco Kamayurá; mais adiante é isto confirmado textualmente. O casamento com as primas cruzadas, já foi dito, é considerado preferencial.

Então a moça disse: “Daqui a pouco meus pais vão chegar, agora você vai comer isto.” Era milho torrado. Aí a moça estava ensinando *Warakuni(n)* a lutar como o pai dela lutava, *buka-buka*. Sempre o pai dela ia pescar, e a moça ensinava o rapaz a lutar.

Aí a onça encontrou a cotia, e queria matá-la. A cotia disse: “Não me pode matar não. Por que não mata aquele rapaz que está namorando com tua filha?”

Então a onça chegou em casa, disse à filha dele: “Cadê, minha filha, o rapaz que está namorando com você?” Aí abriu o *mìrìtsi*, tirou o rapaz, pegou o *apikap*, e puseram o rapaz no meio da casa: a onça examinou-o, procurando arranhão (mesmo o menor). Se tivesse, ela comia [o rapaz]. Então o rapaz não tinha nada. Aí a onça examinou, examinou tudo, tudo mesmo. A mulher dele também, e não achou nada.

As quatro horas, foram lutar com o rapaz. O rapaz ganhou da onça, e da mulher e da mãe da onça. Se perdesse na luta, a onça comia-o. (Eles estavam já casados [o rapaz e a moça].)

Depois a onça matou a anta e deixou-a lá, até apodrecer. Aí falou para a filha dele: “Minha filha, agora manda o rapaz apanhar a anta.” Aí [essa] mulher falou para o rapaz, ensinou assim, como se apanha bicho podre. Enfiou-lhe algodão no nariz, para não sentir o cheiro de bicho podre.

Quando o rapaz foi, a onça foi também, escondida, devagar. Ai chegou lá, o rapaz pegou a anta podre e veio, correndo. A onça já tinha feito o lugar da anta ficar, que chama *tupe* (aquele cesto raso que parece peneira). Aí o rapaz chegou, sentou, e a onça limpou o rapaz todo, com a língua, e quando acabou o rapaz entrou dentro do quarto onde morava.

Aí a onça preta encontrou a cotia, que disse que *Warakuni(n)* namorava sua filha. (Esta onça era parente da onça e por isso era pai também, porque era irmão da onça.)

Aí a onça preta chegou, examinou tudo, no pescoço, mas não tinha machucado nenhum. Aí parou.

De tarde o rapaz foi lutar com a onça preta, e ganhou também, não perdeu.

Aí veio também a onça vermelha, examinou o rapaz. Nada. À tarde foi lutar com ele, também. Nada: perdeu. De tarde a onça vermelha foi lutar com o rapaz, de novo.

Aí vieram uma porção de onças, também, e *Tarawi(n)* estava também com elas, essa onça pequena (gato do mato). Ele [o rapaz] lutou e ganhou dessas onças todas. Mas ele não lutou com o *Tarawi(n)*. Se ele lutasse, o rapaz perdia de *Tarawi(n)*.

Chegaram, antes do meio-dia, todas as onças: “Agora, vamos jogar bola, ver se esse rapaz é bom para jogar a bola, mesmo.” Aí primeiro trouxeram pedrinhas do tamanho de bolas, para treinar. Aí, sempre eles jogavam. A onça pensava que o rapaz não sabia jogar bola. Jogaram pedrinha para o rapaz: se ele não soubesse, tinham-no comido. Jogaram muito, até *Warakuni(n)* cansar, e aí a mulher [dele] foi jogar [substituiu-o]¹⁴⁸.

Aí dormiram, levantaram e saíram com a pedrinha, e a onça disse: “Quem vai jogar primeiro?” Sua mulher respondeu: “Quem vai jogar primeiro sou eu.” Aí jogaram, jogaram, com pedrinhas assim [o inf. mostra o círculo formado pelo indicador e polegar, juntos]. O rapaz quase matou o sogro com a pedrinha, porque o rapaz era bom mesmo.

Depois foi de novo a mulher da onça, e o jogo foi igual, como quando jogou com o sogro. O rapaz sabia jogar porque sua mulher tinha ensinado, escondido, tinha ensinado a lutar. A moça chamava-se *Kura(n)m*.

E o jogo foi de novo. A onça jogava para o rapaz, ele pegava logo, e o rapaz jogava para a onça que pegava também. A onça queria matar o rapaz com aquela pedrinha. Aí entrou a mulher do rapaz, no lugar do rapaz, jogando a pedrinha também. Aí a onça disse: “Ah, *Kura(n)m*, *Kura(n)m* é danada, não sei como arranjou esse rapaz.” Todos queriam casar com ela, e todos que iam lá, as onças comiam, passavam o dente¹⁴⁹. Só *Warakuni(n)* escapou, sem nada, porque era bom mesmo. Aí acabou de jogar com todas as onças, com a pedrinha.

Então começaram a jogar com a bola. O sogro podia jogar com ele mas não quis, e passou-o para jogar com a turma dele [onça]. Aí foram jogar bola com ele [*Warakuni(n)*], e eleamulher estavam jogando bola, juntos¹⁵⁰.

¹⁴⁸ Não temos evidência alguma da participação de mulheres no jogo, quer através de nossos informantes indígenas, quer da comunicação epistolar amavelmente feita pela antropóloga Ellen Becker, que o observou entre os Kalapálo, ao iniciar-se a época do piqui em 1966. Aliás, o significado do mito e do jogo não se deve esgotar no que dissemos em notas anteriores, ou nas que se seguem: mas, por enquanto, ainda não penetramos nos possíveis simbolismos de ambos, que poderiam estar relacionados com a maturação dessa fruta, ou com o status de chefia: é de recordar que o desenho que marca a casa do «capitão» e as sepulturas dos morerekwat tem a forma do *ma(n)ngawarape*. Sendo que é essa a designação que recebe o existente na casa do chefe.

¹⁴⁹ É patente o sentimento de hostilidade vigorante nas relações do rapaz com seus parentes por afinidade; a semelhança dele com o existente entre a sogra e a nora no mito de origem de Kwat e Yai, torna-se por demais evidente. Por outro lado, vê-se como o jogo e, atrás, a obrigação de ir buscar um animal podre assumem as características de uma série de provas, incluídas num estágio probatório, correspondente ao período (probatório?) em que o recém-casado reside na casa dos pais da mulher.

¹⁵⁰ Repare-se como, face à atitude hostil do grupo formado pelos afins, a esposa passa a formar com o marido um outro grupo que se lhes opõe. É interessante ter Oberg observado (1953:45-46) que o genro e sua mulher deviam pendurar as redes no extremo oposto ao ocupado na casa pelos seus sogros. Pessoalmente, não temos confirmação para o fato, antes pelo contrário; por exemplo, Tawapi,

Pelas quatro horas, a onça foi lutar. Aí falaram para *Kura(n)m*: “Agora é bom de lutar com agente, *buka-buka*.” Primeiro lutou com o sogro, o rapaz ganhou. Depois foi a mulher da onça [a sogra do rapaz], e o rapaz ganhou. Aí *Kura(n)m* disse: “Não derrube mamãe com força, para não machucar a velha.” Aí a moça disse: “Ah, *Kura(n)m*, você não pode ficar falando assim para a gente, porque a gente sabe lutar muito bem.” Depois, o outro sogro [isto é, o irmão do sogro] foi lutar com o rapaz.

Aí saíram de novo, de manhã, e foram jogar bola, pedrinha, de novo. Sempre que começavam, era com pedrinha, depois com bola. Com aquela pedrinha, queriam matar o rapaz, mas de sabia jogar pedra mesmo, quando a onça jogava a pedra, ele pegava-a mesmo. (“Aqui [na aldeia Kamayurá] havia pedra. Mas ninguém tinha coragem de jogar com ela; só com a bola. Mas no começo, aqui também jogavam. Se jogassem só bola, não tinha graça, não adiantava” – [esclarece o intérprete].) Aí jogou, primeiro o marido da onça com o rapaz, depois a mulher dele com o rapaz [isto é, primeiro a onça macho, depois a fêmea]. E como ele era bom, jogava bem.

Depois, *Kura(n)m* foi jogar contra o pai; e todas as onças jogaram com o rapaz. De manhã jogavam, e à tarde jogavam também, sem perder um dia. Às quatro horas foram lutar também, de manhã jogavam, de tarde lutavam. Primeiro foi o pai de *Kura(n)m*, depois sua mulher, depois o resto das onças que havia lá. Aí foram jogar bola também, quando terminou a luta. Porque *Kura(n)m* ensinava ao rapaz, sempre, quando o pai saía; quando ele voltava, paravam de treinar, luta e jogo de bola.

Começou [o jogo] antes das onze horas, [até que] acabaram as flechas (que se davam quando ganhavam)¹⁵¹; aí pararam de jogar, porque não tinham mais com que pagar. Então *Tarawi(n)* foi lá na casa da onça e

o gênero e a mulher deste tinham, normalmente, as redes armadas junto umas das outras, sem que isso implicasse falta de respeito Ou quebra da etiqueta prescrita nas relações sogro-gênero (de evitação).

¹⁵¹ Na competição intertribal (há também treinos intratribais como o observado por E. Becker), os adversários têm direito a flechas e a todos os enfeites corporais usados pelo perdedor. Não deixa de ser curiosa a semelhança deste prêmio, do campo estreito a meio e alargado nos extremos, e das regras que impedem tocar com a mão na bola após o lance inicial, com o prêmio, campo e regras do «jogo de pelota» centro-americano. Ao que se poderia ainda somar a coincidência entre o papel importante desempenhado pelas onças no mito Kamayurá e o fato de ser um Templo dos Jaguares a presidir ao Juego de Pelota de Chichén Itzá. Vale também a pena comparar o caráter do jogo como o revela o mito maia-quiché de Hun-Hunahpú, Vucub-Hunahpú, Hunahpú e Ixbalanqué, com aquele de que se reveste no mito Kamayurá. Na série de provas a que são submetidos, principalmente os dois últimos, pelos Senhores de Xibalba, o jogo de bola é uma tentativa contínua de dar morte aos heróis – que acabam por vencer. Por fim, cabe dizer que *Ixbalanqué* se pode traduzir como «pequeno jaguar», (mas também «pequeno feiticeiro»). No entanto, não bastam estas aproximações para fundamentar uma hipótese difusionista (v. Recinos 1947:120-185).

encontrou o rapaz e disse: “Se fosse eu, quando lutasse com você, ganhava.” “É bom que você fale [isso]: eu não quero lutar com você.”

Aí [*Tarawi(n)*] chamou-o para lutar. Ele disse: “Não quero, eu quero é lutar com a onça.” Então a onça pequena [*Tarawi(n)*] convidou o rapaz para tomar banho, dizendo: “Então, companheiro, você está aí mesmo, companheiro.” *Tarawi(n)* disse ao rapaz: “Eu soube que você está aí, casado com a filha da onça.” Chegaram ao rio, tiraram o *inimo(n)* [ligaduras de algodão] de joelho e braço, e ficaram sentados, lá. Tomaram banho, e *Tarawi(n)* disse: “Se fosse eu, ganhava de você.” “Não, eu ganhava de você”, disse o rapaz. *Tarawi(n)* repetiu, e convidou para lutar. Aí foram lutar e a onça pequena ganhou mesmo, do rapaz, e disse: “Está vendo? Se eu fosse lutar com você, ganhava, e a onça te comia mesmo, naquela hora.” Aí o rapaz falou: “É bom que você não tenha lutado comigo, se lutasse eu já estava comido.” E *Tarawi(n)* disse: “É bom mesmo, senão a onça já tinha comido você. Se fosse eu, a onça já tinha comido você, todas as lutas eu ganho.” Aí o rapaz ficou sem graça, só rindo, quando a onça pequena ganhou dele. Passaram dois dias e voltaram a jogar bola.

Aí foram embora, a turma da onça, e *Tarawi(n)* também, porque tinha vindo junto. Aí foram também, voltaram e foram de novo, para jogar, porque queriam matar o rapaz. Aí passaram cinco dias, voltaram para jogar bola; chegaram de tarde, entraram na casa de *yakui* e ficaram todos alegres, [e ali] dormiram.

(A turma da onça tinha raiva do rapaz, por ciúme do rapaz. Por exemplo, se eu casar com moça de Kalapalo, eles ficam com ciúme. Assim mesmo eles estão fazendo com o rapaz. [Este parêntese explicativo é do intérprete])¹⁵².

Começou assim: o rapaz ganhou de todas as onças, aí de manhã saíram com bolinha de pedrinha também. Pararam ao meio-dia porque as flechas acabaram, porque cada um recebeu flechas [o intérprete indica o quinhão individual, fazendo o gesto de quem abarca um molho de flechas com ambas as mãos], porque todos tinham jogado direito, ganhado muito. À tarde a flecha acabou, cada um ganhou um monte de flechas.

“É, tem razão mesmo”, disse a onça, “o rapaz é filho de minha irmã.” Aí a turma da onça foi embora, dormiu três dias e voltou de novo. Chega-

¹⁵² Se não bastasse o decorrer do mito, este parêntese do intérprete eliminaria quaisquer dúvidas quanto ao fato de haver consciência do antagonismo e hostilidade latentes nas relações do indivíduo que casa noutra tribo, com os membros do grupo que lhe cede uma mulher; o que, aliás, transparece em grau menor, e no seio do pequeno grupo de afins, nas tão citadas regras de evitação, quando se trata de casamentos intratribais. Verifica-se também como o jogo é visto: expressão e canalização ritualizada desses antagonismo e hostilidade.

ram, bem de manhã, com um mundo de flechas, que todo o mundo trouxe, para ganhar.

Por último, foi o rapaz jogar com a onça vermelha, que queria matar o rapaz, e jogar com força. Mas o rapaz pegou logo a pedrinha. Aí o rapaz pegou aquela pedrinha e jogou lá no peito da onça vermelha, arrancando-lhe o cabelo do peito. Por isso ela até hoje tem pouco cabelo no peito. *Warakuni(n)* foi quem arrancou o cabelo do peito dele [onça], por isso agora a onça vermelha tem pouquinho cabelo no peito.

Às onze, a flecha acabou. Descansaram pouquinho, aí começaram de novo, a jogar. Aí acabou, e foram embora, a turma da onça foi embora. Aí o rapaz disse: “Estou com medo já, não vou ficar aqui muito tempo, vou embora daqui.” Porque todo o dia as onças vinham jogar com ele. Estavam querendo comer o rapaz. Aí começaram a jogar pedra, sempre que [se] joga bola tem de começar na [pela] pedra, depois a bola. O rapaz ganhou tudo, da onça, e a mulher dele ficou satisfeita, alegre.

Aí acabou a flecha e guardaram a bola. Saíram de novo [para jogar] e quando ficou bem de tarde, acabaram as flechas. O rapaz queria ir embora, porque estava com medo mesmo. E dizia isso, sempre, à mulher dele.

Acabou a história, está no fim.

[O intérprete acrescenta: “O rapaz foi embora de lá, porque estava com medo”].